FLAMAS TEMÁTICAS

QUESTÕES DOUTRINÁRIAS
À LUZ DO ESPIRITISMO

Jorge Hessen

2014

Data da publicação: 04 de janeiro de 2013

CAPA: Irmãos W.
REVISÃO: Irmãos W.
PUBLICAÇÃO: www.autoresespiritasclassicos.com
São Paulo/Capital
Brasil

Dedicatórias

Se conhecem os legítimos idealistas pelas coesas opiniões que enunciam e Jorge Hessen representa um aguerrido escritor espírita da atualidade. Através dos seus estudos e pesquisas tem o contribuído para a divulgação dos mandamentos do Cristo sob a perspectiva espírita, confortando os homens que ignoram a verdadeira finalidade da presente reencarnação.

(Irmãos W.)

Explicação preliminar

Jorge Hessen, escritor espírita, analisa temas da atualidade tendo como objetivo a difusão da Doutrina Espírita, destacando na medida do possível os ditames da reencarnação e da imortalidade da alma.

Seus artigos sugerem melhor entendimento da vida imortal e devem ser apreciados por pessoas que não se contentam com superficialidade da vida regida pela tirania do materialismo.

*

> “Dia virá, em que todos os pequenos sistemas, acanhados e envelhecidos, fundir-se-ão numa vasta síntese, abrangendo todos os reinos da ideia. Ciências, filosofias, religiões, divididas hoje, reunir-se-ão na luz e será então a vida, o esplendor do espírito, o reinado do Conhecimento.”
>
> Léon Denis

*

Fontes da consulta
A Luz na Mente » Revista on line de Artigos Espíritas
http://jorgehessen.net/

E.mail de contacto do autor
jorgehessen@gmail.com

Índice

Apresentação do autor

Jorge Luiz Hessen nasceu no antigo Estado da Guanabara, atual Rio Janeiro, no dia 18 de agosto de 1951. Vive a vida inerente àqueles que vieram ao mundo a fim de despertar para um projeto mais alto, acima dos prazeres da Terra. Teve uma infância pobre, de pais separados, com mais dois irmãos. Na juventude teve seu primeiro contato com fatos da mediunidade através de uma incorporação de seu irmão mais novo. Ficou impressionado, pois sabia que o irmão seria incapaz de dissimular um fenômeno de tal magnitude. Aquele episódio o levaria, mais tarde, a chegar às portas dos princípios codificados por Allan Kardec.

Aos 20 anos de idade ingressou, por concurso, no serviço público, onde até hoje permanece. Foi durante 5 anos diretor do INMETRO no Estado de Mato Grosso. Executou serviços profissionais junto à Universidade de Brasília, durante 4 anos, na condição de coordenador de provas práticas de concursos públicos realizados pelo CESP.

Consorciou-se com Maria Eleusa aos 26 anos de idade. É pai de quatro filhos, sendo uma das filhas (a mais velha) portadora de lesão cerebral. Na maturidade da vida teve oportunidade de fazer cursos superiores. Possui a Licenciatura de História e Geografia pelo UniCEUB (Centro Universitário de Brasília).

Sua vida espírita nesses mais de 30 anos de Doutrina perfez conteúdos de muitas faculdades. Participou da fundação de alguns centros espíritas em Brasília e Cuiabá-MT, onde teve publicado, em 1991, o livro "Praeiro - Peregrino da Terra do Pantanal". Começou seu trabalho de divulgação ainda jovem em todo DF. Engajou como articulista espírita, tornando-se sólido esse fato em Cuiabá, quando publicava "Luz na Mente", um periódico que veio satisfazer o seu ideal na Divulgação Espírita.

Foi redator e diretor do Jornal "União da Federação Espírita"

do DF. Vinculado a vários órgãos divulgadores da Doutrina Espírita, a exemplo de "Reformador" da FEB, "O Espírita" do DF, "O Médium" de Juiz de Fora/MG e palestrante nos mais diferentes lugares de DF, tem a oportunidade de levar a mensagem espírita às cidades próximas de Brasília, como Anápolis, Cidade Ocidental e outras.

Sua diretriz inabalável continua sendo o compromisso de fidelidade a Jesus e a Kardec.

Maria Eleusa de Castro (esposa de Jorge Hessen)

Prefácio

Registramos aqui, à guisa de preâmbulo, inolvidáveis “Conselhos , Reflexões e Máximas” (1) propostos por Allan Kardec, ponderando sobre a formação de um legítimo grupo espírita. O desígnio dessa montagem , segundo o conspícuo lionês, deve ser assegurado com o imprescindível concurso de espíritas sinceros, conciliadores e benevolentes. Com esses atributos será estabelecido regras precisas para as admissões de novos adeptos. A primeira condição a fixar é a exigência do estudo metódico preliminar das obras básicas. A segunda é o engajamento formal ao grupo para os candidatos a dirigentes. Já para os frequentadores se pode ser menos rigoroso, entretanto por prudência é importante se assegurar das disposições destes iniciantes e, sem exceção, afastar os curiosos e os que tem motivação frívola na casa espírita.

Todo sucesso de um grupo espírita depende do ponto de partida de sua fundação, isto é, da composição dos grupos pioneiros. Se eles forem formados de bons espíritas, serão tantas boas raízes que darão bons brotos. Se, ao contrário, são formados de pessoas contestadoras e desarmônicas, de espíritas confusos, que se escravizam mais da forma que do fundo, e que consideram a moral como a parte acessória e secundária, inevitavelmente haverá disputas importunas e sem epílogo, melindres de suscetibilidades, seguida de conflitos precursores da desordem e desmantelamento do grupo.

Há colossais centros espíritas com numerosos médiuns e frequentadores e obviamente eles têm sua razão de ser do ponto de vista da propaganda, mas, para os estudos sérios do Espiritismo, é preferível se fazer uso dos grupos (menores) íntimos. Todavia, qualquer que seja a natureza da reunião, quer com muitos médiuns ou não, as condições que deve preencher para atender o objetivo são as mesmas e estas condições são explanadas no Livro dos Médiuns nº 341. (2)

Adverte Kardec que um capricho bastante frequente com alguns novos adeptos é o de crer se passarem a mestres após alguns poucos meses de estudo. Ora, o conhecimento do Espiritismo não se pode adquirir senão com o decorrer de muito tempo de estudos continuados. Há nessa pretensão de tais sabichões o não ter mais necessidade dos conselhos de outrem e de se crer acima de todos, uma prova inconteste de incompetência, pois que fracassa em um dos preceitos primeiros da Doutrina: a modéstia e a humildade.

Quando os obsessores encontram semelhantes disposições em alguns espíritas vaidosos, eles não falham em os superexcitar, distrair e persuadir de que somente eles possuem a verdade. É um dos escolhos que se pode encontrar, e contra o qual há de se prevenir, acrescentando que não é suficiente se dizer Espírita para se dizer Cristão: é preciso prová-lo pela prática. Notando aqui que o Espiritismo, tendo por objetivo a melhoria dos homens, não vem em absoluto buscar os que são perfeitos, mas aqueles que se esforçam por se transformar colocando em prática os ensinos dos Espíritos.

Sobre isso narra em O Evangelho Segundo o Espiritismo no Capítulo 17 , item 4, que se "reconhece o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para dominar as suas más tendências. (3) O verdadeiro Espírita não é aquele que chegou ao objetivo, mas é aquele que quer seriamente atingi-lo. Quaisquer que sejam então seus antecedentes, ele será um bom espírita desde que reconheça suas imperfeições e que seja sincero e perseverante em seu desejo de se corrigir.

Somente o progresso moral pode assegurar aos homens a felicidade na Terra, colocando um freio às paixões más; Será ainda o avanço moral, secundado aqui pelo progresso da inteligência, que reunirá os homens numa mesma crença estabelecida sobre as verdades eternas, não sujeitas a controvérsias e, em por isso, aceita por todos. Daí infere-se que

a unidade espírita será o laço mais forte, o fundamento mais sólido da fraternidade universal, ferida desde todos os tempos pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem ver no próximo inimigos a serem evitados, combatidos, exterminados, em vez de irmãos a serem amados.

São Paulo, 04 de janeiro de 2013
Irmãos W. e Jorge Hessen

Referência bibliográfica:

(1) Kardec, Allan. Conselhos Reflexões e Máximas de Allan Kardec: Editora Le Centre Spirite Lionnais Allan Kardec
(2) Kardec, Allan. O livro dos Médiuns, item nº 341, Rio de janeiro: Ed. FEB, 1990
(3) Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo no Capítulo 17 , item 4, Rio de janeiro: Ed. FEB, 2000

Jesus - fulgor resplandecente do filho de Deus

Há dois mil anos surgiu um Homem, entre os milhões de habitantes terrestres... E Esse Homem veio tornar-se o centro da história da humanidade. Muito mais do que isso: Ele tornou um marco para a história da humanidade, de tal modo que até o tempo histórico é contado tendo-O como referência... Era uma luminosa escuridão - Esse homem... Não bajulava a nenhum poderoso - e não espezinhava nenhum miserável. Diáfano como um cristal era o Seu caráter - e, no entanto, é Ele o maior mistério de todos os séculos. (1)

Poeta algum conseguiu atingir-lhe as excelsitude - filósofo algum valeu exaurir-Lhe as profundezas... Esse homem não repudiava "madalenas" nem apedrejava adúlteras - mas lançava às penitentes palavras de perdão e de vida.

Não fez nada daquilo que a outros homens garante imortalidade entre os mortais - o que Nele havia de maior era Ele mesmo. Havia inocentes com sorriso nos lábios - e doentes com lágrimas nos olhos. Havia apóstolos - e apóstatas... Brincava nos caminhos Desse homem a mais bela das primaveras - e espreitava-lhe os passos a mais negra das mortes. (2)

Sobre suas prédicas Mahatma Gandhi dizia que eram a mais bela que conhecera à face da Terra e que bastaria que 1/3 daqueles que dizem segui-lo colocassem em prática sua doutrina para mudar socialmente a face da Terra. Para o Iluminado da Índia o Sermão do Monte é a mais bela página da humanidade e por si só preservaria os patrimônios espirituais humanos, ainda que se perdessem os livros sagrados de todas as religiões.

Mesmo que Ele fosse um mito, alguém teria que ter concebido as Suas ideias superiores que chegam até nós. Ele era um homem de singular virtude, que seus companheiros

chamam Filho de Deus.

Públio Lentulos dizia que Ele curava os enfermos e levantava os mortos, era belo de figura e atraia os olhares. Seu rosto inspirava amor e temor ao mesmo tempo. Seus cabelos eram compridos e louros, lisos até as orelhas, e das orelhas para baixo cresciam crespos anelados. Dividia-os ao meio uma risca e chegavam-lhes aos ombros segundo o costume da gente de Nazareth. As faces cobriam de leve rubor. O nariz era bem contornado, e a barba crescia, um pouco mais escura do que os cabelos, dividida em duas pontas. Seu olhar revelava sabedoria e candura. Tinha olhos azuis com reflexos de várias cores. Este homem amável ao conversar, tornava-se terrível ao fazer qualquer repreensão. Mas mesmo assim sentia-se Nele um sentimento de segurança e serenidade. Ninguém nunca o via rir. Muitos no entanto O tinham visto chorar. Era de estatura normal, corpo ereto, mãos e braços tão belos que era um prazer contemplá-los. Sua Voz era grave. Falava pouco. Era modesto. Era belo quanto um homem podia ser belo. Chamavam-lhe Jesus."(3)

Ele, vivendo o seu tempo, construiu valores universais únicos, que, pela profundidade e extensão, modificaram os aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos da humanidade. Ele é o caminho, a verdade, a vida em sua multiplicidade, diversidade, alteridade, exemplo claro de comportamento moral que reflete a identidade do ser com o Universo e com Deus.(4)

Para a maioria dos teólogos, Ele é objeto de estudo, nas letras do Velho e do Novo Testamento, imprimindo novo rumo às interpretações de fé. Para os filósofos, Ele é o centro de polêmicas e cogitações infindáveis. Para nós espíritas, Jesus foi, é e será sempre a síntese da Ciência, da Filosofia e da Religião. "Tudo tem passado nestes dois mil anos, na Terra, mas a [Sua] Palavra brilha como um Sol sem ocaso, guiando as ovelhas tresmalhadas, os cordeiros perdidos do Rebanho de Israel à porta do aprisco, para restituí-los ao Bom Pastor".(5)

A figura de fulgor resplandecente do Filho de Deus continua sempre, em todos os tempos, como o Guia Espiritual da Humanidade terrena, amando-a e instruindo-a com paciência

infinita.

Proclamando as bem-aventuranças à turba no monte, não a induz para a violência, a fim de assaltar o celeiro dos outros. Multiplica, Ele mesmo, o pão que a reconforte e alimente. Não convida o povo a reivindicações. Aconselha respeito aos patrimônios da direção política, na sábia fórmula com que recomendava seja dado "a César o que é de César". Demonstrando as preocupações que o tomavam, perante a renovação do mundo individual, não se contentou em sentar-se no trono diretivo, em que os generais e os legisladores costumam ditar determinações... Desceu, Ele próprio, ao seio do povo e entendeu-se pessoalmente com os velhos e os enfermos, com as mulheres e as crianças.

Entreteve-se em dilatadas conversações com as criaturas transviadas e reconhecidamente infelizes. Usou a bondade fraternal para com Madalena, a obsidiada, quanto emprega a gentileza no trato com Zaqueu, o rico. Reconhecendo que a tirania e a dor deveriam permanecer, ainda, por largo tempo, na Terra, na condição de males necessários à retificação das inteligências, o Benfeitor Celeste foi, acima de tudo, o orientador da transformação individual, o único movimento de liberação do espírito, com bases no esforço próprio e na renúncia ao próprio "eu". Para isso, lutou, amou, serviu e sofreu até à cruz, confirmando, com o próprio sacrifício, a sua Doutrina de revolução interior, quando disse: "e aquele que deseje fazer-se o maior no Reino do Céu, seja no mundo o servidor de todos."(6)

O Espiritismo vem colocar o Evangelho do Cristo na linguagem da razão, com explicações racionais, filosóficas e científicas, mas, vejamos bem, sem abandonar, sem deixar de lado o aspecto emocional que é colocado na sua expressão mais alta, tal como o pretendeu Jesus, ou seja o sentimento sublimado, demonstrando assim que o sentimento e a razão podem e devem caminhar pela mesma via, pois constituem as duas asas de libertação definitiva do ser humano.

Sabemos não ser a experiência humana uma estação de prazer, por isso, continuemos trabalhando no ministério do Cristo, recordando que, por servir aos outros, com humildade,

sem violências e presunções, Ele foi tido por imprudente e rebelde, transgressor da lei e inimigo da população, sendo escolhido por essa mesma multidão para receber com a cruz a gloriosa coroa de espinhos, mas sob o influxo do bom ânimo Ele venceu o mundo!

Até porque o sacrifício Dele não deve ser apreciado tão-somente pela dolorosa expressão do Calvário. O Gólgota representou o coroamento da obra do Senhor, mas o sacrifício na sua exemplificação se verificou em todos os dias da sua passagem pelo planeta. Numerosos discípulos do Evangelho consideram que o sacrifício do Gólgota não teria sido completo sem o máximo de dor material para o Mestre Divino. Entretanto, a dor material é um fenômeno como o dos fogos de artifício, em face dos legítimos valores espirituais. Homens do mundo, que morreram por uma ideia, muitas vezes não chegaram a experimentar a dor física, sentindo apenas a amargura da incompreensão do seu ideal. Imaginai, pois, o Cristo, que se sacrificou pela Humanidade inteira, e chegareis a contemplá-Lo na imensidão da sua dor espiritual, augusta e indefinível para a nossa apreciação restrita e singela. (7)

Em realidade qualquer palavra, expressão poética, artística, filosófica e qualquer louvor em Sua memória significarão apagada homenagem em face do que Ele representa para cada um de nós.

Referências bibliográficas:

(1) Rohden, Humberto. De alma para alma, SP: Editora: Martin Claret, 20ª ed, 2001

(2) Idem

(3) Descrição feita pelo pró-consul Públios Lentulos

(4) Disponível em acessado em 06/01/06

(5) SCHUTEL, Cairbar. Parábolas e ensinos de Jesus, SP: ed. O Clarim- Matão, 1993, p. s/n.

(6) Xavier, Francisco Cândido. Roteiro, Ditado pelo Espírito Emmanuel, RJ: Ed FEB - 10a ed.

(7) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, Ditado pelo Espírito Emmanuel, RJ: Ed FEB - 16a. edição

Com Jesus e kardec devemos fugir das divergências extemporâneas

Os espíritas estudiosos, sensatos, coerentes e cautelosos não se abalam espiritualmente com o fato de existirem divergências interpretativas da Doutrina dos Espíritos nas hostes do movimento doutrinário atual, especialmente no Brasil. Óbvio! O ideal seria que os estudiosos das obras da Codificação evitassem discussões estéreis em torno de teorias e práticas estranhas ao projeto primordial.

Kardec recomenda a busca da UNIDADE visando consolidar as lições acerca dos postulados essenciais. Que todos pensemos e consubstanciemos exatamente igual à programação dos Mentores do além, eles que no século XIX traçaram os roteiros da Nova Revelação nas estradas humanas. Todavia, infelizmente, é com pesar que afirmamos não conseguir vislumbrar a possibilidade de uma instância superior, transcendente, capaz de amenizar as atuais divergências e propor a derradeira palavra em cada conflito interpretativo.

Certo é que os responsáveis espirituais do além têm se esforçado para que o movimento espírita seja o menos heterogêneo possível. Destarte é natural a ideia da unificação (isso não é utopia), sempre buscada, mas lamentavelmente dificilmente atingível, pois que cada um quer fazer um Espiritismo particular, à moda do centro espírita que dirige ou frequenta etc.

A Unificação que poderia denominar-se UNIÃO tem esbarrado na diversidade cultural e intelectual compreensível e natural entre grupos e pessoas, ainda mesmo que convictas dos conceitos comuns relativos aos princípios básicos, a saber: Deus, imortalidade, comunicabilidade, reencarnação, pluralidade de mundos habitados. Inobstante sabermos que a adoção de convicções a respeito desses temas essenciais não

elimina a característica de liberdade de pensamento humano, não se pode em nome de tal “liberdade” de expressão e pensamento, entronizarem-se interpretações muitas vezes completamente inversas das propostas pelos Espíritos. Aí está a matriz das artimanhas dos gênios das trevas. Não será com a estimulação de novas buscas (enxertos doutrinários) e múltiplas interpretações sobre os mais diferentes degraus do pensamento, nos vastos círculos de compreensão sobre Deus, o universo, mediunidade, obsessão e, especialmente, terapias desobsessivas que fortaleceremos a programação do Espiritismo para os homens.

Na verdade, quanto mais alguns adentram no mundículo acadêmico, vagueando pelas filosofias humanas, que basicamente propõem joguinhos de palavras e ideias girando em torno de raciocínios subjetivos, chegando SEMPRE ao mesmo lugar sem explicar NADA de coerente e lógico, mais críticos e/ou cépticos alguns vão se tornando. Tais intelectuais mais dificilmente assumem como factíveis as interpretações dos conceitos que são cristalinas nas obras sérias. Dizemos isso em relação aos livros consagrados, que as pesquisas e os estudos só tendem a confirmar. Em torno dos estudos mal orientados surgem opiniões díspares que são assimiladas de acordo com esses mesmos postulados, transmitidas pelos livros consagrados pela Codificação Kardeciana.

Todo e qualquer conhecimento impõe uma viagem íntima do sujeito cognoscente pelo objeto a ser desvendado. Obviamente, nesse processo não é fácil dispensar a experiência pessoal que confere a cada um variados matizes de percepção a respeito de conceitos, fatos e fenômenos em cuja existência fundamental há consensos gerais. Desta forma, as várias interpretações podem em alguns instantes ser saudáveis se não fugirmos das advertências dos seres espirituais que foram autorizados pelo Cristo para nos ajudar a raciocinar sem divagar ideias em torno do próprio umbigo.

Do exposto, a sensatez doutrinária nos induz a afirmar que na medida em que o estudo do Espiritismo nos une no essencial, estimulando o fortalecimento do laço que nos prende uns aos outros, ele também instaura a liberdade do

pensamento cristão, ensejando o debate harmônico, livre e democrático, sabendo que se o Espiritismo não propõe desvendar a verdade absoluta em face do estágio moral em que nos encontramos, os Espíritos nos trouxeram uma parcela gigantesca da verdade, que infelizmente os pretensos progressistas “libertários” tentam fracionar.

O Espiritismo está sendo invadido pelo joio, extremamente prejudicial à realidade que a doutrina encerra, uma vez que vários intelectuais “libertários”, pretensos seguidores/dirigentes, introduzem perigosos modismos à prática Espírita, a exemplo das inócuas terapias desobsessivas e, como se não bastasse, por mera vaidade, ostentam a insana ideia de superioridade sobre Kardec, alegando que o Codificar está ultrapassado.

Será crível que Kardec tenha imaginado esse tipo de movimento Espírita?

Ah, que falta nos fazem os baluartes da simplicidade kardeciana, Bezerra, Eurípedes, Zilda Gama, Frederico Junior, Sayão, Bitencourt Sampaio, Guillon Ribeiro, Manoel Quintão!

Estamos convencidos de que o Espiritismo sonhado por Kardec era o mesmo Espiritismo que Chico Xavier exemplificou por mais de setenta anos, ou seja, o Espiritismo do Centro Espírita simples, muitas vezes iluminado à luz de lampião; da visita aos necessitados, da distribuição do pão, da "sopa fraterna", da água fluidificada, do Evangelho no Lar.

Sim! O grande desafio da Terceira Revelação deve ser o crescimento, sem perder a simplicidade que a caracteriza como revelação.

O passe numa sucinta anotação espírita

O biólogo Ricardo Monezi, mestre em fisiopatologia experimental pela Faculdade de Medicina da USP e pesquisador da unidade de Medicina Comportamental da Unifesp, estudou a fundo a técnica de imposição de mãos [passe]. Lembramos que na atualidade o passe é empregado por outras religiões, que o apresentam sob nomes e aparências diversas (benção, unção, johrei, heiki, benzedura), além do quê, pessoas sem qualquer relação com movimentos religiosos também o empregam.

Para Monezi, os dados preliminares apontam que a prática do passe gera mudanças fisiológicas e psicológicas, como a diminuição da depressão, da ansiedade e da tensão muscular, além do aumento do bem-estar e da qualidade de vida. Ressaltamos que a Doutrina dos Espíritos clarifica melhor e explica as funções do perispírito, que "é o órgão sensitivo do Espírito, por meio do qual este percebe coisas espirituais que escapam aos sentidos corpóreos"(1), além de o mesmo interagir de forma profunda com o corpo biológico, razão pela qual as energias transmitidas pelo passe e recebidas inicialmente pelos centros de força(2), atingem o corpo físico através dos plexos(3), proporcionando a renovação das células enfermas.

"Assim como a transfusão de sangue representa uma renovação das forças físicas, o passe é uma transfusão de energias psíquicas, com a diferença de que os recursos orgânicos (físicos) são retirados de um reservatório limitado, e os elementos psíquicos o são do reservatório ilimitado das forças espirituais." – explica o Espírito Emmanuel.(4) Recordemos que Jesus utilizou o passe "impondo as mãos" sobre os enfermos e os perturbados espiritualmente, para beneficiá-los. E ensinou essa prática aos seus discípulos e apóstolos, que também a empregaram largamente. Entretanto,

é nas hostes espíritas que o passe é mais bem compreendido, mais largamente difundido e utilizado, “dispensando qualquer contacto físico na sua aplicação”.(5)

Segundo Ricardo Monezi, “um dos centros que avaliam o assunto é a respeitada Universidade de Stanford, nos Estados Unidos. A física atual não consegue classificar a natureza dessa força, mas vários estudos indicam que se trata de energias eletromagnéticas de baixa frequência.".(6) Tiago escreveu: “toda boa dádiva e dom perfeito vêm do Alto”.(7) Sim, as energias magnéticas e a prática do bem podem admitir as expressões mais diferentes. Suas essências, contudo, são continuamente as mesmas diante do Soberano da Vida.

Os passes poderão ser espirituais, em função do magnetismo provindo de irmãos desencarnados que participam dos processos, e humanos, através do magnetismo animal do próprio passista encarnado. “A cura se opera mediante a substituição de uma molécula malsã por uma molécula sã. O poder curativo estará, pois, na razão direta da pureza da substância inoculada; mas depende, também, da energia, da vontade que, quanto maior for, tanto mais abundante emissão fluídica provocará e tanto maior força de penetração dará ao fluido.”.(8) É importante explicar, porém, que o tratamento espiritual através do passe, oferecido na Casa Espírita, não dispensa tratamento médico.

Infelizmente toda a beleza das lições espíritas, que provém da fé racional no poder das energias magnéticas pelo passe, desaparece ante as ginásticas pretensiosas e burlescas de tratamentos espirituais atualmente praticados em algumas instituições espíritas mal dirigidas. O passe não poderá, em tempo algum, ser aplicado com movimentos bruscos, utilizando-se malabarismos manuais, estalos de dedos, cânticos estranhos e, muito menos ainda, estando incorporado e, psicofonicamente, verbalizando “aconselhamentos” para o receptor. Isso não é prática espírita.

“O passe deverá sempre ser ministrado de modo silencioso, com simplicidade e naturalidade.”.(9) Na casa espírita não se admitem as encenações e gesticulações em que hoje se envolveram terapias esquisitas tais como apometrias,

desobsessão por corrente magnética,“choques anímicos”, cristalterapias (poderes das pedras???), cromoterapias (poderes das cores???) e outras “terapias” mitológicas, geralmente atreladas a antigas correntes espiritualistas do Oriente ou de origem mística, ilusionista e feiticista. É sempre bom lembrar a tais adeptos fervorosos que todo o poder e toda a eficácia do passe genuinamente espírita dependem do espírito e não da matéria, da assistência espiritual do médium passista e não dele mesmo.

Por conseguinte, na aplicação do passe não se fazem necessários a gesticulação violenta, a respiração ofegante ou o bocejo contínuo, e que também não há necessidade de tocar o assistido. “A transmissão do passe dispensa qualquer recurso espetacular”.(10) As encenações preparatórias – “mãos erguidas ao alto e abertas, para suposta captação de fluidos pelo passista, mãos abertas sobre os joelhos, pelo paciente, para melhor assimilação fluídica, braços e pernas descruzados para não impedir a livre passagem dos fluidos, e assim por diante – só servem para ridicularizar o passe, o passista e o paciente.”.(11) A formação das chamadas “correntes” mediúnicas, com o ajuntamento de médiuns em torno do paciente, “as ‘correntes’ de mãos dadas ou de dedos se tocando sobre a mesa – condenadas por Kardec – nada mais são do que resíduos do mesmerismo do século XIX, inúteis, supersticiosos e ridicularizantes”.(12)

O passe é prece, concentração e doação. “A oração é prodigioso banho de forças, tal a vigorosa corrente mental que atrai”.(13) Por ela, consegue o passista duas coisas importantes e que asseguram o êxito de sua tarefa: expulsar do próprio mundo interior os sombrios pensamentos remanescentes da atividade comum durante o dia de lutas materiais; Sorver do plano espiritual as substâncias renovadoras de que se repleta, a fim de conseguir operar com eficiência, a favor do próximo presente ou distante do local de sua aplicação.

Em que pese aos místicos que ainda não compreendem e criam confusões ao aplicarem o passe, reconhecemos que muitos encarnados e desencarnados são beneficiados por ele, pois sabemos que é manifestação do amor de Deus, esse

sentimento sublime que abarca a todos e os alivia. Importa-nos lembrar, porém, um pensamento Xavieriano: o passe, tal como terapia, não modifica necessariamente as coisas, para nós, mas pode modificar-nos a nós em relação às coisas.

Referências Bibliográficas:

(1) Kardec, Allan. A Gênese, RJ: Ed. Feb, 29ª edição, 1986, cap. XIV

(2) Os centros de força são o Centro Coronário (se assenta a ligação com a mente que é sede da nossa consciência); .Centro Frontal (atua sobre as glândulas endócrinas, sobre o sistema nervoso); Centro Laríngeo (controla as atividades vocais, do timo, da tiróide e das paratireóides, controlando totalmente a respiração e a fonação); Centro Cardíaco (responsável por todo o aparelho circulatório); Centro Esplênico (regula o sistema hemático); Centro Solar ou Gástrico (responsável pela digestão e absorção dos alimentos sólidos e fluidos); Centro Genésico (orientador da função exercida pelo sexo).

(3) Os plexos são constituídos pelo nosso sistema nervoso autônomo ou vegetativo e neles haveria, digamos assim, centrais irradiantes, os chamados centros de forças.

(4) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, ditado pelo espírito Emmanuel, Rio de janeiro: Ed FEB, 2000, perg. 98.

(5) Idem, perg. 99.

(6) Disponível em < http://mdemulher.abril.com.br/bem-estar/reportagem/viver-bem/cientistas-exploram-poder-cura-energia-maos-640628.shtml acessado em 03/11/2011

(7) Tiago 1:17

(8) Kardec, Allan. A Gênese, RJ: Ed. Feb, 29ª edição, 1986, cap. XIV

(9) Kardec, Allan. Obras Póstumas, RJ: Ed. Feb, 1987, cap. VI, item 54

(10) Waldo Vierira. Conduta Espírita, ditado pelo espírito André Luiz, RJ: Ed FEB, 1998, Cap. 28

(11) O Passe em http://www.Espírito.org.br.

(12) Idem

(13) Xavier, Francisco Cândido. Nos Domínios da Mediunidade, ditado pelo Espírito André Luiz, RJ: Ed FEB, 2000, Cap. 17

Lei de ação e reação e livre-arbítrio, pode o homem sobreviver às tragédias humanas?

Por que determinadas pessoas escapam da morte em acidentes aéreos, naufrágios, incêndios e outras situações trágicas? Alguns explicam, superestimando os papéis da "sorte" e do destino; outros destacam o lugar da própria reação dos que se encontram em perigo real. Amanda Ripley, em o livro "Impensável - Como e Por que as Pessoas Sobrevivem a Desastres", diz que "qualquer que seja o desastre, partimos praticamente do mesmo ponto e passamos por três fases distintas." A primeira etapa é a da negação, na qual tentamos achar formas de provar para nós mesmos que aquilo não está acontecendo. A Segunda fase é a deliberação, fase em que notamos que algo está incrivelmente fora da ordem e passamos a ponderar sobre as opções possíveis. Por fim, com a aceitação do fato de que estamos em perigo e com a contemplação de soluções, chega a hora da fase final, a da ação. "(1)

Normalmente, diante do desfile de horrores decorrentes de uma tragédia, boa parte das vítimas fica, simplesmente, paralisada. Pesquisas recentes mostram que pessoas confiantes (dotadas de uma espécie de fé) tendem a se sair bem em catástrofes. Sua forma de pensar atenua os efeitos devastadores do medo extremo. Muitos que enfrentam crises, e se recuperam bem delas, tendem a contar com três vantagens: acreditam que podem influenciar o que acontece em sua volta; conseguem encontrar sentido no caos da vida moderna; estão convencidos de que podem aprender com as experiências, sejam elas boas ou ruins. Num processo contínuo de disciplina, quanto mais controle tivermos sobre as nossas reações e atitudes, maiores serão as chances de sairmos vivos de uma catástrofe, por exemplo, defendem os pesquisadores.

Alguns se referem ao destino como não sendo uma palavra

vã. Crêem, dependendo da posição que ocupamos na Terra, e das funções que aqui desempenhamos em consequência do gênero de vida que escolhemos, ser expiação ou missão. Muitas vezes, parece que somos perseguidos por uma espécie de fatalidade, independente da maneira por que procedamos. São, no entanto, provas que nos cabe sofrer e que escolhemos antes de reencarnarmos. Todavia, lançamos à conta do fatalismo o que, na verdade, é, apenas, consequência de nossas próprias faltas, motivo pelo qual é urgente higienizarmos a consciência em meio aos deslizes morais que nos afligem, para alcançarmos uma efetiva harmonia íntima, que nos capacite enfrentar quaisquer desafios, inclusive tragédias.

Nunca há fatalidade nos atos da vida moral, mas, no que concerne à morte física, à desencarnação, achamo-nos submetidos, em absoluto, à inexorável lei da fatalidade, por não podermos escapar à sentença que nos marca o termo da existência, nem ao gênero de morte que haverá de cortar o fio da existência física. Ainda, sobre a fatalidade, lembremos que ela existe, unicamente, pelas provas requeridas por nós ou por proposta dos guias espirituais, antes da reencarnação, mas sempre de forma lucrativa para o espírito. Uma vez aceitas ou compulsoriamente estabelecidas, cria-se um calendário a ser cumprido, uma espécie de roteiro fatal para nós, que é a consequência mesma da posição em que nos achamos situados. Considerando, aqui, as provações a que somos submetidos, é de fundamental importância sabermos que elas podem mudar de curso, dependendo de como usamos o livre-arbítrio, se para o bem ou se para o mal, pois sempre somos senhores da nossa vontade, de ceder ou de resistir.

Uma coisa é importante discutir no debate, ou seja, a proteção espiritual. Ao nos depararmos fraquejando, um bom Espírito pode nos socorrer, mas, obviamente, sem influir sobre nós de maneira absoluta, ao ponto de dominar nossa vontade. Todos nós temos os nossos amigos protetores no além, lídimos guardiões, segundo as nossas condições evolutivas. Entretanto, é necessário lembrar que há uma hierarquia em todos os planos, tendo em vista que, quando o problema escapa à competência do espírito protetor, este solicita do seu superior a

necessária intervenção. Todavia, os pormenores dos fatos que nos ocorrem, esses ficam subordinados às circunstâncias que criamos pelas experiências, sendo que, também, nessas circunstâncias, podemos ser influenciados pelos pensamentos que sugiram os bons Espíritos.

Não podemos acreditar que tudo o que nos sucede "esteja escrito" nas linhas do destino, como costumam dizer. Um acontecimento qualquer pode ser a consequência de um ato que praticamos por livre vontade, de tal sorte que, se não o houvéssemos praticado, o efeito poderia não se materializar. O fato de sermos surpreendidos, algumas vezes, em situação de perigo, constitui um mecanismo de alerta, endereçado pelos guias espirituais, a fim de nos desviarmos do mal e nos tornarmos melhores. Se escaparmos a esse perigo, quando ainda estivermos sob a impressão do risco que corremos, é sinal de que estamos sensíveis à influência dos Espíritos bons. Porém, se persistirmos rebeldes em não aceitarmos os convites superiores do bem, o obsessor, ou seja, o mau Espírito (digo mau, subentendendo o mal que ainda existe nele), vincula-se a nós, interferindo em nossas mentes, sugerindo-nos pensamentos depressivos, num processo perverso de vingança. Em verdade, através dos perigos que corremos, Deus nos adverte quanto à nossa fraqueza e a fragilidade da nossa existência. Se examinarmos a causa e a natureza do perigo, verificaremos que, quase sempre, suas consequências teriam sido a correção (punição?) de uma falta cometida ou da negligência no cumprimento de um dever. Deus, por essa forma, exorta-nos a um mergulho na própria consciência a fim de retificar a caminhada.

Na vida, tudo tem uma razão de ser, nada ocorre por acaso conosco, ainda mesmo quando as situações se nos afigurem trágicas. Antes de reencarnarmos, sob o peso de débitos de antanho, somos informados, no além-túmulo, dos riscos a que estamos sujeitos, das formas pelas quais podemos quitar a dívida, porém, o fato, por si só, não é determinístico, até, porque, dependem de circunstâncias várias em nossas vidas a sua consumação, uma vez que a Lei de Causa e Efeito admite flexibilidade, quando o amor rege a vida, porque "o amor cobre

uma multidão de pecados."(2)

Como disse antes, "fatal, no verdadeiro sentido da palavra, só é o instante da morte"(3), pois, como disseram os Espíritos a Kardec: "quando é chegado o momento de retorno para o Plano Espiritual, nada "te livrará" e frequentemente o Espírito também sabe o gênero de morte por que partirá da terra", "pois isso lhe foi revelado quando fez a escolha desta ou daquela existência".(4) Mais, ainda: "Graças à Lei de Ação e Reação e ao Livre-Arbítrio, o homem pode evitar acontecimentos que deveriam realizar-se, como também permitir outros que não estavam previstos".(5) A fatalidade só existe como algo temporário, frente à nossa condição de imortais, com a finalidade de "retomada de rumo". Fatalidade e destino inflexível não se coadunam com os preceitos kardecianos. Quem crê ser "vítima da fatalidade", culpa somente o mundo exterior pelos seus sofrimentos e se recusa a admitir a conexão que existe entre ação e reação.

Referências bibliográficas:

(1) Ripley, Amanda. “Impensável - Como e Por que as Pessoas Sobrevivem a Desastres, Rio de Janeiro: Editora Globo, 2008”.

(2) Cf. Primeira Epístola de Pedro Cap. 4:8

(3) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, RJ: Ed FEB, 1979, pergs. 851 a 867

(4) idem.

(5) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, RJ: Ed FEB, 1979.

Reencarnação e memória

Na máxima "nascer, morrer, renascer e progredir, incessantemente, tal é a lei", encontramos o mais arrazoado pensamento universal sobre o processo da evolução humana.

Historicamente, apesar de o Clero lutar contra a doutrina das múltiplas existências, principalmente a partir do II Concílio de Constantinopla, realizado em 525, convocado pelo Imperador Justiniano, que proibiu o estudo do tema; com a institucionalização do Papado em 607, pelo Imperador Focas; com a criação do Tribunal do "Santo Ofício" em 1231, para combater, exclusivamente, os Cátharos ou Albigenses, reencarnacionistas que viviam no sul da França; os dominicanos foram convocados, pelo então Papa Gregório IX, para dizimá-los e, com eles, a doutrina palingenésica, a despeito disso tudo, a reencarnação continua sendo o mais legítimo mecanismo de aplicação dos Códigos da Justiça Divina entre os homens.

Somente a pluralidade das existências explica as diferenças individuais, que, desde sempre, desafiam as mentes mais críticas e meticulosas dos homens de ciência.

Conhecendo e entendendo os mecanismos da reencarnação, tornam-se claras e explicáveis as intrincadas perquirições, que teimam em permanecer obscuras, ante os açodados argumentos daqueles que não se dão ao trabalho de observar os fatos que a comprovam, mesmo porque, contra as evidências não há o que argumentar. A exemplo disso, vemos crianças e jovens portando patrimônio moral e intelectivo que seriam impossíveis terem sido adquiridos em um período de tempo de apenas uma só existência física.

"Por que o espírito encarnado perde a lembrança do seu passado?" Indaga Kardec aos Espíritos, que o esclarecem: "O homem não pode e nem deve tudo saber; Deus o quer assim em sua sabedoria. Sem o véu que lhe cobre certas coisas,

ficaria deslumbrado, como aquele que passa, sem transição, da obscuridade à luz. Pelo esquecimento do passado ele é mais ele - mesmo".(1)

Seja na confirmação de que João Batista era Elias, ou na inesquecível lição para o doutor Nicodemos, o Divino Mestre confirmou que só nascendo novamente compreenderemos as coisas de Deus. É a Lei da Evolução!

Na estrutura psicossomática, a memória tudo registra e, pelo mecanismo da criptomnésia,(2) são guardadas as conquistas da própria memória, conservando, momentaneamente apagadas, as lembranças de outras experiências reencarnatórias, o que não significa dizer que não se pode ter acesso a esses acervos de forma espontânea ou provocada.

Não está sendo em vão a grande contribuição científica de vários profissionais das áreas de medicina e psicologia, que publicam livros, relatando experiências de vidas passadas, que transcendem ao monolítico e conservador rito academicista, sem afrontarem os Códigos de Ética dos Conselhos Regionais.

Graças ao hipnotismo, várias contribuições criptóides foram catalogadas. Com as experiências de regressão da memória, finalmente, foi possível comprovar, cientificamente, a reencarnação.

O físico francês Patrick Drouot pesquisa esses assuntos com a autoridade de quem se formou na Universidade de Nancy e fez doutorado em física teórica pela conceituada Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque, e, ao presidir o Instituto de Pesquisas Físicas e da Consciência, em Paris, já tem catalogado mais de cinco mil casos de regressão.

Erlandur Haraldsson, professor de psicologia da Universidade de Iceland, e vários pesquisadores psiquiatras americanos, revelaram, cientificamente, que a reencarnação é um fato consumado, graças aos processos de mergulho no armazenamento psíquico das vidas anteriores onde tudo está registrado.

Hellen Wambach, que já fez 4500 pessoas regredirem na memória, fez pesquisa com uma senhora de 43 anos, cega de nascença, que descreveu ambientes da antiga Roma na época

em que era esposa de um soldado. Ela foi capaz de falar, com toda precisão, das cadeiras, mesa, cama, das expressões faciais dos que a rodeavam, das luzes e das cores. Aliás, todos esses detalhes foram, historicamente, devidamente comprovados, segundo afirmou o Dr. James Pareyko, professor de Filosofia da Universidade Estadual de Chicago. Pareyko atesta que tal tipo de percepção, numa pessoa que já nasceu sem enxergar, é inexplicável sob o ponto de vista médico.

Sem nos desviarmos para fazer um comentário sobre as teses Junguianas do "mágico" inconsciente coletivo, por onde uma pessoa poderia sintonizar com qualquer faixa desse mecanismo e receber todo tipo de impressão, passada ou presente, só para ilustrar essa improcedência teórica, atentemos para uma explicação que, no mínimo, parece uma fábula: - quando uma criança européia passou a falar chinês arcaico e a se recordar de uma vida passada, foi considerado, como explicação, o fato de a sua mãe, durante a gestação, ter vivido próxima a uma lavanderia chinesa e "provavelmente", ter captado, pelo seu inconsciente coletivo, todo aquele conhecimento da língua asiática. Acreditem se quiserem!

"Em resumo, o Espiritismo é hoje um fato consumado; ele já conquistou o seu lugar na opinião pública e entre as doutrinas filosóficas; é, pois preciso que aqueles, a quem ele não convém, se resignem a vê-lo ao seu lado, restando-lhes a liberdade de recusá-lo".(3)

Referências bibliográficas:

(1) Kardec,Allan. O livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001, Perg. 392

(2) Criptomnésia sf (cripto+mnese+ia1) = Memória subconsciente. Disponível no site acesso em 27-05-08

(3) Kardec, Allan. O que é o Espiritismo, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 39ª Edição, pg. 122

Vigiemos o pensamento, pois ele é poderoso demais

Podemos conceituar o pensamento como um fluxo de ideias, símbolos e associações, cujos elementos consistem em agrupar e coordenar imagens, em lhes apreender as conexões constituídas, a fim de retocá-las e agrupá-las em novas correlações mais ou menos originais ou completas, segundo a maior ou menor potência intelectual do indivíduo, junto com a capacidade de percepção e comparação, para promover a associação de ideias.

O processo pelo qual se opera o fenômeno do pensamento é problema que a ciência oficial não pôde, até hoje, desvendar. Podemos interpretar o "pensamento" como algo que se tem "em mente", quando se reflete com o propósito de se conhecer algo e entender alguma coisa. Quanto à mente, é algo abstrato, equivalente ao espírito, à inteligência, e pela qual entendemos o que dentro dela se encontra sob a forma de ideia, de conceito e de representação.

O pensamento tem como objeto: as coisas, ou melhor, as ideias das coisas e é, sem dúvida, força criadora de nossa própria alma e, por isto mesmo, é a continuação de nós mesmos. Através dele, atuamos no meio em que vivemos e agimos, estabelecendo o padrão de nossa influência, no bem ou no mal.

Filosoficamente, observemos que há a realidade que depende da existência de um observador e a realidade que independe do observador para existir. Elementos como átomos, força, gravidade, fotossíntese, são exemplos do que existe independentemente do observador - é a realidade natural. Em contrapartida, dinheiro, propriedade e governo são exemplos que dependem de nós para existir - é a realidade social, cultural, existencial. O peso que as ideias ou palavras exercem sobre nossas ações, sobre nossos estados emocionais, sobre a

construção de nossas vidas, quase sempre é imenso.

O pensamento atua à feição de onda, com velocidade muito superior à da luz, e a mente é o dínamo gerador de força criativa. Sendo matéria, a onda mental é formada por corpúsculos, os quais André Luiz denominou de "partículas mentais, a se expressarem como ONDAS e FORMAS MENTAIS." (1) Em situações extraordinárias da mente, excitação dos micros "núcleos atômicos mentais", quais sejam, as emoções profundas, as dores indivisíveis, as laboriosas e aturadas concentrações de força mental ou as súplicas aflitivas, o domínio dos pensamentos emite raios muito curtos, teoricamente semelhantes aos que se aproximam dos raios gama.

Decididamente, muito de nossas ações só acontece porque pensamos algo, desejamos algo, acreditamos em algo, tememos algo, ou seja, há um estado subjetivo que provoca um tipo de movimentação no mundo concreto. Se isso é fato - e é difícil, empiricamente, duvidar desse fato - então, a interferência do que pensamos sobre o que vivemos é muito maior do que, habitualmente, imaginamos. Desta forma, o dito popular, "cuidado com o que você pensa", possui um sentido muito mais amplo. A rigor, nossos pensamentos interferem e determinam nossas ações, nossos posicionamentos, e o mundo em que vivemos se constitui a partir da interferência dessas nossas ações sobre ele.

Temos, então, pensamentos que geram ações, que geram pensamentos, que geram ações. Ações que geram o mundo, que gera ações. O pensamento do outro que constitui o meu pensamento, que constitui o pensamento do outro. Quais os limites, as linhas divisórias entre esses elementos? Creio não ser possível estabelecer esses limites, ou seja, quando um elemento termina e o outro começa. Não há fronteiras, territórios específicos do pensar, do agir, do eu, do outro. A constatação da fluidez de nosso pensar e, consequentemente, de nossas ações, enfim, daquilo que somos, talvez permita uma melhor compreensão de como viver em um mundo, onde não haja uma única possibilidade, mas todas as possibilidades, ou seja, onde tudo seja possível.

Sob o ponto de vista espírita, "nosso espírito residirá onde projetarmos nossos pensamentos, alicerces vivos do bem e do mal".(2) Os pensamentos negativos corrompem os fluidos espirituais, como os miasmas deletérios corrompem o ar respirável, ou seja, o otimismo é expansão da luz e o pessimismo é condensação da sombra. Os infelizes imaginam que o vento geme; os alegres e cheios de otimismos confirmam que ele canta, até porque a vida tem o colorido que lhe damos, pois o mundo é como um espelho: devolve a cada pessoa o reflexo de seus próprios pensamentos.

Os fluidos que envolvem os Espíritos obsessores, ou que estes projetam, são viciados, variando de acordo com o grau de imperfeição de cada um, ao passo que os que envolvem os Benfeitores espirituais, ou que eles emitem, são puros, tanto quanto comporta o grau de perfeição moral que tenham conquistado. "O pensamento é o gerador dos infracorpúsculos ou das linhas de força do mundo subatômico, criador de: correntes de bem ou de mal, grandeza ou decadência, vida ou morte, segundo a vontade que o exterioriza e dirige."(3)

Outro aspecto a considerar é que tanto os bons pensamentos quanto os maus, emitidos por um ser encarnado, afetam, consideravelmente, as mentes de irmãos, também encarnados, em faixas mentais equivalentes. É imprescindível compreender que, depois da morte do corpo físico, prosseguimos desenvolvendo os pensamentos que cultivávamos na experiência carnal. Nossos pensamentos geram as nossas ações e nossas ações geram os pensamentos dos outros. Toda carga que o pensamento exterioriza e projeta, alcança aquele a quem vai direcionada. Quando benigna e edificante, ajusta-se às Leis que nos regem, criando harmonia e felicidade. Todavia, quando desequilibrada e deprimente, estabelece aflição e ruína. Em outras palavras: o pensamento age e reage, carreando para o emissor tudo que o sustenta, como, também, tudo que arremessa a quem pretenda atingir. Determina para cada criatura os estados psíquicos que variam segundo os tipos de emoção e conduta a que se afeiçoe. "Essa corrente de partículas mentais se exterioriza de cada espírito com qualidade de indução mental, tanto maior quanto mais amplos se lhe

evidenciam as faculdades de concentração e o teor de persistência no rumo dos objetos que demande."(4)

O sentimento de amor cristão pode impulsionar o correto pensamento, sem os quais adoecemos pela insuficiência de equilíbrio íntimo, imprimindo no corpo físico as distonias e as variadas patologias que lhe são consequentes. Para termos saúde, é importante saber como estamos pensando. Os pensamentos negativos operam em nosso estado íntimo determinada perturbação, instaurando desarmonias de grandes proporções nos centros da alma e provocando lesões funcionais variadas. "Deste modo, estabelecem fulcros mórbidos de natureza singular no arcabouço físico, impondo às células a desarmonia pela qual se vulnerabilizam os recursos de defesa, sedimentando-se campo fértil à proliferação de bactérias patogênicas nos tecidos menos propensos à defesa. Quaisquer enfermidades surgem como efeitos, residindo a causa no desequilíbrio dos reflexos da vida interior, uma vez que os sintomas mentais depressivos influenciam as células fisiológicas."(5)

É óbvio que, no desleixo da nutrição, o corpo paga pesados tributos de sofrimento, posto que possibilita a infestação de grande quantidade de microorganismos patogênicos que, em se instalando nas células orgânicas, podem induzir às moléstias infecciosas de múltiplos caracteres. Porém, não é somente dessa forma que se originam os processos patológicos multiformes. Nossas emoções mais profundas, quaisquer que sejam, geram, também, agudas enfermidades.

Os reflexos dos sentimentos e pensamentos menos dignos que alimentamos se voltam contra nós mesmos, depois de transformados em ondas mentais, tumultuando nossas funções neurológicas, e esses reflexos inconsequentes, derramando- se sobre o tecido cortical, gestam alucinações que podem variar do medo manifesto ao estado neurótico, situação em que os obsessores nos atingem com sugestões destruidoras, diretas ou indiretas, conduzindo- nos a deploráveis fenômenos de descontrole psicoemocional. O mais importante é não esquecermos, em tempo algum, de que somente o amor cristão pode impulsionar o correto pensamento e nos faz libertos. Sem

o amor de plenitude, adoecemos, espiritualmente, pela insuficiência de equilíbrio íntimo, imprimindo no corpo físico as distonias e as variadas patologias que lhe são consequentes.

Por isso, devemos ter muito cuidado com o que pensamos.

Referências bibliográficas:

(1) Xavier, Francisco Cândido/Vieira Waldo. Mecanismo da Mediunidade, Ditado pelo Espírito André Luiz, Rio de Janeiro: Ed FEB 2000

(2) Xavier, Francisco Cândido. Pão Nosso, Ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed FEB 1999,

(3) Xavier, Francisco Cândido. Roteiro, Ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed FEB 1972

(4) Xavier, Francisco Cândido/Vieira Waldo. Mecanismo da Mediunidade, Ditado pelo Espírito André Luiz, Rio de Janeiro: Ed FEB 2000

(5) site www.scribd.com/doc/6545214/Revista-Reform-Ad-Or-2005-11 - 229k

Espiritismo, 150 anos de luz na terra

A Revolução Francesa foi o conjunto de acontecimentos que, entre maio e dezembro de 1789, baniu a base do Antigo Regime (Ancien Régime) e o autoritarismo do clero e da nobreza, modificando a estrutura sócio-político e religiosa francesa. Cinquenta anos após, também no palco do grande e importante evento, o mestre lionês, H.L.D Rivail, com a contribuição dos Espíritos, editava o livro que assinalaria a alvorada de outra grande revolução aos franceses e ao mundo. Desta vez uma revolução intríseca, contínua e silenciosa, por consubstanciar na intimidade de cada ser humano.

Estava sendo apresentada à Humanidade, numa iluminada manhã de primavera sob o pulsar do astro-rei, a 18 de abril de 1857, no imponente Palais Royal, Rua de Rivoli, Galeria d' Orleans, 13, na Livraria E. Dentu a revolucionária publicação de O Livro dos Espíritos, contendo os excelsos postulados da Terceira Revelação. Ante este proscêncio surgia o Espiritismo. Nascia, juntamente com O Livro dos Espíritos, o ínclito mestre Allan Kardec.

O Livro dos Espíritos é considerado por muitos estudiosos como a incomparável obra da mais avançada de Filosofia que se tem notícia na História terrestre, pois que trata de assuntos que tocam todos os ramos do conhecimento. Com o famoso livro inaugura-se a "Era do Espírito e da Fé raciocinada". Um dos pontos culminantes da monumental obra é o ensinamento da lei das vidas sucessivas, propondo demonstrar que o Espírito não encarna uma só vez, mas, tantas e quantas forem necessárias a fim de se tornar um Espírito perfeito e portador das mais nobres qualidades intelectuais, morais e espirituais.

Cento e cinquenta anos se foram e neste momento em que a divulgação na mídia, em especial no cinema e na televisão, se destaca como fator de propaganda doutrinária, constituindo em

novo campo de disputa no espaço público, o Espiritismo vem alargando sua inserção social entre as camadas de classe sociais de todas os matizes. Os resultados dessa difusão identificamos nas pesquisas realizadas em 1998 pelo Instituto Gallup, onde constatou-se que 45,9%, ou seja, quase metade dos católicos que dizem frequentar semanalmente serviços religiosos afirmam "acreditar na reencarnação". Noutra pesquisa realizada em 2000 em cinco metrópoles brasileiras: 55,7% dos entrevistados disseram "acreditar em vida após a morte", sendo que 35,8% destes afirmaram crer na reencarnação. Isso é reflexo inequívoco da silenciosa revolução espírita no tecido social brasileiro.

Doutrina de educação moral e de liberdade, propõe a revisão de modelos comportamentais, assumindo-se valores verdadeiros e imorredouros como a humildade, honestidade, dignidade, amor ao próximo e outras virtudes, como sendo a fórmula revolucionária de melhoria progressiva da Humanidade.

Nestes 150 anos, quando muitos confrades e instituições se movimentam para comemorações ao longo de 2007, oportuno advertir que não bastam as manifestações exteriores alusivas ao sesquicentenário do Espiritismo e as reuniões de congraçamento de grande número de pessoas. Mais importante de tudo será o alcance em profundidade que essa mensagem de renovação e de esperança se dê em nós, para que movimente-nos a intimidade, impulsionando-nos no dia-a-dia, para uma vivência em plena consonância com as proposições de Jesus.

Para esse mister torna imperioso mantenhamos o Espiritismo com a pureza essencial, aos moldes do Cristianismo nascente, sem permitir seja incorporadas práticas estranhas ao projeto dos Espíritos Superiores.

A unidade doutrinária foi a única e derradeira divisa de Allan Kardec, por ser a fortaleza intransponível do Espiritismo. Para tornarmos o Espiritismo inexpugnável urge munir-nos contra a infiltração nas fileiras espíritas de ideologias discutíveis, ligadas a movimentos incompatíveis com os sãos princípios e com as finalidades essenciais da Doutrina. Por essa razão, e por não ser tarefa das mais fáceis, as federativas estaduais ainda

encontram extremas dificuldades de realizarem o ideal da Unificação sonhada por Kardec e Bezerra de Menezes na Pátria do Evangelho. Isto porque as trevas são poderosas e organizadas e assestam suas armas para destruir o projeto doutrinário, ora incrementando publicações livros que jamais deveriam existir nas nossas hostes, ora sugerindo a expulsão de Jesus nos nossos estudos, ora menoscabando o valor do Pentateuco kardeciano.

Porém, tão firmes são os fundamentos espíritas que, apesar do enorme avanço dos conhecimentos científicos na segunda metade do século XIX e no século XX, não houve necessidade de ajustar a Doutrina Espírita a quaisquer verdades ou descobertas novas. Os espíritas estudiosos sabem que muitos dos ensinos doutrinários constituem-se em antevisões de realidades que só futuramente serão reconhecidas pelos diversos departamentos científicos a que se dedica o homem. Isto não significa que o Espiritismo seja obra pronta e acabada, porém que não pode e não deve ser mutilada em seus princípios.

Um pouco mais de 54.000 dias se passaram de convite ao amor e à instrução à luz da Terceira Revelação. Atualmente são milhões, em todos os quadrantes do Globo, aqueles que aceitam a convocação, penetram o conhecimento da vida em sua máxima amplitude e grandeza, e estão trabalhando proficuamente para a grande reforma moral, numa revolução silenciosa, porém constante, rendendo preito de gratidão ao Espiritismo, por tudo o que ele já fez e continua fazendo a cada dia pela humanidade.

Roguemos a Deus cubra de bênçãos o Movimento Espírita Mundial, a fim de que cada Centro Espírita, cada organização espírita, através dos espíritas, continuem a brilhar suas luzes, indicando roteiro seguro para a caminhada do homem não somente para os próximos centenários, mas para os próximos milênios.

Espiritismo, essa palavra está desgastada? Que tal "Doutrina dos Espíritos" ou "kardecismo"?

O questionamento que intitula este texto foi enviado a mim por um leitor dos artigos relacionados no site http://jorgehessen.net. Em verdade, há muitos confrades que têm identificado o gravíssimo desgaste da palavra "espiritismo" e sugerem a sua modificação para "Doutrina dos Espíritos", ou "Doutrina Espírita", ou até mesmo "Kardecismo" (e seus derivados), que são termos que vêm sendo popularizados no Brasil devido, justamente, ao místico sincretismo religioso, que remete as pessoas a confundirem espiritismo com ocultismo, esoterismo, exoterismo, teosofia, orientalismo, umbandismo, xamanismo, exorcismo e outros similares, por isso é comum ouvirmos de alguns adeptos: "sou kardecista". (!?)

Uma das leitoras do site nos escreveu o seguinte: "sempre que alguém pergunta qual a minha religião eu respondo: Sou Kardecista, justo para diferençar dos equívocos quanto ao termo Espírita. Já que estão fazendo tamanha confusão com a nossa doutrina, quem sabe se passarmos a dizer que somos Kardecistas, com o tempo, isso cairá em lugar comum e a diferença ficará patenteada, naturalmente." Não me animei a contra-argumentá-la de imediato, até porque, tempos atrás, jamais admitiria essa hipótese, pois Espiritismo só existe UM. No entanto, e embora consciente de que o Espiritismo não foi obra do homem, mas dos Espíritos Superiores, e que Kardec, por isso mesmo, foi, apenas, o instrumento de que a espiritualidade maior se serviu para transmitir novas diretrizes de amor e paz à Humanidade, nada obsta que cheguemos ao fato concreto de que o sufixo "ismo", em seu pseudônimo, seja disseminado para designar o movimento religioso (Espiritismo) por ele codificado, ou seja, o termo Kardecismo distinguiria a doutrina por si só. Como exemplo dessa ordem, podemos citar

o Darwinismo, o Platonismo, o Socratismo, etc., e quem nos garante que os métodos desses grandes vultos da História tenham sido particularíssimos, isto é, sem a inspiração de Espíritos Superiores? É óbvio que foram inspirados. Portanto, nada mais justo, oportuno e conveniente que estudemos essa possibilidade, "também", pois os espíritos superiores, por serem Superiores, representam a permanente tranquilidade interna ante as atitudes que promovam e dignifiquem o legítimo pensamento espírita. Urge que se faça a distinção, pois não podemos admitir que a Doutrina Espírita caminhe com luzes na essência e obscurantismo na sua aplicação prática. É um fato real e digno de nossa atenção.

Cremos ser importante buscarmos mecanismos responsáveis para que seja evitada a confusão, que tem trazido sérios prejuízos à expansão equilibrada do Espiritismo no Brasil. Recordemos que, no século XIX, Kardec criou o termo Espiritismo, exatamente, para diferenciar do espiritualismo em voga. Há, no entanto, quem interprete seja a Terceira Revelação obrigada a miscigenar-se com todas as peripécias aventureiras e com todos os exotismos religiosos, sob pena de fugir aos impositivos da fraternidade que veicula. Temos que nos acautelar sobre esse lisonjeiro ecletismo, buscando dignificar a Doutrina que nos consola e liberta, vigiando-lhe a pureza e a simplicidade. Não se trata de "inovar" coisa alguma, uma vez que não sugerimos qualquer modificação em seu conteúdo, e nem poderíamos, mas adequar o seu título identificador, de forma a manter a doutrina bem distinta das demais e não retardar, ainda mais, o seu curso programado, superando pouco a pouco a triste realidade que ora presenciamos.

O tema é de relevante interesse para o movimento espírita brasileiro, razão pela qual é urgente toda atenção dos órgãos "unificadores". Razões há de sobejo, pois, em quase todos os lugares que se pratica o mediunismo, atribui-se ao Espiritismo. Existem instituições que afixam placas e faixas nos seus pórticos com inscrições do tipo: "centro espírita caboclo beltrano", "tenda espírita pai sicrano", "cabana espírita vovô fulano", "associação espírita ramayana", "vidente espírita mãe

fulana de tal" e milhares de outras situações de crenças e até charlatanismos que têm arranhado o projeto da Doutrina Espírita. Apropriam-se "constitucionalmente" [liberdade de crença] do termo criado por Allan Kardec e propagam suas ideologias. Há, por essa razão, um exagerado uso e, até, abuso da palavra espiritismo no Brasil. A rigor, tudo que é atinente a "espíritos" tem sido confundido com "espiritismo" e, nesse marasmo ideológico, a Doutrina codificada por Allan Kardec permanece sendo ignorada, o que acarreta indiscutíveis prejuízos ao programa da Terceira Revelação. Como sói ocorrer na "pátria do misticismo", muitos compatriotas Crêem que o Espiritismo é patrimônio brasileiro, esquecidos de que a Doutrina Espírita é patrimônio da Humanidade e deve ser preservada a todo custo. Infelizmente, das duas, uma: ou o termo "espiritismo" cai no desuso ou toda a doutrina cai no descrédito. O que é pior? Sim, porque já estamos sentindo os efeitos negativos da utilização livre do nome "espírita", quando deveria ser intocável o seu significado original, sem desvirtuar a finalidade de tão rica e abençoada doutrina.

Para alguns confrades de índole "light ou clean" (!?), o tema ecoa como algo obscuro, subjetivo. Lembremos-lhes que nenhum espírita sincero se coloca como imprescindível, não tenta impor sua vontade, e nem considera que seu ponto de vista seja o mais acertado e que deva ser aceito por todos, esperando adesões sem questionamentos. É elementar afirmar-lhes que não somos donos da verdade. Nossa opinião, nosso ponto de vista é apenas um ponto de vista pessoal, resultante de observação pessoal que é diferente da experiência dos outros, que - sabemos - não pode ser desprezada e nem aceita passivamente.

Doutrina Espírita é o conjunto de princípios e leis, revelados pelos Espíritos Superiores, contidos nas obras de Allan Kardec, a saber: O Livro dos Espíritos, publicado em 1857; O Livro dos Médiuns, publicado em 1861; O Evangelho segundo o Espiritismo, publicado em 1864; O Céu e o Inferno, publicado em 1865; A Gênese, publicado em 1868.

O vocábulo Espiritismo, neologismo criado por Allan Kardec, compreende a doutrina transmitida pelos Espíritos. Propõe

conceitos novos e profundos a respeito de Deus, do Universo, dos Homens, dos Espíritos e das Leis que regem a vida. "O Espiritismo é uma Ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal."(1) Vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. "O espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e por que está na Terra; atrai para os verdadeiros princípios da lei de Deus e consola pela fé e pela esperança." (2) Trazendo conceitos novos sobre o homem e tudo o que o cerca, o Espiritismo toca em todas as áreas do conhecimento, das atividades e do comportamento humanos, abrindo uma nova era para a regeneração da Humanidade. Pode e deve ser estudado, analisado e praticado em todos os aspectos fundamentais da vida, tais como: científico, filosófico, religioso, ético, moral, educacional e social. O Espiritismo não impõe os seus princípios. Ao contrário, convida os interessados em conhecê-lo a submeterem os seus ensinos ao crivo da razão, antes de aceitá-los.

Diante do exposto, lembramos que todo Centro Espírita só deva ter vínculo com o genuíno Cristianismo, razão por que a Doutrina Espírita é reconhecida como sendo o Cristianismo Redivivo, e não com outros credos, seitas e rituais, pois não resulta de qualquer forma de sincretismo religioso. Não há espaço no Espiritismo para diferentes ramificações ou categorias, como: "alto" ou "baixo" Espiritismo; de "mesa branca"; "azul", "rosa", "preta", etc., ou outras do gênero; bem como, não se adota a prática de adoração a objetos "milagrosos". Uma instituição, legitimamente fundamentada em Kardec não tem corpo sacerdotal, não adota e nem usa, em suas reuniões ou sessões: paramentos, roupas brancas, bebidas alcoólicas, incensos, fumos de qualquer espécie, altares, imagens de "entidades" e/ou "santos", andores, velas, procissões, talismãs, amuletos, sacramentos, concessões de indulgência, horóscopos, cartomancia, pirâmides, cristais, búzios, rituais, canto de hinos nas reuniões públicas ou

quaisquer outras formas de culto exterior.

O Centro Espírita, genuinamente embasado em Kardec, é um núcleo de amor e tem tripla finalidade, atuando como Templo, Hospital e Escola. Aí, nesse local, promove-se o estudo metódico e sistemático da Doutrina Espírita e do Evangelho; organiza-se a evangelização da criança; divulgam-se as obras básicas e complementares, através de livros e de outros meios de comunicação; programam-se estudos sobre mediunidade, com orientações e atividades mediúnicas. Nesse quesito, ressalte-se que prática mediúnica espírita só é aquela que é exercida com base nos princípios da Doutrina Espírita e dentro da moral cristã contida em O Evangelho segundo o Espiritismo, roteiro para a evolução segura de todos os homens. Uma instituição espírita mantém trabalhos de atendimento fraterno, pelo diálogo, com orientação e esclarecimento às pessoas que buscam apoio e consolação. Executa o serviço de assistência social. Incentiva e orienta para a implantação do culto do Evangelho Lar.(3)

Destacamos, mais uma vez, pela relevância do tema em questão, que um centro espírita não tem "chefes", "sacerdotes", "gurus", ou "lideres espirituais", e sim, trabalhadores de boa vontade, que reconhecem Jesus como o único Mestre, e Kardec, como um dos seus discípulos mais fiéis. A clareza da Doutrina Espírita é a sua própria essência, e é isso que lhe dá força, para que atinja, diretamente, a inteligência e ative o raciocínio. Nada tem de misteriosa, e seus adeptos não possuem qualquer segredo que seja oculto ao povo. Tem como orientação segura os livros básicos citados acima. Revela, ainda, o que somos, de onde viemos e para onde vamos, qual o objetivo da existência terrena e qual a razão da dor e do sofrimento. É importante frisar que toda prática espírita é gratuita, dentro do princípio do Evangelho: "Dai de graça o que de graça recebestes". Como já citamos, a prática espírita é realizada sem nenhum culto exterior, dentro do princípio cristão de que Deus deve ser adorado em espírito e verdade. Um autêntico Centro Espírita tem que funcionar como se fosse um verdadeiro pronto-socorro espiritual, tal qual refrigério em favor das almas em desalinho, e não um reduto de promessas

ilusórias. A Casa Espírita tem que estar preparada para receber um contingente, cada vez maior, de pessoas perdidas no lodaçal de suas próprias imperfeições, e que estão nos vales sombrios da ignorância.

Apesar das apropriações indébitas do termo espírita, embora sem conivência, pois cada coisa deve estar em seu devido lugar, todavia os espíritas, respeitamos todas as religiões, valorizamos todos os esforços para a prática do bem, trabalhamos pela confraternização entre todos os homens, independentemente, de raça, cor, nacionalidade, crença ou nível cultural e social, e reconhecemos que, segundo Kardec, "o verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza".(4) Sabemos, com as ressalvas descritas no texto, que toda crença é respeitável, quando sincera e conducente à prática do bem. Condenáveis são as crenças que conduzam ao mal. Não podemos faltar com a caridade e atentar contra a liberdade de pensamento. Contudo, os equívocos que se promovem em nome do "espiritismo" precisam ser corrigidos em nome do projeto confiado a Allan Kardec, no século XIX. Doutra forma, o projeto do movimento espírita brasileiro perderá o sentido e se fracionará, ainda mais, e em se enfraquecendo, tenderá a se extinguir nos ares densos do misticismo inócuo.

É importante não esquecermos de que nas pequeninas concessões vamos descaracterizando o projeto da Terceira Revelação. Por essa razão, Espírita deve ser o nosso caráter, ainda mesmo que nos sintamos em reajuste, depois da queda. Espírita deve ser a nossa conduta, ainda mesmo que estejamos em duras experiências. Espírita deve ser o nome do nosso nome, ainda mesmo que respiremos em aflitivos combates conosco mesmo. Espírita deve ser o claro adjetivo de nossa instituição, ainda mesmo que, por isso, nos faltem as passageiras subvenções e honrarias terrestres.

Repito, mais uma vez, e para finalizar: Nossa intenção com este artigo não é mudar coisa alguma, mesmo porque, não temos poder para tanto, mas sugere que o uso dos termos Kardecismo ou Kardecista não signifique atentar contra a doutrina, ou, ainda, que não sejam motivo de críticas severas

ou indignação, pois esses termos estão, intrinsecamente, associados ao termo Espiritismo.

Kardec criou os termos "Espiritismo e Espírita" para que a Doutrina dos Espíritos ficasse bem distinta de tudo que pudesse confundi-la e, também, por não ser o autor, mas o codificador. Sua preocupação maior não era com a autoria, pois sua consciência ética e espiritual jamais o permitiria trair os benfeitores que o assistiam, mas inquietava-se, e com razão, com a confusão que pudesse gerar o sentido múltiplo de alguns vocábulos, como, por exemplo, as palavras "espiritual, espiritualista e espiritualismo", que, como ele próprio disse, no item I, da Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita, em O Livro dos Espíritos, "dar-lhes uma nova acepção para aplicá-las à doutrina dos Espíritos seria multiplicar as causas já numerosas de anfibologia". Daí, eu pergunto: e hoje? A mesma inquietação dele, àquela época, é nossa, hoje. Então, quais termos ele usaria, hoje, para que a doutrina se mantenha distinta? Sim, porque, atualmente, a constatação da precípua ideia de Kardec é outra, e todos nós sabemos disso. O Espiritismo está sendo confundido e deturpado. Então, quais seriam esses termos? É um caso a pensar e uma pergunta a fazer aos nossos confrades.

A guisa de enquete, diante dos argumentos aqui expressos, indagamos ao amigo leitor: você acha que devemos utilizar mais vezes os termos Doutrina Espírita e/ou Kardecismo, ao invés de "Espiritismo"? Responda-nos abaixo.

Referências bibliográficas:

(1) Kardec, Allan. O que é o Espiritismo, RJ: Ed. FEB, 1999 - Preâmbulo

(2) Kardec, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo, RJ: Ed. FEB, 1999 - cap. VI

(3) Evangelho em Família é a reunião dos familiares com propósito de estudar os ensinamentos do Cristo, para melhor vencerem as dificuldades do caminho, uma vez que se apóiam mutuamente no mesmo entendimento desta maravilhosa

doutrina que tem um objetivo só para todos: assimilar as lições de Jesus e pô-los em prática para alcançar a paz integral.

(4) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, RJ: Ed. Feb, 2000, comentário da questão 918

Evangelho instrumento sublime para vencer as trevas

Em face da ausência de maior vigília para prática cristã que venha nortear nossas ações e reações, permanecemos num patamar inferior de angustias. Há um esforço cada vez mais intenso dos obsessores para manter a vida na Terra em seu primarismo instintivo e as nossas tendências funcionando como antenas receptoras mentais para as vis conexões com as suas artimanhas. É bom que se diga que essa conjugação também se dá ao nível de encarnados para encarnados e destes para desencarnados.

No que reporta aos problemas de influenciações espirituais, Allan Kardec interroga aos mentores espirituais: "Influem os espíritos nos nossos pensamentos e ações?"

Os veneráveis benfeitores elucidam que "(...) sua influência é maior do que pensais, pois muitas vezes são eles que vos dirigem."(1)

A propósito, lembremos que o alcoolismo, o uso de drogas, os desvarios sexuais, o tabagismo, criam condicionamentos ao encarnado e atingem também o desencarnado que se vê atormentado por irresistível desejo. Na impossibilidade de satisfazerem-se na dimensão espiritual, os viciados do além procuram os viciados encarnados para estabelecerem um processo de simbiose psíquica. Por isso, não é raro o viciado sentir-se nervoso, descontrolado, por passar algum tempo sem realizar seu desejo. Normalmente, isso é sintoma da influencia dos obsessores, que lhe cobram a satisfação de suas necessidades.

Sabemos que os algozes reagentes do plano extrafísico (desencarnados) são os mesmos encarnados de outrora que, por má-vontade, permanecem imantados aos planos da materialidade, do sensualismo, da violência e que se agarrando, fortemente ao campo físico não desgrudam dos encarnados

que com eles se afinizam.

Portanto, por insinceridade, em nosso tênue esforço para a reforma moral, obstamos as relações equilibradas e equilibrantes conosco e com o próximo. Toda nossa desarmonia leva a desenvolver sintonias viciosas com outras mentes doentias, sejam de desencarnados ou encarnados, o que aguça sobremaneira nosso próprio desarranjo interior, resultando daí as ingentes dificuldades para nos libertar das algemas em que nos aguilhoamos ante as garras do mal.

Urge pondera que, na medida em que a ideia negativa é facilitada, os espíritos vão dominando nossa personalidade, exercendo influencia cada vez mais consistente. As motivações deliberadas para agirmos em padrão de inferioridade moral sofrem potencialização impressionante, pois os obsessores atuam, emitindo forças mentais quais dardos venenosos que nos destroem aos poucos. Porém, não podemos esquecer que a obsessão é um importante fator que amplia os impulsos que nos são próprios onde se infere que a obsessão é apenas uma questão de afinidade moral. "Cada um de nós forma a sua atmosfera moral, dentro da qual somente podem penetrar espíritos da nossa natureza, que são os únicos que a podem respirar."(2)

A Obsessão configura-se toda vez que alguém, encarnado ou desencarnado, exerça sobre outrem constrição mental negativa por qualquer motivo, através de simples sugestão, indução ou coação, objetivando domínio. A rigor "a obsessão ocorre porque os seres humanos ainda carregam em suas almas uma taxa mais elevada de sombras que de luz.!"(3)

Evidentemente que a peça mais importante para a vitória sobre as trevas está reservada ao obsidiado. A terapêutica doutrinária é a do convite para autoanálise sincera, para destruir em definitivo as tendências negativas, numa estóica busca do Evangelho como alavanca de legitima libertação.

Jorge Hessen

(*) Artigo publicado na Revista O ESPÍRITA / 1º Semestre de 2005, Pg. 6

Referências bibliográficas:

(1) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001, questão 459
(2) Menezes, Bezerra. A Loucura Sob Novo Prisma, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1984, pág 158
(3) Shubert, Suely Caldas. Obsessão e Desobsessão, Rio de Janeiro: Ed. FEB 1981, pág. 31

Sabedoria ou Amor? A questão está exposta!

Um confrade perguntou-nos se era mais importante ao espírito encarnado a caridade (amor) ou a intelectualidade (sabedoria). Para esclarecê-lo procuramos beber informações nas fontes do saber emmanuelino. Disse-lhe que ante as perspectivas do crescimento espiritual, a caridade (sentir) é sobejamente mais importante, na essência, que a inteligência (saber), inobstante necessitarmos das duas asas (amor e sabedoria) para alçar vôos rumo à excelsa destinação luminosa. Em realidade, o sentimento e a sabedoria são as duas asas com que a alma se elevará para a perfeição infinita; os dois são classificados como adiantamento moral e adiantamento intelectual; ambos são imprescindíveis ao progresso, sendo justo, porém, considerar a superioridade do primeiro (sentimento) sobre o segundo (sabedoria), porquanto "a parte intelectual sem a moral pode oferecer numerosas perspectivas de queda, na repetição das experiências, enquanto que o avanço moral jamais será excessivo, representando o núcleo mais importante das energias evolutivas."(1)

Em verdade, a nossa capacidade intelectual é demasiadamente curta, em face dos elevados poderes da personalidade espiritual, independente dos laços da matéria. Segundo Emmanuel, "os elos da reencarnação fazem o papel de quebra-luz sobre todas as conquistas anteriores do Espírito reencarnado. Nessa sombra reside o acervo de lembranças vagas, de vocações inatas, de numerosas experiências, de valores naturais e espontâneos, a que chamamos subconsciência. Aliás, a incapacidade intelectual do homem físico tem sua origem na sua própria situação, caracterizada pela necessidade de provas amargas."(2)

Os valores intelectuais da Terra, atualmente, padecem a afronta de todas as forças corruptoras do declínio. "A atual

geração, que tantas vezes se entregou à jactância, atribuindo a si mesma as mais altas conquistas no terreno do raciocínio positivo, operou os mais vastos desequilíbrios nas correntes evolutivas do orbe, com o seu injustificável divórcio do sentimento."(3) É por esse ensejo que notamos no cenário político-social-econômico da Terra as aberrações, os absurdos teóricos, os extremismos estabelecendo a inversão de todos os valores. "Excessivamente preocupados com as suas extravagâncias, os missionários da inteligência trocaram o seu labor junto ao espírito por um lugar de domínio, como os sacerdotes religiosos que permutaram a luz da fé pelas prebendas tangíveis da situação econômica."(4)

Entretanto, é imprescindível reconhecer que há uma tarefa especializada da inteligência no orbe terrestre, sobretudo para os que recebem a delegação abençoada, em lutas expiatórias ou em missões santificantes, de ampliar a boa tarefa da inteligência em benefício real da coletividade. É urgente, contudo, a vigilância constante, pois "o destaque intelectual, muitas vezes, obscurece no mundo a visão do Espírito encarnado, conduzindo-o à vaidade injustificável, onde as intenções mais puras ficam aniquiladas."(5)

Outro aspecto que devemos refletir é se devemos, em nome do Espiritismo, buscar os intelectuais para a compreensão dos seus deveres espirituais. Emmanuel responde-nos essa questão de forma categórica: "provocar a atenção dos outros no intuito de regenerá-los, quando todos nós, mesmos os desencarnados, estamos em função de aperfeiçoamento e aprendizado, não parece muito justo, porque estamos ainda com um dever essencial, que é o da edificação de nós mesmos. No labor da Doutrina, temos de convir que o Espiritismo é o Cristianismo redivivo pelo qual precisamos fornecer o testemunho da verdade e, dentro do nosso conceito de relatividade, todo o fundamento da verdade da Terra está em Jesus Cristo."(6)

A Terceira Revelação triunfa por si, sem a concorrência das fracas possibilidades humanas. Ninguém deverá procurar os intelectuais supondo-se elemento indispensável à sua vitória. Emmanuel alerta que "o Espiritismo não necessita de determinados homens (intelectualizados) para consolar e

instruir as criaturas, depreendendo-se que os próprios intelectuais do mundo é que devem buscar, espontaneamente, na fonte de conhecimentos doutrinários, o benefício de sua iluminação.”(7)

Caro irmão, lembremos que os homens simplórios, iletrados, humildes que “passam a vida inteira trabalhando ao Sol no amanho da Terra, fabricando o pão saboroso da vida, têm mais valor para Deus que os artistas de inteligência viciada, que outra coisa não fazem senão perturbar a marcha divina das suas leis. Portanto, que a expressão de intelectualidade é muito valiosa, não há dúvida, mas não pode prescindir jamais dos valores do sentimento em sua essência sublime.”(8)

Bibliografia:

(1) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, Ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1990, perg. 204
(2) Idem perg. 205
(3) Idem, perg. 206
(4) Idem, perg. 207
(5) Idem, perg. 208
(6) Idem, perg. 210
(7) Idem,
(8) Idem

Perdoar é ter domínio sobre a felicidade para conquistar a paz

Todos ansiamos a conquista da paz e procuramos a alegria de viver na Terra. Porém, que tipo de felicidade é essa que quanto mais se caça mais afastada permanece? Para que verdadeiramente conquistemos a paz e a felicidade, é urgente reconhecermos nossas fraquezas morais e colocarmos em prática a melhoria pessoal. Das diferentes angústias que nos afastam da paz e da felicidade, a mágoa tem lugar de relevo. Pensando nisso, deliberamos escrever a respeito do perdão, por considerar ser uma das grandes virtudes, por via das quais conseguiremos a paz e a felicidade cobiçadas.

A ordem "perdoar setenta vezes sete vezes" proferida por Jesus precisa ser aplicada ao limite máximo das nossas experiências cotidianas. Não obstante, excepcionalmente conseguimos perdoar pessoas que nos causaram algum agravo, lesão, perda ou ofensa, pois quase sempre elegemos permanecer zangados, desgostosos, melindrados ou magoados (às vezes por uma vida inteira ou várias encarnações). Há casos em que alguns instantes após a ocorrência da ofensa, quiçá, o agressor que nos danificou já tenha esquecido a expressão infeliz ou o insulto a nós dirigido. No que tange ao nosso sentimento de justiça, experimentamos em cada afronta sofrida a cólera ou a aversão e diversas ocasiões podemos escolher espaçar no tempo esses sentimentos destrutivos, na forma de rancor, preservando no recesso de nossa mente a aflição, a agonia, a ansiedade por alongados anos.

Jesus ensinou: "Se perdoardes aos homens as ofensas que vos fazem, também vosso Pai celestial vos perdoará os vossos pecados. Mas se não perdoardes aos homens, tampouco vosso Pai vos perdoará os vossos pecados".(1) Perdoar é atitude sublime, além de imperativo, já que para que sejamos

perdoados é mister que absolvamos o ofensor. O Criador tem nos indultado desde sempre. Tomando-se por base o convite ao perdão, ensinado e exemplificado pelo Cristo, aprendamos a não permitir que consternações, injúrias, danos morais de qualquer espécie nos causem repugnâncias, desapontamentos e agressividades delituosas. Temos na figura incomparável do Crucificado o exemplo culminante de clemência.

Infelizmente, quase sempre optamos por não perdoar no sentido mais exato do termo perdão. Criamos imagens sobre a ofensa sofrida e permanecemos reproduzindo a mágoa a todos que atravessam o nosso caminho, e muitas vezes chegamos às lágrimas, nos fazendo de vítimas quase sempre diante de tudo e de todos. Quando não topamos com alguma pessoa disposta a escutar a nossa lamúria, continuamos reprisando de contínuo a história do insulto em nosso coração. Essa sensação nos deteriora as ideias e ocupa um imenso espaço em nossa mente. É uma categoria de auto-obsessão. Com a mente embebida de pensamentos de "vingança e justiça com as próprias mãos", não alcançamos raciocínios lógicos; não localizamos expedientes criativos para as dificuldades mais simples, arruinamos a aptidão de concentração, nos tornamos irrequietos e enfadados com pequeninas coisas.

"O perdão do Senhor é sempre transformação do mal no bem, com renovação de nossas oportunidades de luta e resgate, no grande caminho da vida. O perdão é em qualquer tempo, sempre um traço de luz conduzindo a nossa vida à comunhão com Jesus."(2) Mas quando optamos por não perdoar (ou tão somente perdoar da "boca para fora"), denunciamos o outro pela nossa desdita, o que equivale a responsabilizar o próximo pela nossa condição de vítima em infindável amargura. Agindo assim, estamos oferecendo autoridade ao ofensor sobre nós, ou seja, a faculdade de despedaçar a nossa paz, a nossa calma, o nosso prazer de viver (felicidade) e, sobretudo a nossa preciosa saúde.

Não desconhecemos que nosso estado emocional conduz a saúde de todos os complexos fisiológicos. Quando sustentamos bons pensamentos e emoções serenas, geramos frequências magnéticas que alcançam todas as estruturas celulares,

conduzindo as reações eletrobioquímicas, a seiva imunológica, a divisão das células, a simbiose entre os tecidos, a alimentação, as funções neuropsíquicas, a pujança de ânimo, enfim, o vigor e a harmonia do arcabouço orgânico.

Sem sombra de dúvida, o máximo de benefício do perdão é para quem perdoa incondicionalmente. O infrator que nos ocasionou determinado agravo não está torturado com a nossa situação emocional. “Quem bate esquece” - diz o jargão popular – é verdade! O ofensor, via de regra, esquece a injúria que suscitou o nosso ajuizamento com a consequente condenação. Em boa medida, perdoar constitui desanuviar o coração; arrancar um espinho encravado n’alma, ter domínio sobre a tão procurada felicidade e conquistar a paz.

Referências bibliográficas:

(1)Mateus, VI: 14-15

(2)Xavier, Francisco Cândido. Pai Nosso, ditado pelo Espírito Meimei, Rio de Janeiro: Ed. FEB.

Advento do Paracleto

No séc. XVI na Era da Razão, do antropocentrismo, a retórica materialista ganha força devido às transformações sociais, políticas, econômicas e religiosas que foram se operando na Europa. A fé se extinguiu em sua própria fonte; o ideal religioso desapareceu. Nessa conjuntura, a única realidade concreta é a matéria em movimento, a qual, dada a sua riqueza, é capaz de produzir certos efeitos surpreendentes que chamamos de psíquicos ou mentais. A rigor, o Cristianismo vigente e aceito pela maioria dos homens não tinha respostas adequadas para as mazelas da civilização.

Atualmente, após dois milênios de fermentação histórica, de doloroso amadurecimento do homem, de criminosas deformações da mensagem cristã, afinal seria possível o restabelecimento dos ensinos fundamentais em sua pureza primitiva? Em O Evangelho Segundo o Espiritismo Kardec e os Espíritos Superiores revelam ser o Espiritismo "O Consolador Prometido por Jesus", "O Espírito de Verdade", o "Paracleto", conforme o Evangelho de João. "Se me amais, guardai os meus mandamentos; e eu rogarei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: - O Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque o não vê e absolutamente o não conhece. Mas, quanto a vós, conhecê-lo-eis, porque ficará convosco e estará em vós. - Porém, o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito".(1)

Se, portanto, o Espírito de Verdade devia vir posteriormente ensinar todas as coisas, é porque o Cristo não havia ensinado tudo à época. Se viria recordar o que Cristo havia dito, é que o teríamos esquecido ou mal interpretado. Consoante Sua assertiva, Seus ensinamentos estavam incompletos, já que

anunciava a vinda daquele que os deveria completar. Destarte, se o Cristo não pôde desenvolver seu ensinamento de uma maneira completa, é que faltava aos homens conhecimentos que não poderiam adquirir senão com o tempo, e sem os quais não o poderiam compreender; coisas que poderiam parecer um contrassenso no estado de conhecimento vigente de então. Kardec ainda recorda que o Espiritismo vem no tempo certo cumprir a promessa do Cristo: o Espírito de Verdade preside ao seu estabelecimento lembrando aos homens a observância da lei; ensinando todas as coisas, fazendo compreender o que o Cristo havia dito por parábolas. Cristo disse: "Ouçam aqueles que têm ouvidos para ouvir"; o Espiritismo vem abrir os olhos e ouvidos, porque fala sem figuras e sem alegorias; levanta o véu deixado intencionalmente sobre certos mistérios; vem enfim trazer uma suprema consolação aos deserdados da terra e a todos aqueles que sofrem, dando uma causa justa e um propósito útil a todas as dores.

O Espiritismo lhe dá uma fé inabalável no porvir, e a dúvida pungente não mais toma conta de sua alma; fazendo-o ver as coisas do alto, a importância das vicissitudes terrestres se perde na vastidão e no esplêndido horizonte que a abraça, e a perspectiva da felicidade que o espera lhe dá a paciência, a resignação e a coragem de ir até o fim do caminho.(2) Alguns irmãos afirmam que são muitas as doutrinas que consolam. Por que seria consolador apenas o Espiritismo? Perguntamos: as outras doutrinas oferecem ao homem as ferramentas [reencarnação, intercâmbio com desencarnados, pluralidade dos mundos habitados etc] que o Espiritismo apresenta? Certamente que não! Até porque a Doutrina Espírita não é um conjunto de ideias, dita por um pensador ou por um grupo qualquer. Trata-se da manifestação do Espírito de Verdade, que o fez utilizando o sistema de universalidade, justamente para que opiniões pessoais ou de grupos não viessem colocar em risco o futuro da mensagem libertadora. A Terceira Revelação [ou Consolador Prometido] fundamenta-se na opinião de um conjunto de inteligências [Espíritos], que se manifestaram em mais de mil agrupamentos espíritas em todo o mundo, na época da Codificação.(3) Foram essas inteligências que

estabeleceram os princípios morais e filosóficos da Doutrina Espírita e que não podem ser mudados pela vontade deste ou daquele pensador discordante. Eis a razão pela qual se constitui numa Revelação e não numa doutrina comum, vinda para ser modificada ou interpretada como as filosofias humanas de todos os tempos. Senão, vejamos, O Livro dos Espíritos é considerado por muitos estudiosos como a obra mais avançada de Filosofia que se tem notícia, tratando de assuntos que tocam todos os ramos do conhecimento: Deus, a alma, o homem e sua imortalidade, a justiça divina, a reencarnação, a pluralidade dos mundos habitados etc. Com ele inaugura-se a "era do Espírito e da Fé raciocinada", não mais a fé cega! O Espírito Bezerra de Menezes disse: "O Livro dos Espíritos, se for estudado carinhosa, detida e sistematicamente, durante cem anos, não será totalmente penetrado".(4) Cristãos contemporâneos dizem que a comunicação com os espíritos não é possível, pois foi proibida por Moisés (5), portanto, tratar-se-ia de demônios(6) que tentam enganar os homens. Todavia, por que somente os espíritos maus poderiam se comunicar conosco? Os bons espíritos não teriam esse direito?

E os chamados anjos, que revelavam as profecias, acaso não são espíritos também? Por outro lado, Jesus também disse: "é necessário nascer de novo".(7) (grifei) Admitindo que Deus é infinitamente Bom e Justo, por que existiriam tantas crianças com deficiências inatas? 'Por causa dos pecados dos pais', dirão. Mas seria justo Deus "punir" uma inocente criança por causa dos erros dos seus pais? Reconhecendo que nos Estatutos de Deus não há espaço para injustiças, só podemos concluir que essa criança não é tão inocente como se supõe, visto que certamente ela errou muito em sua existência anterior.

Ademais, não concebemos essas tragédias como punição ou castigo, mas como um ensejo de correção em benefício futuro do próprio indivíduo. E no caso das extraordinárias crianças superdotadas ou gênios-mirins? De duas uma, ou admitir-se-á um Criador caprichoso, que privilegiou essas almas, ou então, inevitavelmente, estas inteligências muito acima da média são resultante do vasto cabedal de conhecimentos acumulados na

vida pretérita, manifestando na infância o talento que trazem do passado. Também nas hostes espíritas há aqueles que querem separar a parte científica, filosófica e religiosa da Doutrina, e Chico Xavier comentando o assunto a respeito lembrou que "A Doutrina Espírita é ciência, filosofia e religião. Se tirarmos a religião, o que é que fica? (...) fica um corpo sem coração, se tirarmos a ciência fica um corpo sem cabeça e se tirarmos a filosofia fica um corpo sem membros.(8) Portanto, não esqueçamos que O Consolador assume três aspectos: Científico, Filosófico e Religioso. Como ciência comprova através da lógica e da experimentação. Como filosofia opera o trabalho do raciocínio em busca do conhecimento e da sabedoria. Como religião elucida e clarifica, buscando elevar as almas, ligando as pessoas umas às outras e a Deus, edificando e iluminando os sentimentos, promovendo a reforma íntima.

O que tentamos aqui demonstrar, em linhas gerais, é que a Doutrina dos Espíritos é a Terceira Revelação, à guisa de complementação das duas anteriores, pois se a Primeira, com Moisés, trouxe a noção de Justiça à barbárie e a Segunda, com Jesus Cristo, trouxe a noção do Amor Excelso ao povo ainda rude, ela veio trazer ao homem a noção consoladora do Dever, conforme prometeu o Mestre quando disse: "Muitas coisas tenho ainda a dizer-vos, mas não as podeis suportar agora Mas o Paracleto, o Espírito Santo (10), que o Pai enviará em meu nome, ensinar-vos-á todas as coisas, e vos recordará tudo o que vos tenho dito. (11)

Referências bibliográficas:

(1) João, cap. XIV, vv. 15:16: 17:26

(2) Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, RJ: Ed FEB, 1999. Cap. VI.

(3) Poderia um único homem ser capaz de formular sozinho todos os conceitos científicos e filosóficos da Doutrina Espírita?, Por mais notável que fosse a genialidade de Kardec, cremos que isto não seria possível. Em verdade os Espíritos Superiores levaram a Nova Revelação de um pólo ao outro, manifestando-se em todas as partes do globo, sem outorgar a ninguém o

privilégio exclusivo de ouvir suas palavras. É nesta universalidade dos preceitos doutrinários que está a força inexpugnável do Espiritismo e também a causa de sua tão rápida propagação.

(4) Reformador de janeiro de 1974, página 30, ed. FEB

(5) O Deuteronômio diz: Nunca exista entre vós quem consulte adivinhos, quem observe sonhos e agouros, quem use de malefícios, sortilégios, encantamentos, ou consultem os que têm o Espírito pitônico e se dão a práticas de adivinhação interrogando os mortos. O Senhor abomina todas essas coisas e destruirá, à vossa entrada, as nações que cometem tais crimes."(Cap. XVIII vv. 10, 11 e 12.)".

(6) A palavra "Satan", em grego significa adversário. Diábolos, em latim, quer dizer opositor. A palavra demônio (daimon), na sua etimologia grega significa espíritos humanos ou almas, passando a ser, posteriormente, entendida como espíritos maus. Tanto que alguns autores do alvorecer do Cristianismo usavam a expressão "maus demônios", e um deles foi São Justino, martirizado em 165 D.C, e que escreveu a Obra "Apologia da Religião Cristã".

(7) João, cap. III vs 1:12.

(8) "Entrevistas com Chico Xavier", disponível em acesso em 27/03/2005

(9) João, cap, XVI, vs 12.

(10) Jesus quando profetizou a vinda do Consolador, se referia ao Bom Espírito; não usou em absoluto a expressão Espírito Santo que foi certamente uma alteração nas traduções. Hoje nós sabemos que a expressão Espírito Santo simboliza os Espíritos que trabalham a serviço de Deus e já naquela época envolveram os discípulos de Jesus, na festa de Pentecostes, provocando a eclosão da faculdade mediúnica, levando-os a falarem em diferentes línguas aos estrangeiros do local (xenoglossia)

(11) João, cap, XIV, vs 25

Ah! Que saudade do Chico Xavier! ...

Podemos definir o Movimento Espírita como o conjunto de atividades, objetivando apresentar o Espiritismo ao alcance e a serviço de todos os homens, por intermédio do seu estudo, da sua prática e da sua difusão. A base desse processo é o Centro Espírita. Este deve promover atendimento fraternal a todos os que o procuram para obter orientação, esclarecimento, ajuda ou consolação, com base no Evangelho de Jesus à luz da Codificação kardeciana.

O Centro Espírita proporciona aos seus frequentadores a grande oportunidade de exercitar o aprimoramento íntimo, pela vivência do Evangelho em suas atividades. A simplicidade na prática da caridade, a total ausência de imagens, paramentos, símbolos, rituais, sacramentos ou outras quaisquer manifestações exteriores, têm que ser as suas principais características. É o marco fundamental do Movimento Espírita.

No Brasil, como está o Movimento Espírita? Sobre isso, procuramos registrar, aqui, com a maior fidelidade possível, alguns argumentos de Francisco Cândido Xavier conforme publicado no livro Estudos no Tempo.(1)

As advertências do Chico são atuais e ecoam em nossa acústica doutrinária, convidando-nos a uma reflexão urgente e séria, em torno do Movimento Espírita, cuja missiologia é a de reviver o Cristianismo primitivo em sua simplicidade, e que tem na máxima, "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei",(2) a sua expressão maior.

Não precisamos fazer um esforço descomunal para identificar, nas hostes espíritas, um ranço elitista abominável. Sobre isso, Chico avisa: "É preciso fugir da tendência à "elitização" no seio do movimento espírita. É necessário que os dirigentes espíritas, principalmente os ligados aos órgãos unificadores, compreendam e sintam que o Espiritismo veio

para o povo e com ele dialogar. É indispensável que estudemos a Doutrina Espírita junto às massas, que amemos a todos os companheiros, mas, sobretudo, aos espíritas mais humildes, social e intelectualmente falando, e deles nos aproximarmos com real espírito de compreensão e fraternidade. "(3)

A falta de simplicidade que se observa, principalmente nos "centrões", é algo trágico, e, se não abrirmos os olhos, segundo Chico, "daqui a pouco estaremos em nossas casas espíritas, apenas, falando e explicando o Evangelho de Cristo às pessoas laureadas por títulos acadêmicos ou intelectuais e confrades de posição social mais elevada. Mais do que justo é que evitemos isso. (repetiu várias vezes) a "elitização" no Espiritismo, isto é, a formação do "espírito de cúpula", com evocação de infalibilidade, em nossas organizações."(4)

Há um extravagante formalismo por parte daqueles que são responsáveis pelas casas espíritas. Segundo Chico, "prioriza-se a preocupação com o patrimônio material ao invés do espiritual e doutrinário; é a preocupação de inverter o processo de maior difusão do Espiritismo, fazendo-o partir de cima para baixo, da elite intelectualizada para as massas, exigindo-se dos companheiros em dificuldades materiais ou espirituais uma elevação ou um crescimento, sem apoio dos que foram chamados pela Doutrina Espírita a fim de ampará-los na formação gradativa."(5)

Nesse tópico, evocamos Allan Kardec, que deixou bem claro, na introdução ao Livro dos Espíritos, que o caminho da Nova Revelação será de baixo para cima, das massas para as elites, porque "quando as ideias espíritas forem aceitas pelas massas, os sábios se renderão à evidência."(6)

Segundo Chico Xavier, "é indispensável manter o Espiritismo, qual foi entregue pelos mensageiros divinos a Allan Kardec, sem compromissos políticos, sem profissionalismo religioso, sem personalismos deprimentes, sem pruridos de conquista a poderes terrestres transitórios."(7) Estaremos no rumo certo se conseguirmos conduzir a ideia espírita ao coração da comunidade, envolvendo o conhecimento superior no trabalho, tão intenso quanto possível, do amor ao próximo.

"O serviço aos semelhantes fala sem palavras e, através dele, os sentimentos se comunicam entre si."(8)

Em Brasília, existem centrões com, até, três mil médiuns e, paradoxalmente, nessas instituições, Kardec é um ilustre desconhecido. São centros que "vendem" ilusões de supostas curas desobsessivas com as mais estranhas terminologias. Estão infinitamente distantes do conselho de velho Chico Xavier, que ensinou: "o diálogo entre grupos reduzidos de estudiosos sinceros, apresenta alto índice de rendimento para os companheiros que efetivamente se interessam pela divulgação dos princípios Kardequianos."(9)

Para os que laboram no projeto "unificacionista", promovendo congressos e seminários com taxas para ingressos, evocamos o médium mineiro, que admoesta com todas as letras: "deveríamos refletir em unificação, em termos de família humana, evitando os excessos de consagração das elites culturais na Doutrina Espírita, embora necessitemos sustentá-las e cultivá-las com respeitosa atenção, mas nunca em detrimento dos nossos irmãos em Humanidade, que reclamem amparo, socorro, esclarecimento e rumo."(10) E acrescenta: "Não consigo entender o Espiritismo sem Jesus e sem Allan Kardec para todos, com todos e ao alcance de todos, a fim de que os nossos princípios alcancem os fins a que se propõem."(11)

As federativas que promovem eventos excludentes, vão elitizando o Movimento Espírita e nos vão expondo a dogmatização dos conceitos espíritas na forma do Espiritismo para pobres, para ricos, para intelectuais, para incultos. Nessas ocasiões, há companheiros que não perdem a oportunidade de atrair para si os holofotes da "fama".

Os eventos gratuitos devem ter prioridade, obviamente. Urge que esses simpósios sejam estruturados, visando uma programação aberta a todos e de interesse da Doutrina, não para ser uma ribalta de competição entre intelectuais com titulação acadêmica, como se fosse um "passaporte" para traduzirem "melhor" os conceitos Kardequianos. Ah! Que saudade do Chico Xavier!...Que saudade!

Referências bibliográficas:

(1) Xavier Francisco Cândido. Encontros No Tempo, SP: Ed. IDE, 2005

(2) (Jó 13,34).

(3) Entrevista concedida ao Dr. Jarbas Leone Varanda e publicada no jornal uberabense: "Um encontro fraterno e uma Mensagem aos espíritas brasileiros"). Da Obra "Encontros No Tempo" - Entrevistas Com O Médium Francisco Cândido Xavier, Assistido Pelo Espírito De Emmanuel. Organização E Notas: Hércio Marcos Cintra Arantes

(4) Idem

(5) Idem

(6) Kardec Allan. O Livro dos Espíritos, RJ: Ed. FEB, 2005 Introdução

(7) Entrevista concedida ao Dr. Jarbas Leone Varanda e publicada no jornal uberabense: "Um encontro fraterno e uma Mensagem aos espíritas brasileiros"). Da Obra "Encontros No Tempo" - Entrevistas Com O Médium Francisco Cândido Xavier, Assistido Pelo Espírito De Emmanuel. Organização E Notas: Hércio Marcos Cintra Arantes

(8) Entrevista ao Jornal Unificação, de São Paulo/SP, e publicada em sua edição de julho/agosto de 1977, com o título: "Nosso jornal entrevista Chico Xavier"). Da Obra "Encontros No Tempo" - Entrevistas Com O Médium Francisco Cândido Xavier, Assistido Pelo Espírito De Emmanuel. Organização E Notas: Hércio Marcos Cintra Arantes

(9) Idem

(10) Idem

(11) Idem

Funções do perispírito na terra e no além

A Codificação Kardeciana explica, através do Livro dos Espíritos, questão 135-a, que na estrutura essencial do homem existe um corpo sutilizado, de natureza intermediária entre o Espírito e o corpo.(1)

O homem é, portanto, formado de três partes essenciais: o corpo, ou ser natural, análogo ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital; a alma, Espírito encarnado que tem no corpo a sua habitação; o princípio intermediário, ou psicossoma(*), substância sutil que serve de primeiro envoltório no Espírito e liga a alma ao corpo. (*)Para Kardec/perispírito; para Aristóteles/Corpo sutil e etéreo; para o Budismo esotérico/Kama-rupa; para a Cabala hebraica/Rouach; para Leibniz/Corpo fluídico; para Orígenes./Aura; para Pitágoras./Carne sutil da alma; para Paracelso/Corpo astral; para Paulo de Tarso/Corpo espiritual ou incorruptível. O princípio intermediário (perispírito) tem sido estudado por alguns especialistas e pesquisadores.

Entretanto, por ausência de instrumentos e equipamentos de laboratório, a ciência acadêmica ainda está muito distante de conhecer e melhor entender a estrutura de funcionamento do psicossoma. Alguns embriogenistas contemporâneos "desconfiam" da existência desse princípio e tentam, de alguma forma, comprovar essa desafiadora "ideia diretriz" no mecanismo da geração orgânica. Para o espírita, o psicossoma tem função organogênica. Destarte, permite a formação do próprio organismo e funciona em harmonia com os códigos genéticos. Por esta razão, na sua ausência, o processo de fecundação seria uma composição orgânica sem forma definida (amorfa).O espírito, através do perispírito, "influencia o citoplasma (sede das forças fisiopsicossomáticas), juntamente com as funções endocrínicas, por estar fixado no sistema

nervoso central e enraizado intrinsecamente no sangue, sendo o modelador definitivo da célula."(2) À guisa de ilustração, se forem colocados fragmentos de tecidos orgânicos da epiderme ou do cérebro numa porção de soro em temperatura ideal, o fragmento acusa uma intensa vida. Depois de algumas horas, os produtos da excreta intoxicam o soro, impedindo, com isso, o desenvolvimento celular. Renovando o soro, as células crescem novamente. Porém, sem o governo mental, através do perispírito, em nada ficam sequer parecidas com as suas irmãs em funções orgânicas.(3)"O nosso corpo de matéria rarefeita está intimamente regido por sete centros de força, que se conjugam nas ramificações dos plexos e que, vibrando em sintonia uns com os outros, ao influxo do poder diretriz da mente, estabelecem, para nosso uso, um veículo de células elétricas, que podemos definir como sendo um campo eletromagnético, no qual o pensamento vibra em circuito fechado.

Nossa posição mental determina o peso específico do nosso envoltório espiritual e, consequente 'habitat' que lhe compete."(4) A nossa realidade mento-espiritual gera o impulso criador que se projeta no corpo psicossomático e, depois, no arcabouço físico. Em outras palavras: quando o espírito quer, o psicossoma vibra e o corpo executa. Nessa linha de raciocínio, concluímos que o processo imunológico, que neutraliza a invasão dos elementos patogênicos, é resultante do trabalho permanente no bem e na prática da solidariedade, da fraternidade e do perdão irrestrito, atributos estes do espírito imortal. A somatização de problemas emocionais causados por: insegurança, medo, mágoa, ódio, rancor e ciúme, são problemas do Espírito, gerando graves problemas orgânicos. Por isso, nossos pensamentos negativos geram rupturas orgânicas, ocasionando patologias complexas. Os pensamentos agem à maneira dos raios-X e das radiações ultravioletas em doses impróprias. Esses raios mentais criam um estado patológico que revelam doenças, tais como: tuberculose, aids, hanseníase, cardiopatia-chagásica, endocardite bacteriana etc. "Se os médicos são malsucedidos, tratando da maior parte das moléstias, é que tratam do corpo, sem tratarem da alma. Ora,

não se achando o todo em bom estado, impossível é que uma parte dele passe bem".(5)

No desdobramento, o perispírito se desprende do corpo como no sono, no transe hipnótico, desmaios, coma, Experiência de Quase Morte etc. Nesse processo, o perispírito pode atravessar paredes e outros obstáculos materiais e muitas vezes apresentam fenômenos conhecidos como bilocação, bicorporeidade, exteriorização do duplo,"aparição".No ser primitivo, quando a vida moral está começando a aparecer, os reflexos da mente determinam a densidade das substâncias perispirituais, com partículas muito pastosas. O perispírito se sutiliza pela sublimação do estado mental, que só a prática do bem possibilita. O psicossoma mobiliza bilhões de unidades celulares saturadas da vida mental que lhe é peculiar. Em face disso, o suicida, o sexólatra e o alcoólatra sofrem os tormentos de suas condições desequilibradas. Quando desencarnamos, as linhas morfológicas perispirituais são aquelas impressões que levamos da Terra (homem ou mulher). Se idosos, podemos levar muito tempo para reconstruirmos um novo estado mental e, consequentemente, um perispírito mais depurado.

Porém, se possuímos alto grau de inteligência e moralidade, operamos, em alguns minutos apenas, certas alterações que um espírito de cultura mediana levaria alguns anos para conseguir. Nas dimensões espirituais, apresentaremos algumas transformações profundas, principalmente no centro gástrico, pela essencialização dos alimentos existentes no além. A rigor, nos alimentamos, muito mais "pela respiração, colhendo o alimento de volume simplesmente como recurso complementar de fornecimento plástico e energético, para o setor das calorias necessárias à massa corpórea e à distribuição dos potenciais de força nos variados departamentos orgânicos."(6) O Perispírito, em face da sua enorme porosidade, alimenta-se de "produtos sutilizados ou sínteses quimioeletromagnéticas, hauridas no reservatório da Natureza e no intercâmbio de raios vitalizantes e reconstituintes do amor com que os seres se sustentam entre si. Essa alimentação psíquica, por intermédio das projeções magnéticas trocadas entre aqueles que se amam, é muito mais importante que o nutricionista do mundo possa imaginar, de

vez que, por ela, se origina a ideal euforia orgânica e mental da personalidade." (7)Explica André Luiz que o psicossoma "com alguma provisão de substância específica, ou simplesmente sem ela, quando já consiga valer-se apenas da difusão cutânea para refazer seus potenciais energéticos, conta com os processos da assimilação e da desassimilação dos recursos que lhe são peculiares, não prescindindo do trabalho de exsudação dos resíduos, pela epiderme ou pelos emunctórios normais, compreendendo-se, no entanto, que pela harmonia de nível, nas operações nutritivas, e pela essencialização dos elementos absorvidos, não existem para o veículo psicossomático determinados excessos e inconveniências dos sólidos e líquidos da excreta comum."(8)

Diante do exposto, enfatizamos que a prática do bem, simples e infatigável, pode modificar a rota do nosso destino aqui e no além-túmulo, de vez que o pensamento claro e correto, refletindo no perispírito, com ação edificante, interfere nas funções celulares transcendentais, tanto quanto nos eventos humanos, atraindo em nosso favor, por nosso comportamento melhorado e mais nobre, amparo, luz e apoio, segundo a lei do amor. Seja na Terra, seja no Além, urge considerar que o bem constante gera o bem constante; amparo aos outros, cria amparo a nós mesmos, motivos pelos quais os princípios propostos pelo Cristo, há dois mil anos, desterrando de nós o orgulho e a animalidade e outras mazelas, nos convidam à fraternidade e ao perdão incondicional, estabelecendo-nos a paz perfeita, fortalecendo o poder da mente sobre nossos corpos (físico e perispiritual) na autodefensiva contra todos os elementos destruidores da nossa harmonia.

Referências bibliográficas:

(1) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, RJ: Ed. FEB, 2002

(2) Xavier, Francisco Cândido & Vieira Waldo, Evolução em Dois Mundos, Ditado pelo Espírito André Luiz, RJ: Ed. FEB, 2000

(3) As células tomam aspectos diferentes conforme a natureza das organizações a que servem e a inteligência,

influenciando o citoplasma, obriga as células ao trabalho de que necessita para expressar-se, trabalho este que, à custa de repetições quase infinitas, se torna perfeitamente automático para as unidades celulares que se renovam, de maneira incessante, na execução das tarefas que a vida lhes assinala.

(4) Xavier, Francisco Cândido, Entre a Terra e o Céu, Ditado pelo Espírito André Luiz, RJ: Ed. FEB, 1998

(5) Kardec, Allan. Evangelho Segundo o Espiritismo, RJ: Ed. FEB, 2001, Introd., item XIX

(6) Francisco Cândido & Vieira Waldo, Evolução em Dois Mundos, Ditado pelo Espírito André Luiz, RJ: Ed. FEB, 2000

(7) Idem

(8) Idem

O Espiritismo sem o Cristo perde o rumo

Ainda encontramos irmãos "espíritas" que questionam o aspecto cristão da Terceira Revelação. Negam a excelsitude de Jesus Cristo com evidente e enfermo descontrole emocional, referindo-se ao Mestre como se Ele fosse um homem vulgar. Para esses seres atoleimados em suas fanfarras imaginárias, alertamos o seguinte: Espiritismo é CRISTÃO, Sim!

O grande mestre espiritual Emmanuel elucida a questão dizendo que "somente o Cristianismo restaurado pode salvar o mundo que se perde. Nossa missão é essencialmente cristã, na restauração da fé viva e na revivência das tradições simples dos tempos apostólicos. Não temos a presunção de pedir o atestado de óbito das escolas religiosas, nem desejamos estabelecer a luta dogmática e o sectarismo. Desejamos tão-só reavivar a crença pura, a fim de que o homem, na qualidade de herdeiro divino, possa entrar na glória espiritual da compreensão de Jesus Cristo (1)".

Se aceitamos os preceitos da Doutrina Espírita, não podemos negar-lhes fidelidade. Prevendo esses indesejáveis movimentos em nossas hostes, as falanges das trevas tem se organizado e investido duro contra o Espiritismo Cristão. Os gênios das sombras do além desejam desintegrar o Cristo e o Cristianismo do contexto Espírita. Não podemos permitir isso JAMAIS. Têm surgido, ultimamente, muitas práticas absurdas no movimento espírita e precisamos orar e vigiar mais. Espiritismo sem o Cristo perde o sentido como projeto de evangelização humana.

O Espiritismo sem o cristo perde o rumo. O iluminado Chico Xavier advertiu: "Se tirarmos o Cristo do Espiritismo, vira comédia. Se tirarmos o aspecto cristão do Espiritismo, vira um negócio. A Doutrina Espírita é ciência, filosofia e religião. Se tirarmos a religião, o que é que fica? Jesus está na nossa

vivência diária, porquanto em nossas dificuldades e provações, o primeiro nome de que nos lembramos, capaz de nos proporcionar alívio e reconforto, é JESUS." (2)

Alguns confrades descomprometidos com a reforma moral, que se vangloriam de seus dúcteis e frágeis conhecimentos acadêmicos, que se autointitulam laicos (“kardequólogos, phd’s espíritas”), distantes de quaisquer argumentos racionais e/ou inteligíveis, persistem em disseminar a cansativa cantilena de que se é preciso fugir do Cristianismo (ou Espiritismo-Cristão), do religiosismo, do igrejismo na Doutrina Espírita. Insistem e querem fundar um “Espiritismo”acadêmico composto de “notáveis” da ilusão. Que me perdoem os leitores!

Sob o viés dessa sandice conceitual sobre o mestre lionês, escrevem livros, artigos, fazem “congressos”, palestras, invariavelmente escravizados aos impulsos telepáticos dos "gênios das trevas". Destarte, pela tendência desses chamados "espíritas laicos", percebe-se que o Cristianismo, redivivo no Espiritismo, ainda encontrará, por algum tempo, a resistência das mentes vulcanizadas na prepotência, da má-fé, da arrogância, apesar de O Evangelho representar a grande síntese de todas as propostas filosóficas que visam aprimorar o homem. Os “gênios desmemoriados”, arautos de ideias primárias, esquecem-se de que o Cristo é o modelo de virtudes sobre-humanas. Nada se compara à dedicação e a santidade que o Mestre Maior dispensa à Humanidade.

Nós, que ainda estamos mergulhados no vício da corrupção, alertam os Benfeitores, não temos parâmetros para avaliarmos a Sua magna importância para o Espiritismo, porque a Sua perfeição se perde na noite indevassável dos séculos. O Espiritismo sem o Cristo pode alcançar as melhores expressões acadêmicas, mas não passará de atividade destinada a modificar-se ou desaparecer, como todas as conquistas transitórias do mundo. E o espírita, que não cogitou da sua iluminação com o Evangelho do Príncipe da Paz, pode ser um intelectual, um doutor e um filósofo, com as mais elevadas aquisições culturais, mas estará sem bússola e sem roteiro no instante da tempestade inevitável da provação.

Referências bibliográficas:

(1) Xavier, Francisco Cândido. Coletâneas do Além, ditado por espíritos Diversos, Cap. Cristianismo Restaurado por Emmanuel, pág. 74, São Paulo: Ed FEESP, 1981

Espíritas descomprometidos com o zelo doutrinário

Lamentamos por alguns espíritas que não fazem mal, mas também não praticam nenhum bem, e que por invigilância precipitam no ridículo, obstando a difusão do Espiritismo de que se dizem adeptos. Divulgam teorias estranhas, que perturbam a boa marcha doutrinária, sedimentam a dúvida em uns e o separatismo em outros. São espíritas que agem com frieza e sarcasmo, estampando no semblante variadas aparências enganadoras. Por imaturidade e descompromisso moral, idolatram "mentores" (divindades) que passam a evocar com seus esgares, e lhes brindam com rituais, sacrifícios, oferendas de todos os tipos; ofertam-lhes promessas vãs, entregam a alma (?), desejosos de obter vantagens para cuja conquista nada realizaram.

Aspiram sempre à revogação dos Estatutos Divinos para suas conveniências. Crêem, cegamente, que seus "mentores" se encarregam de tudo, e prosseguem, esses títeres das obsessões, abrindo espaços n'alma para a instalação dos processos perturbadores que oxigenam o fanatismo. Sofrem profundos entraves intelectuais, quando se trata de assuntos doutrinários, mostram-se drasticamente emocionais. Não simpatizam com as propostas racionais, o que os impõem à anuência fácil de esdrúxulas fantasias, sem senso de ridículo, dependentes que se acham da fantasia mística e do pensamento concreto, com dificuldade para elaborar abstrações inteligentes.

A princípio, tais confrades dissimulam estar compreendendo os fundamentos, os conceitos e as consequências morais do projeto kardeciano, até o instante em que passamos a observar-lhes o comportamento em relação à Doutrina Espírita. Aguilhoam-se a "guias poderosos", passando a venerá-los e prestar-lhes culto irracional, deixando a eles (os "tais guias

poderosos") a tarefa de equacionar questões e interferir em assuntos nos quais a fobia fá-los indiferentes e omissos, impedindo-os de atuar de maneira coerente. É comum esses irmãos adotarem rituais, cantorias estranhas, enxertias tóxicas que aleijam o corpo doutrinário codificado por Allan Kardec. São aqueles que definitivamente não são da jurisdição espírita, que fomentam questiúnculas e antagonismos que ensombram a marcha do Movimento Espírita.

Em verdade perturbamos a marcha do Espiritismo quando não lutamos pela reforma íntima. "Quando não trabalhamos nas obras assistenciais. Quando não estudamos Kardec. Quando exigimos privilégios. Quando fugimos dos carentes para não lhes ofertar alguns serviços. Quando especulamos com a Doutrina em matéria política [partidária]. Quando sacrificamos a família aos trabalhos da fé. Quando nos afligimos pela conquista de aplausos. Quando nos julgamos indispensáveis. Quando abdicamos do raciocínio, deixando-nos manobrar por movimentos ou criaturas que tentam sutilmente ensombrar a área do esclarecimento espírita com preconceitos e ilusões." (1)

O que aqui expomos é a identificação de aterrador espírito de descomprometimento, de falta de zelo para com o Espiritismo. Como pode isso ocorrer, quando sabemos que o Espiritismo nos apresenta um conjunto de princípios intrinsecamente impressionantes e vigorosos, capazes de dar sentido à vida, explicando a excelsitude do Criador diante da Sua criação, a exigir-nos mente aberta (embora atenta e cautelosa), amor à verdade e espírito de liberdade, para que consigamos penetrar e aprofundar os seus ensinamentos?

Os confrades descomprometidos com a fidelidade doutrinária permitem que vigorem os achismos, os guiismos e os personalismos nas hostes espíritas, tão-somente para não ter que enfrentar as vaidades e o orgulho humanos, para não ter que se submeter ao "sim, sim, não, não", consoante ao que ensinou o Cristo, para não se perturbar frente à ignorância ou perante outros descomprometidos.

Para quem se empenha pela pulcritude doutrinária vale o sacrifício, sem contender com o mal, jamais. Porém, consciente

quanto às atitudes a tomar no momento devido, quando falar e quando calar, sempre visando o aprimoramento, a iluminação, a ascensão, fugirá de errar por mero comodismo, omissão, e confirmará Jesus onde esteja, por meio dos roteiros de amor e luz que o Espiritismo aponta.

Enquanto os dias de bom senso e de fidelidade a Kardec e a Jesus não chegam, cabe aos espíritas moralizados, conscientes e convictos, aqueles que sabem o porquê da própria crença, os que conseguem dimensionar as próprias necessidades e adotar ou manter posição íntegra, sem medo de pôr as coisas nos seus devidos lugares, vivenciar os conteúdos da extraordinária Doutrina, ainda que isso lhes custem agressões e ataques, indiferença e zombarias, sempre advindos de confrades moralmente apequenados em seus estágios de ilusão.

Fonte:

(1) Xavier, Francisco Cândido/Vieira Waldo. Opinião Espírita, ditado pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz, São Paulo: Ed. Boa Nova, 2009

O conhecimento espírita é o melhor preservativo contra as estranhas e ideias supersticiosas práticas

Há uma pesquisa publicada na revista Psychological Science com o propósito de constatar que a ativação das crenças supersticiosas (1) poderia melhorar o desempenho de alguém em alguma tarefa. A análise apontou indícios de que há certo "poder" no uso de amuletos, pois que aumenta a autoconfiança do homem. (!?...) Obviamente, não podemos dar crédito aos pretensos poderes mágicos de amuletos, talismãs, etc. que "só existe na imaginação de criaturas supersticiosas, ignorantes das verdadeiras leis da Natureza. Os fatos que constam, como prova da existência desse poder, são fatos naturais, mal observados e sobretudo mal compreendidos."(2)

É verdade! "O Espiritismo e o magnetismo nos dão a chave de uma imensidade de fenômenos sobre os quais a ignorância teceu um sem-número de fábulas, em que os fatos se apresentam exagerados pela imaginação. O conhecimento lúcido dessas duas ciências, a bem dizer, formam uma única, mostrando a realidade das coisas e suas verdadeiras causas, constitui o melhor preservativo contra as ideias supersticiosas, porque revela o que é possível, e o que é impossível, e o que está nas leis da Natureza e o que não passa de ridícula crendice."(3)

Os excessos de misticismos, as fantasias psíquicas devem ser alijadas do comportamento humano com o uso e abuso da razão, do bom senso e da inteligência iluminada. Allan Kardec indagou aos Espíritos sobre os talismãs [amuletos] e a lição surgiu peremptória: "o que vale é o pensamento, não o objeto", portanto a Doutrina Espírita credita as superstições à infantilidade espiritual.

O supersticioso crê que certas ações (voluntárias ou involuntárias), tais como rezas, amuletos, conjuros, feitiços,

maldições ou outros rituais, podem influenciar de maneira profunda sua vida. Mas a crença nessas ilusões reside na infância espiritual em que se encontra. Nesta fase evolutiva do espírito impera o pensamento mágico que se contrapõe ao uso da razão. Mostrando-se-lhe a realidade, explicando-se-lhe a causa dos fatos, a sua imaginação se deterá no limite do possível, destarte, o maravilhoso, o absurdo e o impossível desaparecem, e com eles a superstição. Tais são, entre outras, as práticas cabalísticas, as apometrias, desobsessão por corrente magnética com "choques" anímicos(!?...), a virtude dos signos, dos números e das palavras mágicas, as fórmulas sacramentais, os dias nefastos (Sexta-feira "13"), as horas diabólicas ("meia-noite") "e tantas outras coisas cujo ridículo o Espiritismo bem compreende e demonstra."(4)

O conhecimento espírita é o melhor preservativo contra as práticas bizarras e ideias supersticiosas, porque "revela o que é impossível, o que está nas leis da Natureza e o que não passa de crença pueril."(5) Mas, infelizmente, a ausência de bom senso faz com que muitos permaneçam na ignorância, que os remete à cegueira da realidade. Esta, por sua vez, conduz ao sectarismo. A fé cega nada examina, aceitando sem controle o falso e o verdadeiro e a cada passo se choca com a evidência da razão. "Levada ao excesso, produz o fanatismo." (6)Por essa razão, a Doutrina Espírita explica a superstição como algo ligado à imaginação fantasiosa e à ignorância. Para os espíritas, a falta de estudo sério das obras da Codificação é matriz de muitas ideias acessórias e absurdas, que degeneram em práticas supersticiosas.

Não é nosso escopo, e nem poderia sê-lo, adotar atitude de intolerância, intransigência, incompreensão, animosidade aos que vivem sob os guantes das superstições, porém, de esclarecimento doutrinário sobre o tema. Tarefa essa que em nenhuma hipótese deve ser contemporizada, interrompida ou arrefecida.

Dado o seu caráter divino, o Espiritismo suporta, mas não comporta a ignorância, o erro, as atitudes intransigentes e mesquinhas. A Codificação está fincada sobre a rocha da sensatez. Por isso mantenhamos a vigília e a tolerância sem

transigir com o erro.

Referências bibliográficas:

(1) O Novo Dicionário Aurélio define superstição como o sentimento religioso baseado no temor e na ignorância e que induz ao conhecimento de falsos deveres, ao receio de coisas fantásticas e à confiança em coisas ineficazes; crendice. Crença em presságios tirados de fatos puramente fortuitos. Apego exagerado e/ou infundado a qualquer coisa poder mágico das coisas.

(2) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1999, questão 552

(3) Idem questão 555

(4) Kardec, Allan. Revista Espírita “1859”, Brasília, Ed. Edicel, 1999

(5) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1999, questão 555

(6) Kardec, Allan. O Segundo o Espiritismo, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2006, capítulo 19, item 6

As etapas da Doutrina Espírita

Kardec comenta na edição de dezembro da Revista Espírita de 1863, sobre as etapas do projeto Espírita na Terra.(1) Cita a primeira etapa como o da curiosidade (mesas girantes), a etapa seguinte o filosófico (com a publicação de O Livro dos Espíritos), a terceira etapa Kardec nominou de “período da luta”. Aqui evocamos o Cristo que disse: "Felizes os que sofrem perseguição por amor à justiça, porque deles é o reino dos céus.”(2) Para alguns estudiosos esse período iniciou em 09 de outubro de 1861, com o Auto-de-fé de Barcelona. Protagonizado por Antonio Palau y Termens, Bispo de Barcelona à época. Sob a ótica de Palau, os 300 volumes a saber: O livro dos espíritos, O livro dos médiuns, O que é o Espiritismo, Revue Spirite, Revue Spiritualiste, dirigida por Piérart, Fragmento de sonata, de Mozart (médium B. Dorgeval), Carta de um católico sobre o Espiritismo (pelo dr. Grand, vice-cônsul de França), História de Joana d'Arc (médium Ermance Dufaux), A realidade dos espíritos demonstrada pela escrita direta (do Barão de Guldenstubbé) enviados por Kardec a Maurice Lachâtre, escritor e editor francês, eram contrários à moral e à fé católica, razão pela qual os volumes foram incinerados em praça pública.

O período de luta permaneceu. A 16 de junho de 1875, Ministério Público francês moveu processo contra Pierre-Gaëtan Leymarie - na qualidade de sucessor de Kardec na gerência da "Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec" (antiga "Sociedade Anônima do Espiritismo") e da "Revue Spirite" (Leymarie ficou um ano preso e é considerado o primeiro mártir do Espiritismo). Na “Pátria do Evangelho”, durante o Governo Vargas (1941- 1945) foram expedidas portarias do Chefe de Polícia perseguindo às Sociedades Espíritas, inclusive com fichamento dos dirigentes espíritas. A

Federação Espírita Brasileira teve suas portas fechadas (o Presidente da FEB – Antonio Wantuil de Freitas – foi interrogado no Ministério da Justiça por um General, um Almirante e o próprio Ministro). Em 1944 a viúva do escritor Humberto de Campos promoveu em Juízo uma ação declaratória contra a FEB e Francisco Cândido Xavier (perdeu em todas as instâncias).

Segundo Kardec a etapa das lutas determinará uma nova fase do Espiritismo e levará ao quarto período, que será o período religioso. “No Brasil, especialmente, sem prejuízo dos demais aspectos da Doutrina, é inegável a inclinação da imensa maioria dos adeptos pelas consolações que ela proporciona, dando à Fé uma nova dimensão, conciliando-a com a Razão.” (3) É o Cristianismo, como expressão atualizada da Mensagem Eterna do Mestre, revivida no Consolador. Depois virá a quinta, etapa intermediária, consequência natural do precedente, e que mais tarde receberá sua denominação característica. O sexto e último período será o da regeneração social, que abrirá a era do espírito. Para o mestre lionês, nessa época, todos os obstáculos à nova ordem de coisas determinadas por Deus para a transformação da Terra terão desaparecido. A geração que surgir estará imbuída de ideias novas, estará em toda sua força e preparará o caminho da que há de inaugurar o triunfo definitivo da união, da paz e da fraternidade entre os homens, confundidos numa mesma crença, pela prática da lei evangélica.

Mas, Francisco Thiensen, ex-presidente da FEB afirma que o Codificador apressou-se, por conta própria, em fixar o tempo para cada um dos períodos. Na verdade, estamos agora vivendo o período religioso do Espiritismo, máxima no Brasil, onde, faz mais de cem anos, "os verdadeiros espíritas, ou melhor, os espíritas cristãos", o têm apresentado qual ele é, na sua mensagem cristã e renovadora do espírito humano. Talvez já se avizinhe o período intermediário, que será, como esclarece o Codificador, "consequência natural do precedente", e, a nosso ver, deverá levar o homem a um novo passo no conhecimento de si mesmo e do chamado mundo invisível, a evidenciar para materialistas e negativistas empedernidos o

princípio fundamental em torno do qual gira o nosso destino: Deus e a imortalidade da alma."(4)

Tenhamos bom ânimo! "Que importam as emboscadas que nos armem pelo caminho! Somente lobos caem em armadilhas para lobos, porquanto o pastor saberá defender suas ovelhas das fogueiras imoladoras. Marchemos, pois, avante, sem desânimos! Diante de nós os grandes batalhões dos incrédulos se dissiparão, como a bruma da manhã aos primeiros raios do Sol nascente."(5) O Mundo vive um crucial momento de transição de sofrimentos e de inquietações, atingindo-nos a todos. Em compensação, nas fileiras espíritas já existe a consciência de que soou a hora da grande arrancada para a Fraternidade, para a Compreensão.

Ditosos seremos os que houvermos trabalhado no campo do Cristo, com desinteresse, sem mercantilismos doutrinários, sem elitismos e sem outro móvel, senão a caridade! Trabalhemos juntos e unamos os nossos esforços, a fim de que o Mestre Jesus, possa se dar por satisfeito ao encontrar respeitada ao limite máximo a obra do Amor entre os homens.

Referências bibliográficas:

(1) Kardec, Allan. Revista Espírita, 1863, Editora Edicel.

(2) Mateus, 5:10-12

(3) Borges, Juvanir. Os Períodos do Espiritismo (artigo) http://www.Espírito.org.br/portal/artigos/diversos/movimento/periodos-do-espiritismo.html

(4) Zêus Wantuill & Francisco Thiesen. "Allan Kardec", vol. I,II,III, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1998

(5) Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2008, Cap. XX, item 4

Itatira - surto mediúnico coletivo ou histeria generalizada?

Alguns estudantes, (a maioria meninas), viveram instantes de pânico ao entrarem em transe na Escola de Ensino Fundamental do Distrito de Cachoeira, no Município de Itatira, no estado do Ceará. O episódio está deixando as autoridades da localidade sem uma explicação.

Durante o transe psíquico as jovens sentem dores musculares, de cabeça, asfixia no sistema respiratório, palidez, calafrio, dificuldades para caminhar, náusea, paralisia muscular, aumento nos batimentos do coração, pressão alta, desmaio, inquietação e medo de morrer. Após crise, os alunos se recuperam e voltam a conversar normalmente, como se nada tivesse acontecido.

Na tentativa de conter o avanço do fenômeno, um líder religioso foi convidado para orar na própria escola. Mas, no momento da preleção, o que se viu foi à repetição dos transes por diversas vezes. O religioso justificou a ineficácia de sua presença dizendo que a sua Igreja é prudente nesses casos. Para ele é preciso analisar mais detalhadamente o fato. A Igreja só emite opinião depois de um estudo "aprofundado". Um representante de outro credo religioso afirmou que pode ser uma força espiritual que está agindo dentro da escola, já que da unidade educacional três jovens morreram em acidentes. "Talvez eles estejam vagando precisando de reza", opinou.

Uma das estudantes relatou que, na crise, é tudo muito rápido, começa com um calafrio, depois as mãos ficam trêmulas, os batimentos do coração ficam acelerados, dá sede, um sufocamento toma conta do tórax, as pernas não seguram o corpo e aos poucos vem o desmaio. "Quando volto ao normal, não dá para relembrar de nada", afirmou.

Estamos diante de um fenômeno mediúnico coletivo ou um

surto de histeria psicótica? O médico do hospital que atendeu as jovens disse que elas chegaram apresentando histeria, gritando, debatendo-se e com comportamento agressivo. Afirmou que a histeria coletiva tem uma explicação científica. Esses fenômenos acontecem em contextos em que há muita tensão, sofrimento não verbalizado, argumentou.

O fenômeno é uma histeria coletiva disse o clérigo. "De repente, uma aluna surtou e isso contagiou as demais garotas". Pasmem (!) O sacerdote afirmou que os fenômenos de Itatira são totalmente humanos e classificados pela parapsicologia “oscarquevediana” de "psicorragia" ou "hemorragia psíquica.(!!??...)

Obviamente analisaremos o drama dos alunos sob a ótica espírita. A mediunidade é uma faculdade humana e pode eclodir a qualquer momento. No caso de Itatira, alguns alunos dizem ver o espírito de um aluno desencarnado, chegando a descrevê-lo, vestido com calças de canga azul e uma camisa. Quando o “morto” aparece, os alunos, (principalmente as meninas), começam a tremer, a contorcer-se, entram em transe e a partir daí o pavor toma conta delas e desmaiam.

O assunto nos remete ao mês de março do ano de 1857, quando na comuna de Morzine, situada na Alta Sabóia, leste da França, com aproximadamente 2.500 habitantes, encontrava-se, segundo os noticiários da época, sob a influência de uma desconhecida epidemia psíquica. As autoridades francesas designaram o pesquisador Constant, para que investigasse o fato.

Após analisar os fenômenos, Constant elaborou um relatório em cujos tópicos curiosos destacamos: “de repente sobrevêm sobre as pessoas bocejos, espreguiçamentos, tremores, pequenos solavancos nos braços; pouco a pouco, em curto espaço de tempo, como por efeito de descargas sucessivas; batem nos móveis com força e vivacidade, começam a falar, ou antes, a vociferar; no transe as moças têm uma força desproporcional à idade, pois são precisos três ou quatro homens para conter, durante a mesma, meninas de dez anos; deram respostas exatas a perguntas feitas em línguas por elas desconhecidas; após a crise, as meninas não têm qualquer

lembrança do que disseram ou fizeram”.

Com esse farto material, sob a ótica espírita, não hesitaríamos em identificar claras evidências de um legítimo enredo obsessivo; no entanto, assim concluiu o pesquisador: “parece ser uma possessão demoníaca, crise histero-demoniomania coletiva. Tratar-se-ia, segundo o diagnóstico proposto, de uma intrigante histeria coletiva, agravada pela fixação na figura demoníaca.(!!??...)

Em decorrência do relatório do senhor Constant recorreu-se aos tradicionais procedimentos de expulsão demoníaca, a cargo das autoridades religiosas. Tentaram um exorcismo coletivo na igreja local, todavia, as jovens entraram em crise ostensiva simultaneamente, derrubando e quebrando o mobiliário do templo, lançando-se ao chão entre homens e crianças que, em vão, tentavam contê-las. Posteriormente, tentou-se o exorcismo a domicílio, porém não surtiu nenhum efeito.

O interessante fenômeno coletivo de Morzine fez com que Kardec solicitasse orientação específica ao Espírito São Luiz e o mentor da Sociedade Espírita de Paris explicou o seguinte: "Os possessos de Morzine estão realmente sob a influência dos Espíritos sofredores, atraídos para aquela região por causas que conhecereis um dia, ou melhor, que vós mesmos reconhecereis um dia. O conhecimento do Espiritismo ali fará predominar a boa influência sobre a má fé, isto é, os Espíritos curadores e consoladores, atraídos pelos fluidos simpáticos, substituirão a maligna e cruel influência que desola aquela população. O Espiritismo está chamado a prestar grandes serviços. Será o curador dos males cuja causa era antes desconhecida e ante às quais a ciência continua impotente. Sondará as chagas mortais e lhes ministrará o bálsamo reparador; tornando os homens melhores, deles afastará os Espíritos doentes atraídos pelos vícios da humanidade. Se todos os homens fossem bons, os Espíritos violentos deles se afastariam porque não poderiam os induzir ao mal. A presença dos homens de bem os faz fugir. A dos homens viciosos os atrai, ao passo que se dá o contrário com os bons Espíritos. Assim, sede bons, se quiserdes ter apenas bons Espíritos em redor de vós.”(1)

Como percebemos, os fenômenos de Morzine se mostram

atuais. Importa, portanto, que, diante de tão elucidativas afirmações pertinentes à temática, nos abstenhamos de responsabilizar somente os Espíritos momentaneamente imersos nas sombras por todos os dissabores e infortúnios que nos visitam a existência, reconhecendo que processo obsessivo é fenômeno de sintonia, sobretudo mental, em que ondas semelhantes se entrelaçam, fazendo com que os afins se atraiam, ainda que circunstancialmente.

Para a Doutrina Espírita o esclarecimento dos encarnados, o amparo e consolo dos espíritos desencarnados em sofrimento poderiam acalmar as coisas em Itatira, sem maiores estardalhaços.

Fonte:

Kardec, Allan Revista Espírita, ano VI, maio de 1863, vol. 5, (mensagem ditada pelo Espírito S. Luiz através da médium sra. Costel em reunião na SEEP).

Solidariedade na perspectiva kardeciana

O que é solidariedade? Para os egoístas a palavra reverbera perturbadora. Incomoda porque o seu verdadeiro significado impõe mobilização de recursos em favor do próximo. Fundamenta-se em valores que não conseguimos quantificar. Mas, o que é ser solidário? É sentir a necessidade íntima de partilhar, é querer ir mais além, é perceber que a alegria de dar é indiscutivelmente superior à de receber; é estender a mão ao próximo sem olhar sua raça, condição gênero, conta bancária. A internalização do sentimento solidário torna-nos efetivamente pessoas melhores. A solidarização é o "sentimento de identificação com os problemas de outrem, o que leva as pessoas a se ajudarem mutuamente"(1). É uma maneira de assistência moral e espiritual que se concede a alguém, seja por simpatia, piedade ou senso de justiça. No sentido de laço de união fraternal que une as pessoas, pelo fato de serem semelhantes, chamamos de solidariedade humana. É compromisso pelo qual nos sentimos em obrigação umas em relação às outras, ou seja, é a interdependência e a reciprocidade.

Infelizmente vivemos num ambiente social de quimeras postergadas, de sonhos frustrados, de mentes cansadas, numa sociedade de nódoas morais, de "mentes vazias" e atoladas nas futilidades hodiernas, isoladas no cipoal do "ego" enregelado. Vivemos completamente mergulhados na vida egocêntrica, que nos remete irreversivelmente à solidão. O Espírito Emmanuel ressalta que "a técnica avançou da produção econômica em todos os setores, selecionando o algodão e o trigo por intensificar-lhes as colheitas, mas, para os olhos que contemplam a paisagem mundial, jamais se verificou entre os encarnados tamanha escassez de pão e vestuário. Aprimoraram-se as teorias sociais de solidariedade e nunca

houve tanta discórdia”(2).

Os males que afligem a Humanidade são resultantes exclusivamente do egoísmo (ausência de solidariedade). A eterna preocupação com o próprio bem-estar é a grande fonte geradora de desatinos e paixões desajustantes. A máxima "Fora da Caridade não há Salvação"(3) é a bandeira da Doutrina Espírita na luta contra o egoísmo. A solidariedade é a caridade em ação, a caridade consciente, responsável, atuante, empreendedora. Os preceitos espíritas contribuem para o progresso social, deteriora o materialismo, faz com que os homens compreendam onde está seu verdadeiro interesse. O Espiritismo destrói os preconceitos “de seitas, de castas e de raças, ensina aos homens a grande solidariedade que deve uni-los como irmãos”(4). Destarte, segundo os Benfeitores espirituais, “quando o homem praticar a lei de Deus, terá uma ordem social fundada na justiça e na solidariedade”(5).

A recomendação do Cristo “que vos ameis uns aos outros como eu vos amei”(6) assegura-nos o regime da verdadeira solidariedade e garante a confiança e o entendimento recíproco entre os homens. A solidariedade na vida social é como o ar para o avião.

O avião, apesar de toda tecnologia, se não tiver ar ele não voa. A prática desse sentimento vivifica e fecunda os germens que nele existem, em estado latente, nos corações humanos. A Terra, local de provação e de exílio, será pacificada por esse fogo sagrado e verá exercido na sua superfície a caridade, a humildade, a paciência, o devotamento, a abnegação, a resignação e o sacrifício, virtudes todas filhas do amor e da solidariedade.

É imprescindível darmo-nos, através do suor da colaboração e do esforço espontâneo na solidariedade, para atender, substancialmente, as nossas obrigações primárias, à frente do Cristo (7).

Ante as responsabilidades resultantes da consciência doutrinária, que nos impõe a superar a temática de vulgaridade e imediatismo ante o comportamento humano, em larga maioria, a máxima da solidariedade apresenta-se como roteiro abençoado de uma ação espírita consciente, capaz de

esclarecer e edificar os corações, com a força irresistível do exemplo.

Referências bibliográficas:

(1) Cf. Dicionário Caldas Aulete
(2) Xavier, Francisco Cândido. "Fonte Viva" ditada pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1992
(3) Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001, Cap. XV
4) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2000, pergunta 799
(5) idem perg.
(6) Jo 15.12
(7) Xavier, Francisco Cândido. "Fonte Viva" ditada pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1992

A proposição da ciência espírita é descortinar a realidade do espírito imortal

A Ciência, propriamente dita, é uma conquista recente; não ultrapassa a três séculos, embora seus primeiros ensaios tenham começado na Grécia dos áureos séculos VI, V, IV a.C. Temo-la representada por Arquimedes, em cujas pesquisas deram base para a mecânica, por Pitágoras de Samos, por Tales de Mileto, por Euclides de Alexandria, no desenvolvimento da matemática e da estruturação numérica.

Um milênio após essas apoteóticas realizações gregas, ocorreu, na Europa, a desagregação do Império romano, no século V, e a liderança cristã surgiu como elo de agregação dos "bárbaros invasores" e se transformou em Igreja soberana absoluta dos destinos "espirituais" no Ocidente.

No século XIII, Tomás de Aquino se destacou, propondo a síntese do cristianismo vigente com a visão aristotélica do mundo. Em suas duas Summae, sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de então. No século XIV, a Igreja romana, sob os guantes tomasistas, entronizou uma teologia (fundada na revelação) e uma filosofia (baseada no exercício da razão humana) que se fundiram numa síntese definitiva: fé e razão, unidas em sua orientação comum rumo ao Criador. A tese de Aquino afirmava que não podia haver contradição entre fé e razão e estabeleceu o pensamento filosófico-teológico manifesto na truculenta filosofia do "Roma locuta causa finita".

A partir dos séculos XV e XVI, o homem passa a ser o principal personagem (antropocentrismo). Os pensadores criticaram e questionaram a autoridade dessa autoritária Igreja romana. Nessa conjuntura a apropriação do conhecimento partia da realidade observada pela experimentação, pela constatação, e, por fim, pela teoria, decorrendo uma ligação entre ciência e técnica. No século XVII, a primeira grande teoria

de que se tem notícia na moderna ciência versou sobre a gravitação universal elaborada por Newton, desmembrada das leis dos movimentos planetários de Kepler e na Lei de Galileu sobre a queda dos corpos.

No século XIX Marx Plank propôs a teoria do Quantum. No século XX, Albert Einstein resignificou a teoria da relatividade e outros pressupostos das teses newtonianas sobre a gravitação universal, chegando a conclusões inusitadas na abordagem sobre as realidades do micro ou do macrocosmo, sobretudo no que reporta a tempo e espaço na dimensão material. Até então, a física tradicional era considerada a chave das respostas da vida no mundo palpável, estribada no determinismo mecanicista. Todavia, na década de 1920, as pesquisas de Brooglie, no universo da física quântica, redirecionaram o pensamento científico na formulação heisenberguiana do “princípio da indeterminação ou da incerteza” e com ele irrompeu-se um “irracionalismo” na ciência redimensionando a distância do homem das realidades naturais da vida.

Em meio a essas trajetórias históricas, surge, no cenário terrestre, no século XIX, a personalidade luminosa de Allan Kardec, que, inspirado pelos Benfeitores do Além, sentenciou: Fé verdadeira é a que enfrenta frente a frente a razão em qualquer época da humanidade, esclarecendo os enigmas que desafiavam as inteligências daqueles mesmos que confiavam nos determinismos tecnicistas do nec plus ultra acadêmico.

A proposição da Ciência Espírita é descortinar a realidade do Espírito imortal, fundamentada em realces científicos acerca dos fenômenos mediúnicos coletados na metodologia doutrinária. A proficuidade desse saber está na razão direta do seu bom emprego por parte daqueles que dele tomam ciência. Desse modo, é preciso que nos apropriemos de tal forma do saber contidos nas obras básicas da Doutrina dos Espíritos que, por via de consequência, nos façamos senhores de nós mesmos, ou seja, emancipados intelectualmente da cegueira espiritual do materialismo, tanto quanto das superstições.

O mestre de Lyon ainda afirmou em outras palavras que o Espiritismo independe de qualquer crença científica ou religiosa e não propõe que fora do Espiritismo não há salvação; tanto

quanto não pretende explicar toda verdade, razão pela qual não propôs – “fora da verdade não há salvação”. Os preceitos kardecianos consubstanciam-se no manancial mais expressivo das verdades eternas. A missão da Doutrina Espírita perpassa o processo de reerguimento do edifício desmoronado da crença cristã.

Estranhos movimentos espíritas

O “movimento espírita” está indesejavelmente fracionado. Têm surgido várias correntes ideológicas estranhas e muitos reformadores (“progressistas”) interpretando Kardec equivocadamente. Querem adaptar o Espiritismo aos seus pendores a invés de se adaptarem à Terceira Revelação.

Existem grupos (Ligas, Uniões etc.) alavancados na difusão das chamadas “campanhas do quilo” (atualmente bem arrefecidas) impondo ao movimento doutrinário práticas inspiradas nas supostas curas “desobsessivas” por corrente magnética e choques anímicos, apometrias e outras..., contrariando o projeto dos Espíritos, segundo a Codificação.

Há um inusitado “movimento laico”, repudiando o aspecto religioso da Doutrina. Aliás, o projeto de tal segmento é a extinção da pergunta 625 (1) do Livro dos Espíritos. Têm aversão e não aceitam, nem com “reza braba”, a liderança de Jesus nos destinos do Planeta. Tais títeres da ilusão e “laicos” não querem nem ouvir falar da tal CARIDADE. Desfraldam a bandeirola da retórica do “livre-pensamento”, utilizando o paradigma da “surrada dialética” almejando tumultuar o movimento espírita brasileiro.

Não há como deixar de citar o tal “movimento de unificação” liderado por algumas federativas (aqui fazemos ressalva à Federação Espírita do Paraná), propondo incompreensível hierarquização no movimento espírita, submetendo os espíritas à sua ordem quase sempre promovendo e comercializando livros de conteúdos estranhos e autores de reputação moral discutível, além de promoções de encontros “espíritas” não gratuitos. Urge sejam evitadas as apelações para comercializações de livros espíritas caros, agenciamentos de eventos doutrinários (não gratuitos), lotações de hotéis e centros de convenções com seminários e congressos (não

gratuitos). Recordemos que o ideal de União (diferente de Unificação burocratizada) será projeto pouco produtivo enquanto ainda existir nos centros e federativas as "panelinhas", as bajulação e traições para conquistas de cargos.

Cresce o chamado movimento de “amigos de Chico Xavier e sua obra”, objetivando supostamente a manter “acesa” na mente dos espíritas “a vida simples e as obras do médium mineiro”. Será que o lúcido Chico Xavier aceitaria essas homenagens? DUVIDAMOS muito!. Também nesses movimentos difundem livros e informativos de conteúdos que merecem estudo e reflexão.

A Doutrina Espírita é pura e incorruptível, porém, o movimento espírita é suscetível dos mesmos graves prejuízos que dificultaram a ação do cristianismo tradicional, hoje bastante fracionado. Como não se pode imaginar o espírita com duas condutas divergentes, a conduta do homem e a conduta do espírita, também não se pode imaginar o movimento espírita, ora acontecendo segundo os preceitos espíritas, ora segundo outros preceitos duvidosos, aceitos equivocadamente no seu contexto em nome da tolerância piegas.

Allan Kardec é único. Espiritismo também, por conseguinte. O mestre lionês sempre preconizou a unidade doutrinária. Não há o menor espaço para compor com outras ideias que não sejam, ou convergentes e em uníssono com as suas, ou reflexos resplandecente destas. Unidade doutrinária foi a única e derradeira divisa de Allan Kardec, por ser a fortaleza inexpugnável do Espiritismo. Por isso, necessita ser o nosso lema, o nosso norte, a nossa bandeira. Como conseguir? O amor é a resposta.

Não há o amor quando se impõe teorias e práticas exóticas, ou não afinadas com a simplicidade e pureza dos trabalhos espíritas, comprometendo o projeto doutrinário. Quem compreende essa situação deve trabalhar para modificá-la. A via mais segura, para isso, é o amor incondicional, o esclarecimento, o estudo, o convencimento pela razão e pela tolerância, jamais pelos melindres tacanhos.

Os espíritas não são proibidos de coisa alguma, mas

sabendo que devem arcar com a responsabilidade de todos os atos, conscientes do desequilíbrio que possam praticar. Não podemos fingir que tudo está em ordem e harmônico às mil maravilhas ou que somos sublimes cristãos. O Espiritismo não aceita “donos da verdade”, até porque a espiritualidade e Kardec ensinam que a Revelação Espírita é progressiva, não estando completa em parte alguma e nem precisamos fazer um esforço descomunal para nos cientificarmos de que são raros os centros espíritas que podem se dar ao luxo de praticar a mediunidade na sua mais pura acepção.

Em nome de um “Espiritismo plural”, consternamo-nos diante de alguns centros espíritas que propõem aplicações de luzes coloridas (cromoterapias) para higienizar auras humanas e curar (pasmem!): azia, cálculo renal, coceiras, dores de dente, gripes, soluços em crianças, verminose, frieiras. Se não bastasse, recomenda-se até carvão terapia (?!) para neutralizar "maus-olhados". Nesse sentido, segundo crêem, é só colocar um pedaço de tora de carvão debaixo da cama e estaremos imunes do grande flagelo da humanidade - o "olho comprido". Não satisfeitos, ainda têm aqueles que “engarrafam” literalmente os obsessores. Há as inusitadas piramideterapias, gatoterapia (?) sobre isso, conheço alguém que possui cinco gatos em casa para “atrair” as energias negativas, cristalterapias e mais uma infinidade de terapias bizarras, aplicam-se, até, passes magnéticos nas paredes dos centros para “descontaminá-las”.

Por falta de unidade doutrinária (repetimos) há dirigentes promovendo casamentos, crismas, batizados, além das sempre “justificadas” rifas e tômbolas nos centros, tribuna para a propaganda político-partidária, preces cantadas. Isso, para não aprofundar nos inoportunos trabalhos de passes com bocejos, toques, ofegações, choques anímicos (?), estalação dos dedos, palmas, diagnósticos com uso de “vidência": sobre doenças e obsessões, etc.

Desconfiemos de movimentos que não cultivam a simplicidade e priorizam fenômenos mediúnicos, mandamentos, hierarquias. Ajudemos a proscrever os Movimentos centrados na autoridade, na opressão, na exclusão, na submissão, na

discriminação, na desqualificação de quem não abraça o mesmo preceito.

O Cristo não tinha religião. Nós é que, ao institucionalizar diferentes experiências espirituais, criamos as religiões. Já que criamos o movimento religioso avaliemos se a nossa doutrina é amorosa ou excludente, semeadoras de bênçãos ou ainda se ajoelha diante do poder do dinheiro.

Espírita-cristão deve ser o nome do nosso nome, ainda mesmo que respiremos em aflitivos combates íntimos. Espírita-cristão deve ser o claro objetivo de nossa instituição, ainda mesmo que, por isso, nos faltem as passageiras subvenções e honrarias terrestres.

Nota:

(1) O modelo e guia de toda a humanidade é o Nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo

Ser espírita

Toda convicção regiliosa é importante, todavia, se buscamos a Doutrina Espírita, não podemos negar-lhe fidelidade.(1) Por inúmeras razões precisamos preservar a incoluminidade doutrinária. Até porque, ante as funções educativas das crenças religiosas, em geral, explica Emmanuel: só a Doutrina Espírita permite-nos o livre exame, com o sentimento livre de compressões dogmáticas, para que a fé contemple a razão, face a face.(2)

Se as religiões "preparam" as almas para punições e recompensas no além-túmulo, só os conceitos kardecianos elucidam que todos colheremos conforme a plantação que tenhamos lançado à vida, sem qualquer privilégio na Justiça Divina. A Doutrina codificada por Allan Kardec nos oferece a chave precisa para a verdadeira interpretação do Evangelho. Por representar em si mesmo a liberdade e o entendimento.

Há quem interprete seja a Terceira Revelação obrigada a miscigenar-se com todas as peripécias aventureiras e com todos os exotismos religiosos, sob pena de fugir aos impositivos da fraternidade que veicula. Mas temos que acautelar-nos sobre esse lisonjeiro ecletismo, buscando dignificar a Doutrina que nos consola e liberta, vigiando-lhe a pureza e a simplicidade (3) para que não colaboremos, sub-repticiamente, nos vícios da ignorância e nos crimes do pensamento. [grifei]

O legado da tolerância não se pode transfigurar na omissão da obrigatória advertência verbal ante às enxertias conceituais e práticas anômalas que alguns confrades intentam impor nas hostes do movimento doutrinário. Inobstante repelir as atitudes extremas não devemos abrir mão da vigilância exigida pela pureza dos postulados espíritas e não hesitemos, quando a situação se impõe, no alerta sobre a fidelidade que devemos a Kardec e a Jesus.

É importante não esquecermos que nas pequeninas concessões vamos descaracterizando o projeto da Terceira Revelação. É óbvio que a luta pela pureza e simplicidade doutrinária sem vivê-la é consolidar focos de perturbação, impondo normas para os outros, despreocupados da própria vigília. Destarte, para evitarmos determinadas práticas perfeitamente dispensáveis em nome do Espiritismo, entendamos que prática de fidelidade aos preceitos kardecianos é processo de aprendizagem com responsabilidade nas bases da dignidade cristã, sem quaisquer laivos de fanatismo, tendente a impossibilitar discussão sadia em torno de questões controversas, porém não olvidemos que Espírita deve ser o nosso caráter, ainda mesmo nos sintamos em reajuste, depois da queda. Espírita deve ser a nossa conduta, ainda mesmo que estejamos em duras experiências.

Espírita deve ser o nome do nosso nome, ainda mesmo respiremos em aflitivos combates conosco mesmo. Espírita deve ser o claro adjetivo de nossa instituição, ainda mesmo que, por isso, nos faltem as passageiras subvenções e honrarias terrestres.(4)E, ainda, Emmanuel admoesta: Doutrina Espírita quer dizer Doutrina do Cristo. E a Doutrina do Cristo é a doutrina do aperfeiçoamento moral em todos os mundos. Guarda-a, pois, na existência, como sendo a tua responsabilidade mais alta, porque dia virá em que serás naturalmente convidado a prestar-lhe contas. (5) [grifei]

Referências bibliográficas:

(1) Xavier, Francisco Cândido. Religião dos Espíritos, ditado pelo Espírito Emmanuel, RJ:Ed. FEB, 2003

(2) Idem

(3) Idem

(4) Idem Ibidem

(5) Idem

O inferno em chamas

Certo dia, andando pelas ruas de Brasília, por curiosidade, parei para ver um cartaz afixado em um ponto de ônibus, onde várias pessoas se amontoavam para lerem o que nele continha escrito. Para minha surpresa, dizia o seguinte: Almas perdidas e torturadas para sempre e, em letras vermelhas, o arremate explicativo: "O INFERNO EM CHAMAS, 11.000 GRAUS CENTÍGRADOS E NEM UMA SÓ GOTA D'ÁGUA." O cartaz divulgava um filme que seria exibido em uma igreja local. Era um documento produzido por uma instituição norte-americana, registrando, "exatamente", como era o Inferno (!?)

Com a impressionante sensação de estar, há quatrocentos anos, e não sossegando a minha estupefação, deliberei buscar a chama da lógica kardeciana para comentar o tema.

Vivemos, pensamos e trabalhamos - isso é real - e que morremos, não é menos certo, ensina-nos Kardec. Porém, deixando a Terra, para onde vamos? O que seremos após a morte? Estaremos melhores ou piores?

Nesse contexto, o Espiritismo surgiu para enfrentar as comoções provocadas pelas ideologias estranhas e aparece na França - centro cultural do mundo ocidental, à época - em meio a uma torrente de ideologias que induziam o homem ao cepticismo ou, quando não, ao niilismo, principalmente, por causa das proposições da caduca teologia.

Dois anos após ser lançado O Livro dos Espíritos, era lançada a obra que estava, também, destinada a abalar os alicerces, sobre os quais se assentavam as ideias sobre a origem biológica do homem e dos seres da natureza. Charles Darwin entra para a história com o livro intitulado A Origem das Espécies e, com ele, os dogmas mitológicos do ultramontanismo enfrentaram um grande dilema: como explicariam Adão e seu paraíso, o inferno e as penas eternas?

Todos nós somos livres na escolha das nossas crenças. Podemos acreditar em alguma coisa ou não crer em coisa alguma, mas, aqueles que ensinam a ideia das penas eternas, ou um Céu destituído de lógica, ou, ainda, a negação da vida futura, semeiam germens de perigosas consequências.

Crer que o espírito "bonzinho" viva, por toda a eternidade, da contemplação, à espera do Céu, é imaginar uma vida monótona e fastidiosa, após a morte. Aliás, é por isso que as pinturas artísticas da época retratavam os chamados bem-aventurados, mostrando figuras angélicas, onde mais transparece o tédio, em vez da verdadeira felicidade.

Naquela época, a crença mais comum era a de que havia sete céus - daí a expressão "estar no sétimo céu", para exprimir a perfeita felicidade. Os muçulmanos admitem nove céus, enquanto que o astrônomo Ptolomeu, que viveu na Alexandria, no Século II, contava onze céus, e a teologia cristã admite três céus.

Graças a Nicolau Copérnico, no Século XV, foi dado um grande passo em direção à moderna Astronomia, destruindo as teorias geocêntricas ptolomaicas. No Século XVI, Kepler, em sua obra intitulada Mistério Cosmográfico, seguindo o sistema de Copérnico, descobre a verdadeira órbita dos planetas.

Galileu, com as pesquisas de Kepler, criou a mentalidade da Cosmografia científica, abrindo espaço para a síntese newtoniana - base de toda a teoria astronômica. Isaac Newton, no Século XVII, aplicou os princípios da mecânica aos fenômenos celestes, e pelas leis de Kepler deduziu a lei da Gravidade Universal, afirmando que quanto maior o corpo, menor a sua queda. Graças a isso é que se dá o equilíbrio entre os astros.

Hoje, a Ciência tenta explicar com segurança a formação das galáxias, das estrelas. Temos conhecimento de que existem cem bilhões de sóis na Via Láctea, e mais de cem milhões de galáxias, configurando os planos do Universo de Deus, desafiando a inteligência humana.

11.000 GRAUS CENTÍGRADOS E NEM UMA SÓ GOTA D'ÁGUA é bem o inferno, dramatizado pelos escritores Virgílio e Homero, na Grécia antiga, que acabou sendo o modelo do

gênero e se perpetuou no seio cristão, onde teve os seus poetas plagiadores. Ambos têm o fogo material por base de tormento, porém, como sempre, a mitologia cristã exagerou na imagem do inferno. Se os pagãos tinham, como suplícios individuais, os tonéis das Danaides, a roda de Íxion e o rochedo de Sísifo, os cristãos têm, para todos, sem distinção, as caldeiras ferventes. Kardec comenta um sermão, pregado em Montpillier, em 1860, em que o sacerdote citou: "caldeiras que os anjos levantam o tampo para assistirem os tormentos dos condenados sem remissão e Deus ouve-lhes os gemidos para toda a eternidade".

As tradições de diversos povos registram a crença em castigos para os maus e recompensa para os bons na vida além-túmulo, de conformidade com suas obras durante a vida terrena. Todavia, a tese que se fundamenta na existência de um inferno e na eternidade das penas, não resiste à análise objetiva. O fogo eterno é, somente, uma figura de que o homem se utilizou para materializar a ideia do inferno, por considerar o fogo o suplício mais atroz e mais efetivo, para punir almas pecadoras. O homem do Século XXI, não vê sentido lógico nessa tese.

Jesus Se utilizou da figura do inferno e do fogo eterno, para Se colocar ao alcance da compreensão dos homens daquela época. Valeu-Se de imagens fortes, para impressionar a imaginação de homens, que pouco entendiam sobre coisas do espírito. Em muitas outras oportunidades, Ele enfatizou que o Pai é misericordioso e bom e que todos que Deus Lhe confiara, nenhum se perderia.

A Justiça Divina não se manifesta para punir, mas para redirecionar ao bem aquele que se desviou do caminho reto. Deus criou os seres para que progridam, continuamente. Essa evolução se produz pelas diversas experiências, boas e más, e o que nos serve de consolação é saber que o sofrimento não é eterno, como o mal, também, não é.

No Universo de Deus, não há lugar reservado para o inferno eterno e, muito menos, para o inferno em chamas. André Luiz nos fala, sim, sobre o Umbral, onde vivem seres inferiores em evolução, mas que esse lugar não se assemelha ao inferno na

tradicional acepção teológica. No Umbral, os seres que lá se agrupam estão sujeitos, também, à lei do progresso, pois, graças aos mecanismos da reencarnação, todos vão se ajustando, gradualmente, às Leis de Deus.

Não haverá paz entre os homens sem a observância dos desígnios de Deus

Segundo Emmanuel, na Terra já experimentamos "épocas de lutas amargas, desde os primeiros anos do século XX, a guerra se aninhou com caráter permanente em quase todas as regiões do planeta. A Liga das Nações, o Tratado de Versalhes, bem como todos os pactos de segurança da paz, não têm sido senão fenômenos da própria guerra, que somente terminarão com o apogeu dessas lutas fratricidas, no processo de seleção final das expressões espirituais da vida terrestre." (1)

Disse o meigo Rabi: "deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá."(2) Lamentavelmente, somos educados numa cultura de guerra (violência) e não de paz. Os heróis da infância cibernáutica, em sua maioria, são guerreiros, saqueadores e sanguinários. As histórias em quadrinhos e os videogames sempre estão repletos de sensualismos e de violências. Urge criarmos uma cultura de não violência, de paz. Não essa "paz" conquistada por convenções legais ou diplomáticas, porém uma paz oriunda de uma convicção profunda, íntima, que o verdadeiro homem de bem externa em cada gesto, cada palavra, cada pensamento ou cada decisão. O Século XX, recentemente findo, foi o século mais sangrento de todos os anteriores. Após a Segunda Guerra Mundial, já ocorreram 160 conflitos bélicos, resultando em 40 milhões de mortos. Se contabilizarmos os resultados dessas paixões primitivas desde 1914, estes números sobem para 401 guerras e 187 milhões de mortos, numa projeção bem superficial.

Segundo o dicionário "Aurélio", a paz pode ser definida como ausência de lutas, de violências ou de perturbações sociais; pode ser tranquilidade pública. Pode ser, ainda, ausência de conflitos íntimos, ou seja, tranquilidade de alma. O

dicionário também conceitua paz como situação de um país que não está em guerra com outro, ou, ainda, restabelecimento de relações amigáveis entre países beligerantes com a cessação de hostilidades, etc.

Como podemos perceber, para o dicionarista, a paz é tranquilidade pública, sem perturbações sociais, mas é, também, a ausência de conflitos íntimos, é equilíbrio interior, e aí está a definição mais importante.

Jesus declarou que nos daria a sua paz, que deixaria para nós a sua paz, e, neste instante em que a humanidade tanto se desentende, a busca da paz tem sido um delírio constante. Em verdade, a nossa paz, quase sempre, é construída com a infelicidade alheia. Por isso, temos de dar a nossa paz para o semelhante e não retê-la, sendo o único beneficiado.

Enquanto não distribuirmos o supérfluo, ou mesmo parte do necessário, deixando de beneficiar quem está em piores condições, por maior que seja a nossa "paz", ela será aparente, somente, e nada produzirá de útil. Jesus nos deixou, há 2.000 anos, a grande lição do amor, a fim de que chegássemos ao estágio de perfeita harmonia interior. O Mestre Galileu avisou: "Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei,"(3) e, logo adiante, acrescentou: "Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros".(4)

Dentre as possibilidades da conquista da harmonia íntima, é na "caridade que devemos procurar a paz do coração, o contentamento da alma, o remédio para as aflições da vida." (5) A caridade bem compreendida é mais importante do que os fenômenos mediúnicos, do que as pesquisas científicas, do que a fé, do que a esmola, do que o sacrifício. Quem diz isso é Paulo de Tarso, ouçamo-lo: "Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como um bronze que soa ou como um címbalo que tine. Ainda que eu tivesse a dom das profecias, o conhecimento de todos os mistérios e de todas as ciências, ainda que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse a caridade, eu nada seria. Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se

não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria."(6)

As religiões ensinam sobre a importância da beneficência. O Espiritismo afirma que "fora da caridade não há salvação". Os Benfeitores do além nos advertem que sem caridade, toda fé se resume a uma adoração sem proveito; a esperança não passa de uma flor incapaz de frutescência e a própria filantropia se circunscreve a um jogo de palavras brilhantes, em torno do qual os nus e os famintos, os necessitados e enfermos costumam parecer pronunciando maldições.

Atualmente, somos quase 7 bilhões de pessoas na Terra, sendo que 57% estão concentrados em grandes cidades, 21% são europeus, 8% são africanos, 4% são americanos. No jogo frio dos números estatísticos, sabemos que 6% possuem quase 60% de toda riqueza e (pasmem!) 6% (sim, 6% de 60%) são norte americanos. Considerando que 80% de pessoas vivem em condições subumanas, 50% sofrem de desnutrição, 70% não sabem ler, 1% (sim, só 1%) tem educação universitária, 1% possui um computador. Se tivermos alimento suficiente para uma subsistência digna, um vestuário que nos possibilite uma aparência discreta e saudável, um teto que nos abrigue e proteja das intempéries da vida, acreditem, somos mais ricos que 75% da população mundial.

Nesse dramático contexto, ao Espiritismo está reservada a tarefa de alargar os horizontes das propostas de pacificação nos domínios da alma, contribuindo para a solução dos enigmas que atormentam o homem contemporâneo, projetando luz nas questões, quase que indecifráveis do destino e do sofrimento humano.

Por oportuno, evocamos um trecho do espírito Neio Lúcio que cita, no último capítulo do livro Jesus no Lar (O livro traz conversações travadas na intimidade do lar de Pedro, sobre os problemas do Reino de Deus), o seguinte episódio: "(...) Após o último culto doméstico na casa de Simão Pedro, nas vésperas de embarcar para a cidade de Sidon, o Mestre abriu o livro de Isaías e comentou-o com sabedoria, após o que, proferindo a prece de encerramento, advertiu: - Pai, ajude os que não se envergonham de ostentar felicidade ao lado da miséria, do infortúnio e da dor.(...). Ergue aqueles que caíram sob o

excesso do conforto material."(7) A felicidade é mediata, vazada na elaboração das fontes vitais da paz de todos, a começar hoje e nunca terminar, até porque, a alegria de fazer alguém feliz é a felicidade em forma de alegria.

Jamais olvidemos que é impossível deter a paz em abundância sem a máxima observância dos desígnios divinos, sintetizados no Evangelho e desdobrados ao nível da cultura contemporânea pela Terceira Revelação.

Referências bibliográficas:

(1) Xavier, Francisco Cândido. A Caminho da Luz, ditado pelo Espírito Emmanuel, RJ: Ed. FEB 1987

(2) (Jó 14,27).

(3) (João, 13:34-35)

(4) idem

(5) kardec, Allan. Evangelho Segundo o Espiritismo, RJ: Ed. FEB, 2006, Cap. 13, item 11

(6) (1 cor 13,1-3).

(7) Xavier, Francisco Cândido. Jesus no Lar, ditado pelo Espírito Neio Lúcio, RJ: Ed. FEB 1999

O Evangelho Segundo o Espiritismo na linguagem da razão - 150 depois

Jesus, durante milênios, enviou seus emissários para instruir povos, raças e civilizações com conhecimentos e princípios da lei natural. Além disso, há dois mil anos, veio pessoalmente ratificar os conhecimentos já existentes, deixando o Evangelho como patrimônio para toda Humanidade. Examinando o trajeto histórico das civilizações identificamos que em todos os tempos houve missionários, fundadores de Religião, filósofos, Espíritos Superiores que aqui encarnaram, trazendo novos conhecimentos sobre as Leis Divinas ou Naturais com a finalidade de fazer progredir os habitantes da Terra. Entretanto, por mais admiráveis que tenham sido suas missões, nenhum se iguala ao Cristo. Até mesmo porque todos eles estiveram a serviço do Mestre Incomparável, o Guia e Governador Espiritual deste belíssimo planeta.

Segundo o Espírito Humberto de Campos, o Sublime Galileu escolheu Ismael para ser o zelador dos patrimônios imortais que organizam a “Terra do Cruzeiro”. Portanto, Jesus transplantou para o Brasil a árvore da misericórdia informando ao seu escolhido que “na pátria dos meus ensinamentos, o Espiritismo será o Cristianismo revivido na sua primitiva pureza. Sem as ideologias de separatividade, e inundando todos os campos das atividades humanas com uma nova luz.”(1) Naturalmente podemos interpretar “pátria do Evangelho” como símbolo do coração do homem de bem em qualquer espaço geográfico do planeta. Porém, não deve causar estranheza o significado do título “Brasil , Pátria do Evangelho”. Óbvio que esta expressão não reduz a missão do Espiritismo para uma dimensão geográfica, eliminando-lhe a sua universalidade. Da mesma forma, há dois mil anos, Jesus, quando elegeu o povo Hebreu para levar a efeito as suas divinas lições à Humanidade,

ao escolher um espaço geográfico para divulgação do Evangelho, não reduziu a Sua mensagem à Palestina. Mas por que fez essa escolha? Em verdade, naquela época “os israelitas haviam conquistado muito, do Alto, em matéria de fé [monoteísmo], sendo justo que se lhes exigisse um grau correspondente de compreensão, em matéria de humildade e de amor”.(2) Sob essa perspectiva igualmente o Evangelho Segundo o Espiritismo ganhou colossal importância no Brasil e justifica sem dúvida a missão do País na categoria de “Pátria do Evangelho”.

Vamos recordar como surgiu o projeto do terceiro livro da Codificação. Há 150 anos foi um desafio para Kardec organizar o conjunto do mais completo código moral da história – “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Não foi tarefa simples selecionar, estruturar e interpretar as narrativas dos livros canônicos, valendo-se dos argumentos de uma Nova Revelação. O Codificador precisou ficar recolhido na sua residência na Ville Ségur por alguns dias. Em agosto de 1863, recluso em seu domicílio, recebeu “mensagens”, sobretudo do Espírito de Verdade alertando-lhe sobre a repercussão que o livro causaria não só nas hostes teológicas, mas também entre as nações. Seria o edifício sob a qual todas as religiões poderiam abrigar-se.(3) Logo a seguir o Codificador deliberou publicar o livro “Imitation de L’Évangile selon le Spiritisme”, lançado em Paris em abril de 1864.

O Evangelho Segundo o Espiritismo(4) foi dividido em cinco partes, a saber, análise dos atos comuns da vida do Cristo; dos milagres; das profecias; das palavras que serviram para o estabelecimento dos dogmas teológicos e do ensino moral. Sobre este último tema, o ex-chefe druida aclara que o ensino moral jamais foi motivo de disputas teológicas (considerando o sermão da montanha e as parábolas), razão pelo qual estrutura os alicerces básicos do terceiro livro da Codificação. Lembra o ínclito lionês que muitos admiram o apelo moral dos compêndios canônicos, porém poucas pessoas a conhecem profundamente, e menos ainda a compreendem e ou sabem tirar-lhe as consequências. E para agravar a situação, os escritores de renome, os poetas, os literatos trataram os

códigos de moral, entretanto abordaram o assunto "evangélico" através de estilo rebuscado tirando-lhe a simplicidade primitiva, desnaturando o seu encanto e autenticidade.

Allan Kardec afastou-se do aspecto cronológico das narrativas dos evangelistas, optando por agrupar, distribuir e transcrever metodicamente conforme a sua natureza, de maneira a que umas procedessem das outras, tanto quanto possível, visando a melhor compreensão das lições do Senhor da Galileia.

Diversas citações dos evangelistas são ininteligíveis, e muitas parecem sem nexo, por ausência de uma chave que dê o seu verdadeiro sentido. Essa chave o Codificador oferece nos 28 capítulos de O Evangelho Segundo o Espiritismo, com base nas transcrições de Marcos, Lucas, João e Mateus, seguidos de explicações e persuasivas análises do próprio Codificador, reforçados pelas instruções complementares (mensagens mediúnicas) psicografadas em vários países (5) por vários médiuns, ditadas e assinadas por Espíritos de respeitáveis personagens da história do cristianismo.

Entre os vários Espíritos que colaboraram com suas instruções estão os padres educadores Lacordaire e Lamenais, Fénelon (escritor, político, orador, educador e arcebispo de Cambrai), Santo Agostinho (Bispo de Hipona e pai da Igreja Latina), São Luís (um dos reis da França na época das cruzadas), Paulo Apóstolo, Erasto (discípulo de São Paulo), François Nicolas Madelaine (Cardeal Marlot), Sansão, antigo membro da Sociedade Espírita de Paris, Adolfo (Bispo de Alger), João (Bispo de Bordeaux), Vianney (Cura de Ars), Emmanuel, São Vicente de Paulo, Cáritas, Pascal (geômetra, físico, filósofo, e escritor), Irmã Rosália, Enri Eine, Elizabeth de França, Delphine de Girardin, François de Genève, Lázaro, Hahnemann, Simeão, Dufêtre (Bispo de Nevers), Jules Olivier, Michel, V. Monod, uma rainha de França, entre outros, além do Espírito de Verdade, que para muitos se não é o próprio Cristo, certamente é uma plêiade de sublimes procuradores do além que agiram com a permissão direta do Governador da Terra.

Kardec contextualiza o significado de muitas palavras

empregadas com frequência nas narrativas bíblicas, a fim de facilitar a compreensão do verdadeiro sentido de certas máximas do Cristo, bem como a parte histórica sobre os usos e costumes da sociedade judaica dos tempos apostólicos e, por fim, insere o resumo da Doutrina de Sócrates e Platão demonstrando a concordância doutrinária desses precursores do Cristo.

Cumpre, portanto não perdermos de vista a total vinculação do Espiritismo com os ensinos de Jesus. Ele que administra o globo terrestre. Cada palavra que o Mestre plasmou na atmosfera terrena dirige-se a todos nós, ontem, hoje e sempre, independente de onde possamos estar ou o quer que façamos. Um dos mandamentos inesquecíveis do Príncipe da Paz está contido no Sermão da Montanha. Nessa belíssima lauda, avaliada por Mahatma Gandhi como a mais pura essência do cristianismo, o "Iluminado da Índia" disse que se um cataclismo extinguisse toda a sabedoria humana, com todos os seus livros e bibliotecas, se restasse apenas o Sermão da Montanha, as gerações futuras teriam nele toda a beleza e sabedoria necessárias para a vida.

Jesus foi, é e sempre será a síntese da Ciência, da Filosofia e da Religião. A Doutrina dos Espíritos coloca o Evangelho Segundo o Espiritismo na linguagem da razão, com explicações racionais, filosóficas e científicas, sem, contudo abdicar do aspecto sensível da emoção que é colocado na sua expressão profunda, demonstrando que o sentimento e a razão podem e devem caminhar juntos, pois constituem as duas asas de libertação definitiva do homem.

Notas e referências bibliográficas:

(1) XAVIER, F. C. Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho (pelo Espírito Humberto de Campos). 11. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1977

(2) Xavier, Francisco Cândido. A Caminho da Luz, ditado pelo espírito Emmanuel, cap. 7, RJ: Ed FEB, 1999

(3) Obras Póstumas. Tradução de Guillon Ribeiro. Ségur, 9 de agosto de 1863 (Médium: Sr. d'A...) Imitação do Evangelho.

22ª edição, pp. 307-310. FEB, 1987.

(4) A 3ª edição, revista, corrigida e modificada foi publicada em 1866

(5) A melhor garantia de que um princípio é a expressão da verdade se encontra em ser ensinado e revelado por diferentes Espíritos, com o concurso de médiuns diversos, desconhecidos uns dos outros e em lugares vários, e em ser, ao demais, confirmado pela razão e sancionado pela adesão do maior número. (definição contida no Livro dos Médiuns)

Suicídio - uma fuga sem norte, sem sentido, sem razão

Em julho de 1862, Kardec analisa uma estatística estarrecedora e publica na Revista Espírita que “desde o começo do século XIX, o número dos suicídios na França, de 1836 a 1852, era de 52.126 suicídios, ou seja, em média 3.066 por ano. Em 1858, contaram-se 3.903 suicídios, dos quais 853 mulheres e 3.050 homens. Enfim, segundo a última estatística no curso do ano de 1859, 3.899 pessoas se mataram, a saber, 3.057 homens e 842 mulheres."(1)

Atualmente, como se não bastasse o inquietante “Dia Nacional de Prevenção ao Suicídio”, a Justiça francesa está investigando a onda de suicídios na operadora de telefonia France Telecom. Nos últimos anos, 46 funcionários da companhia se mataram – 11 deles apenas em 2010, segundo dados da direção da empresa e dos sindicatos. Infelizmente, é exatamente nos países ricos, em que a ambição e o materialismo se acentuam, onde sobressaem os preconceitos, que o número de óbitos por suicídio é mais aterrorizante. Segundo estimativa dos estudiosos, alguns países do Velho Continente carecem de um “plano nacional para a prevenção de suicídios”, pois é ameaçador o número de mortes auto-infligidas.

Kardec escreveu que o suicídio é contagioso – “o contágio não está nem nos fluidos nem nas atrações; ele está no exemplo que familiariza com a ideia da morte e com o emprego dos meios para que ela se dê; isto é tão verdadeiro que quando um suicídio ocorre de uma certa maneira, não é raro ver vários deles do mesmo gênero se sucederem.”(2) Quinze anos antes da Revolução Francesa, o lançamento do livro “Werther”, do poeta alemão Goethe, provocou uma onda de suicídio na Europa. “Romeu e Julieta, criação de Shakekspeare, assim como tantos Romeus e Julietas da vida real, se matam para

vingar-se de seu ambiente e das pessoas que estão ao seu redor”(3)

Albert Camus, em “O Mito de Sísifo”, defende a tese de que só existe um problema filosófico realmente grave: o suicídio - Julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida é responder a questão de filosofia.(!?) Que o abonem os escritores Artur Shopenhauer em “As Dores do Mundo”, que induz seu leitor invigilante ao suicídio, e Friedrich Wilhelm Nietzsche, que escreveu em “Assim Falava Zaratustra”, que orar é vergonhoso, afirmando que “a ideia do suicídio é uma grande consolação: ajuda a suportar muitas noites más.”(!?)

O suicídio é uma ação unicamente humana, e está presente em todas as civilizações. Suas matrizes originais são abundantes e intricadas. Algumas pessoas (re)nascem com certas desordens psiquiátricas, tal como a esquizofrenia e o alcoolismo, o que obviamente acresce o risco de suicídio. Os determinantes do autocídio patológico estão nas ansiedades mentais, desesperanças, desgostos, intranquilidades emocionais, alucinações recorrentes. Podem estar vinculados a falência financeira, vergonha e mácula moral, decepções amorosas, depressão, solidão, medo do futuro, soberba pessoal (recusa a admitir o fracasso) ou exacerbado amor próprio (acreditar que sua imagem não possa sofrer nenhum arranhão ou ferimento). Mas cremos que a exata causa do suicídio não está nas ocorrências infelizes em si, todavia na atitude como a pessoa cede diante do desgosto.

Há autoextermínios por ideias fixas, realizados fora do império da razão, como aqueles, por exemplo, que ocorreram na psicose, na embriaguez; aqui a causa é meramente fisiológica; mas paralelamente “se encontra a categoria, muito mais numerosa, dos suicídios voluntários, realizados com premeditação e com pleno conhecimento de causa.”(4) O Codificador indagou aos espíritos – “que pensar do suicídio que tem por causa o desgosto da vida?”. Os Benfeitores responderam: "Insensatos! Por que não trabalhavam? A existência não lhes seria uma carga!"(5)

Há dois milênios Jesus disse: “Bem-aventurados os que choram, pois que serão consolados”.(.6) Mas como

compreender a conveniência de sofrer para ser feliz? Por que uns já (re)nascem abastados e outros na miséria, sem nada haverem feito (na atual existência) que justifique essas posições? “A certeza da imortalidade pode confortar e gerar resignação, contudo não elucida essas aberrações, que parecem contradizer a justiça Divina. Se Deus é soberanamente bom e justo, não pode agir caprichosamente, nem com parcialidade. Logo, as vicissitudes da vida derivam de uma causa e, pois que Deus é justo, justa há de ser essa causa.”(7) Na Terra, é preciso ter tranquilidade para viver e conviver, até porque não há tormentos e problemas que perdurem uma eternidade. Lembremos que a vida não assenta em nossos ombros fardos mais pesados que nossos limites de carregá-los. A calma e a resignação hauridas da maneira de avaliar a vida terrestre e da certeza no futuro “dão ao espírito uma serenidade que é o melhor preservativo contra a loucura e o suicídio.”(8) Porém, a incredulidade, a simples suspeição sobre o futuro espiritual, as opiniões materialistas por fim, são os grandes incitantes ao suicídio e ocasionam o acovardamento moral.

Os Benfeitores Espirituais advertem que o suicídio é comparável a alguém que pula no escuro sobre um despenhadeiro de brasas. Após a morte, descrevem os espíritos , advém ao suicida a sede, a fome, a friagem ou o calor insuportável, o cansaço, a insônia, os irresistíveis desejos impudicos, a promiscuidade e as tempestades com constantes inundações de lamas fétidas. E pior, aos que fogem da luta, lembramos que adiar dívida moral significa reencontrá-la mais tarde (pela reencarnação) com juros somados com cobrança sem moratória.

A Terceira Revelação comprova através das comunicações mediúnicas a posição desventurada com que deparam os suicidas e comprova que nenhuma pessoa infringe impunemente a lei de Deus. O espírita tem, assim, vários motivos a contrapor à ideia do suicídio: a confiança de uma vida futura, em que, sabe-o ele, será de tal maneira mais venturosa quão mais infeliz e abdicada tenha sido na Terra.

É vero! O suicídio é uma porta falsa em que o indivíduo,

avaliando alforriar-se de seus incômodos, desmorona em circunstância extremamente mais arruinada. Precipitado violentamente para o Além-túmulo, repleto de fluido vital no corpo aniquilado, revive, continuamente, por longo tempo, os espicaces de consciência e sensações dos últimos momentos, além de permanecer debaixo de penosa tortura, aprisionado aos despojos carnais sob a própria tumba. Como se ainda não bastasse, permanecerá na dimensão espiritual submerso em regiões de penumbras, onde seus martírios serão tenazes, a fim de aprender na dor pungente a respeitar a vida com mais empenho noutras oportunidades reencarnatórias.

Portanto, "a certeza de que, abreviando a vida, chega justamente a um resultado diferente daquele que espera alcançar; que se livra de um mal para ter um pior, mais longo e mais terrível, que não reverá, no outro mundo, os objetos de sua afeição, que queria ir reencontrar; de onde a consequência de que o suicídio está contra os seus próprios interesses. Também o número de suicídios impedidos pelo Espiritismo é considerável, e se pode disso concluir que quando todo o mundo for espírita, não haverá mais suicídios voluntários, e isso chegará mais cedo do que se crê."(9)

Sabemos que a prece é um apoio para a alma; contudo, não basta: é preciso tenha por base uma fé viva na bondade do Criador. Destarte, quando nos advenha uma causa de sofrimento ou de contrariedade, urge sobrepor-se a ela, e, quando houvermos conseguido dominar os ímpetos da impaciência, da cólera ou do desespero, devemos dizer, cheios de justa satisfação: "Fui o mais forte."(11)

Ante o impositivo da Lei da fraternidade, precisamos orar pelos nossos irmãos que deram fim às suas vidas, apiedando-nos de suas dores, sem condená-los.

Referências bibliográficas:

(1)Análise sobre Estatística dos suicídios que Kardec fez do livro "Comédie sociale au dix-neuvième siècle" , autoria de B. Gastineau, publicado na Revista Espírita, julho de 1862.

(2)Idem

(3)Idem

(4)Análise sobre Estatística dos suicídios que Kardec fez do livro “Comédie sociale au dix-neuvième siècle”, autoria de B. Gastineau, publicado na Revista Espírita, julho de 1862

(5)Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, RJ: Ed FEB, 2001, perg. 945

(6)Lc. VI, vv. 20 e 21

(7) Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, RJ: Ed FEB, 2006, cap V

(8)Idem

(9)Análise sobre Estatística dos suicídios que Kardec fez do livro “Comédie sociale au dix-neuvième siècle”, autoria de B. Gastineau, publicado na Revista Espírita, julho de 1862

(10) Kardec , Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, RJ: Ed FEB, 2006, cap V.

Resguardemos kardec das enxertias conceituais e práticas exóticas

Para alguns confrades de índole "light ou clean" (!?),a pureza doutrinária ecoa como algo obscuro, subjetivo. Não compartilhamos dessa tese. Cremos que consiste na observância da simplicidade dos conceitos escritos, praticados e alicerçados na Codificação, cujas recomendações básicas foram apoiadas pelos "Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos Céus", (1) no dizer do Espírito de Verdade, na introdução de "O Evangelho Segundo o Espiritismo".

Aconteceu conosco recentemente: ao término de uma palestra, cujo tema enfatizava a questão das práticas estranhas às normas de conduta que a Doutrina Espírita preceitua, aproximou-se de nós um confrade, deixando transparecer uma série de dúvidas quanto a instituição espírita, onde frequentava, próxima à sua residência. Confessou-nos que estava tentando se harmonizar com aquele grupo, mas a forma como conduziam os trabalhos conflitava com os esclarecimentos contidos nos Livros da Codificação.

Esclareceu-nos, também, que, naquele centro, os trabalhadores adotavam a prática da "apometria" para promoverem sessões de "desobsessão" e que o tratamento pela "corrente magnética" era a coqueluche do centro-oeste brasileiro. (sic) (!?) Disse-nos, ainda, que, enquanto uns utilizavam cristais para energizarem os assistidos, outros recomendavam o hábito da meditação sob pirâmides para o necessário equilíbrio espiritual. Havia, também, aqueles que incentivavam o famoso "banho de sal grosso", juntamente com ervas "medicinais" e outros quejandos.

Convidado para trabalhar naquele centro, em serviços de atendimento aos necessitados da região, mostrou-se-nos extremamente receoso em assumir tal responsabilidade, já que

tais práticas não eram condizentes com os ensinamentos da Doutrina Espírita.

Ao nos questionar se deveria ou não aceitar tal tarefa, esclarecemos-lhe da seguinte maneira: já que ele possuía algum conhecimento sobre as normas da Codificação, e demonstrava bom senso crítico e critério doutrinário, das duas uma: ou ele se afastaria do grupo em que se associara, procurando se identificar com outra instituição, na qual estivessem estabelecidas reuniões nos moldes da Terceira Revelação, ou permaneceria qual missionário, transmitindo, aos poucos, as claras noções da Doutrina Espírita. Lembramos ao nosso irmão que muitos centros sustentam movimentos e ideias hipnotizantes, na tentativa de embutir, na espinha dorsal da Doutrina Espírita, algumas práticas estranhas, sob os auspícios dos apelos assistencialistas de inócuos resultados, e propagam neologismos de impacto para "tratamentos espirituais", supostamente eficazes. Explicamos que o trágico da questão é que esses grupos são dominadores e, por consequência, detêm poder hegemônico no movimento espírita em certas localidades.

Esclarecemos-lhe que o Centro Espírita tem que funcionar como se fosse um autêntico pronto-socorro espiritual, tal qual refrigério em favor das almas em desalinho, e não um reduto de ilusões. A Casa Espírita tem que estar preparada para receber um contingente cada vez maior de pessoas perdidas no lodaçal de suas próprias imperfeições, e que estão nos vales sombrios da ignorância.

Aqueles que lêem livros tidos como de literatura avançada, mas de autores um tanto quanto duvidosos, sem antes lerem e estudarem com seriedade Allan Kardec, correm o grande risco de enveredarem por caminhos estreitos e trilhas confusas, de difícil acesso esclarecedor. Os núcleos espíritas refletem a índole e consciência doutrinária dos seus dirigentes. As práticas que nos narrou o irmão chocam, nitidamente, com os postulados Kardecianos. Logo, aí não se pratica Espiritismo. Contudo, são estágios de entendimento insipientes, talvez necessários para pessoas neófitas (lembrando aqui: a cada segundo o merecimento). Foi preciso lembrá-lo, porém, de que,

mesmo nos grupos mal orientados por seus dirigentes, existem pessoas que se dispõem a ajudar irmãos necessitados, independentemente de regras preestabelecidas, o que lhes confere algum mérito, obviamente.

Alertamos-lhe, todavia, sobre as dificuldades que, certamente, iria encontrar, pois não seria fácil o acesso às mentes cristalizadas em bases de "verdades indiscutíveis", mas nada obstando que aceitasse o desafio, se a vontade de servir fosse maior que as práticas não alinhadas com o projeto Espírita. O importante é servir em nome do Cristo, mesmo convivendo, heroicamente, com práticas vazias de sentido lógico. Por outro lado, serenando-lhe o espírito hesitante, lembramos-lhe de que ninguém é obrigado a conviver sob as amarras dos constrangimentos.

O Espiritismo traz-nos uma nova ordem religiosa que precisa ser preservada. A Terceira Revelação é a resposta sábia dos Céus às interrogações da criatura aflita na Terra, conduzindo-a ao encontro de Deus. Cremos que preservá-la da presunção dos reformadores e das propostas ligeiras dos que a ignoram, e apenas fazem parte dos grupos onde é apresentada, constitui dever de todos nós. "Neste momento, contabilizamos glórias da Ciência, da Tecnologia, do pensamento, da arte, da beleza, mas não podemos ignorar as devastadoras estatísticas da perversidade que se deriva dos transtornos comportamentais"(...) as criaturas humanas ainda não encontraram o ponto de realização plenificadora. Isto porque Jesus tem sido motivo de excogitações imediatistas no campeonato das projeções pessoais, na religião, na política e nos interesses mesquinhos.(...)"(1)

Se abraçamos o Espiritismo, por ideal cristão, não podemos negar-lhe fidelidade. O legado da tolerância não se consubstancia na omissão da advertência verbal diante às enxertias conceituais e práticas anômalas que alguns companheiros intentam impor no seio do Movimento Espírita.

Para os mais afoitos, a pureza doutrinária é a defesa intransigente dos postulados espíritas, sem maior observância das normas evangélicas; para outros, não menos afobados, é a rígida igualdade de tipos de comportamentos, sem a devida

consideração aos níveis diferenciados de evolução em que estagiam as pessoas. Sabemos que o excesso de rigor na defesa doutrinária pode nos levar a graves erros, se enredarmos pelas trilhas de extremismos injustificáveis, posto que redundarão em divisão inaceitável, em face dos impositivos da fraternidade.

É óbvio que não podemos converter defesa de pureza kardeciana em cristalizada padronização de práticas que podem obstar a criatividade espontânea, diante da liberdade de ação. Inobstante repelir atitudes extremas, não podemos abrir mão da vigilância exigida pela pureza dos postulados espíritas. Não hesitemos, pois, quando a situação se impõe, e estejamos alerta sobre a fidelidade que devemos a Kardec e a Jesus. É importante não esquecermos de que nas pequeninas concessões vamos descaracterizando o projeto da Terceira Revelação.

"É necessário preservar o Espiritismo conforme o herdamos do eminente Codificador, mantendo-lhe a claridade dos postulados, a limpidez dos seus conteúdos, não permitindo que se lhe instale adenda perniciosa, que somente irá confundir os incautos e os menos conhecedores das suas diretrizes"(2) É inegável que existem inúmeras práticas não compatíveis com o projeto doutrinário que urge sejam combatidas à exaustão,. nas bases da dignidade cristã, sem quaisquer laivos de fanatismo, tendente a impossibilitar discussão sadia em torno de questões controversas.

Apresentando certa apreensão quanto ao Movimento Espírita nosso 'Kardec Brasileiro' recorda: "a Boa Nova (...) produz júbilo interno e não algazarra exterior (...). Não é lícito que nos transformemos em pessoas insensatas no trato com as questões espirituais. Preservar, portanto, a pulcritude e a seriedade da Doutrina no Movimento Espírita é dever que nos compete a todos e particularmente ao Conselho Federativo Nacional através das Entidades Federadas"(3) (grifamos)

Sobre os que ainda se fixam demasiadamente nas questões fenomênicas, Bezerra lembra: "(...) a mediunidade deve ser exercida santamente, cristãmente, com responsabilidade e critérios de elevação para não se transformar em instrumento

de perturbação e desídia"(4). O exercício da mediunidade deve ser reservado às pessoas que conheçam Espiritismo, posto ser extremamente perigosa a participação de pessoas ignorantes em trabalhos de aguçamentos mediúnicos, e, por desatenção desse tópico, após mais de um século de mediunidade à luz da Doutrina Espírita, temo-la, ainda, atualmente, ridicularizada pelos intelectuais, materialistas e ateístas, que insistem em desprezá-la até hoje.

Lamentavelmente, em nome do Espiritismo, muitos propõem apometrias, desobsessão por corrente mento-eletromagnética (5), aplicações de luzes coloridas para higienizar auras humanas e curar (pasmem!) azia, cálculo renal, coceiras, dores de dente, gripes, soluços em crianças, verminoses, frieiras, etc.. Se não bastasse, recomenda-se, até, carvãoterapia (?!) para neutralizar "maus-olhados". É só colocar um pedaço de tora de carvão debaixo da cama e estaremos imunes ao grande flagelo da humanidade - o "olho comprido"- e, nessa tragicomédia, o Espiritismo vai capengando em certos centros espíritas.

A verdadeira prática Espírita é a expressão da moral cristã, consubstanciada no Evangelho do Mestre Jesus. Assim, o grupo espírita só terá maior credibilidade se houver pureza doutrinária e se a prática estiver conforme os ensinamentos de Jesus, sob qualquer tipo de continente (desobsessão, educação mediúnica, palestras, livros, mensagens, Assistência Social etc.).

No Espiritismo, o Cristo desponta como excelso e generoso condutor de corações e o Evangelho brilha como o Sol, na sua grandeza mágica. Uma doutrina que cresceu assustadoramente nos últimos lustros, em suas hostes surgiram bons líderes, ao tempo em que também apareceram imprudentes inovadores, com a presunção de "atualizar" Kardec.

Recordemos que Kardec legou à humanidade a melhor de todas as embalagens (pureza doutrinária) ao divino presente que é a Doutrina dos Espíritos, e aqueles que têm como base o alicerce do Evangelho podem, até, conviver com qualquer obra ou filosofia, que estarão imunizados contra o vírus das influenciações obsidente.

Referências bibliográficas:

(1) Bezerra de Menezes. (Mensagem psicofônica recebida pelo médium Divaldo Pereira Franco, em 9 de novembro de 2003, no encerramento da Reunião do Conselho Federativo Nacional, na sede da Federação Espírita Brasileira, em Brasília. Publicada em Reformador/Dezembro/2003)

(2) Idem

(3) Idem

(4) Idem

(5) Jornal Alavanca - abril/maio-2000

Quantas vezes perdoarei meu irmão? Um dilema entre a tolerância e a vingança

"Aprendestes que foi dito: olho por olho e dente por dente. - Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal que vos queiram fazer; que se alguém vos bater na face direita, lhe apresenteis também a outra; - e que se alguém quiser pleitear contra vós, para vos tomar a túnica, também lhes entregueis o manto; - e que se alguém vos obrigar a caminhar mil passos com ele, caminheis mais dois mil. - Dai àquele que vos pedir e não repilais aquele que vos queira tomar emprestado"(1)

Como não resistir, como fazer ainda mais do que nos exigem os que nos ofendem? O que entendemos por perdoar? Como perdoar sem permitir que o mal nos envolva, sem nos deixar ficar sob as instâncias daqueles que nos magoam, que nos prejudicam ou nos ferem? Essas questões são instigantes. Todavia, o bom senso nos impõe a seguinte dedução: precisamos compreender e desculpar, ilimitadamente, porque todos nós necessitamos de compreensão e desculpa nas horas do desacerto, mas urge que analisemos os fatos para que os diques da tolerância não se rompam, corroídos pela displicência sistemática, patrocinando a desordem.

Diferentemente do ensino do Cristo, parece fazer parte do mecanismo instintivo de defesa dos seres humanos revidar tapas a um agressor. Neste sentido, segundo alguns, dar a outra face é uma atitude de eficácia duvidosa, contrariando o que Jesus pregou há mais de dois mil anos. Segundo opiniões de pesquisadores mais centrados no materialismo, as religiões, antes de Cristo, não apenas amparavam como, também, incentivavam a vingança desproporcional ao agravo. Os Velhos Textos estão repletos de passagens do tipo "olho por olho", dizem esses estudiosos. Argumentam, ainda, que, como

instituição, a religião é má conselheira no assunto tolerância. As guerras religiosas sempre foram, e ainda são as mais inexplicáveis, as mais duradouras e as mais cruéis da história humana.

Por que carregamos em nossa intimidade o rancor e o pendor à vingança? Isto pode ser atribuído a perturbações mentais ou morais, a pais ausentes na infância, a questões culturais. Para Jeffrie Murphy "a cultura é um fator determinante na frequência com que os desejos de retaliação se manifestam numa sociedade." Murphy afirma, ainda, (pasmem!) que a Pátria do Evangelho "aparece em terceiro lugar nas estatísticas entre as nações nas quais o sentimento de vingança é mais acentuado, atrás da Bielo-Rússia e da Bélgica".(2) Para alguns estudiosos, o desejo de vingança é uma parte perfeitamente normal da natureza humana e sua supressão pode ser, apenas, um daqueles recalques que a vida moderna em sociedade nos incute. Há quem descubra qualidades no ressentimento. Jeffrie sugere três (acreditem!): auto-respeito, autodefesa e respeito pela ordem moral. "A pessoa que nunca se ressente, seja de qual for a ofensa, pode ser um santo. Mas, a falta de ressentimentos pode também revelar uma personalidade servil e sem respeito por seus direitos e sua condição de indivíduo livre e moralmente respeitável."(3) Leona Helmsley, uma bilionária norte-americana, usou o testamento para se vingar da família, que detestava. Quando desencarnou, destinou a maior parte da fortuna, de cinco bilhões de dólares, para instituições de caridade (aqui agiu corretamente), porém, também deixou doze milhões de dólares para seu cãozinho maltês, Trouble. Dois, de seus quatro netos, receberam quantias equivalentes à metade da legada ao cachorro. Os demais parentes foram, simplesmente, ignorados. "Eles sabem a razão", escreveu Leona como clara vingança no testamento.(4)

Perdoar coisas leves, contra nós mesmos, é relativamente fácil, mas, quando se trata de algo mais sério, como um assassinato, um estupro, por exemplo, a dificuldade de superação da mágoa aumenta, consideravelmente. Sabemos que refrear o desejo de vingança não é fácil quando alguém

sente o coração transbordar de fúria. Contudo, não podemos esquecer que, entre o desejo de vingança e a execução da ação vingativa, existe espaço suficiente para exercermos o livre-arbítrio, ou seja, a escolha entre o bem e o mal. A vingança será sempre uma atitude insensata e inútil, até porque, nenhum benefício trará ao nosso progresso, e uma vez consumada, terá satisfeito, apenas, à nossa inconformação diante dos desconhecidos motivos do nosso infortúnio.

O convívio com criaturas e sistemas imperfeitos, capazes de nos infligir os mais variados constrangimentos, cerceamentos, limitações, vicissitudes e agressões, constitui o objetivo moral da reencarnação, de modo que disciplinemos, em definitivo, as ideias superiores da vida e as incorporemos ao acervo dos valores que já edificamos no espírito. Nesse sentido, "o perdão é superação do sentimento perturbador do desforço, das figuras de vingança e de ódio, através da perfeita integração em si mesmo, sem deixar-se ferir pelas ocorrências afligentes dos relacionamentos interpessoais".(5) E, mais ainda, pesquisas indicam que o ato de perdoar pode aplacar a tensão, reduzir a pressão sanguínea e diminuir a taxa de batimentos cardíacos. Portanto, é uma questão de saúde. O perdão passou a ser investigado pela medicina. Os vários estudos em andamento seguem a tendência de analisar a influência das emoções na saúde. Perdoar, imagina-se, livra o corpo de substâncias que só fazem mal. Essa tese faz parte do livro O poder do perdão de Luskin.(6)

A intolerância quase sempre dá lugar à agressividade. As decisões emocionais rebentam rápidas como torrentes. Sem a participação do bom senso, são capazes de danificar a harmonia de muita gente. Se nos examinarmos bem, chegamos à conclusão de que sempre poderemos ser mais tolerantes do que temos sido, habitualmente. Porém, há coisas que socialmente são intoleráveis, como a violação dos direitos humanos ou a destruição do planeta, a pedofilia, a corrupção, etc. Muitos "tolerantes" tíbios, eivados de preguiça e inconsciência, mantêm atitude de quem não está "para se chatear", porque isso dá trabalho e, às vezes, até, exige alguma abnegação, mas, isso é covardia! Tolerância não é

indiferença, nem conivência, nem timidez. Pelo contrário, a tolerância pressupõe entendimento superior, sem orgulho ou vaidade; assenta-se na coragem esclarecida para beneficiamento de todos, inclusive dos adversários.

Um método corajoso de perdão foi colocado em prática por Mahatma Gandhi, o Satyagraha(7), isto é, conquistar o adversário, chamando, para si, o sofrimento, objetivando despertar a consciência moral daquele que se quer convencer de que o ato que pratica é impróprio. É um método ousado de perdão, porque implica na tentativa de sensibilizar o agressor no sentido de reverter seu comportamento. Jesus aconselhou amar os nossos inimigos no enfoque de não devolver com a mesma moeda aquilo que nos foi desferido. Oferecer, porém, a outra face (a face do bem), pois, assim, cortar-se-iam, pela raiz, os sentimentos de vingança.

Diante das agressões recebidas, o Cristo passava lições grandiosas, como aconteceu com o soldado que O esbofeteou quando estava de mãos amarradas. Sem perder a serenidade habitual, o Cristo olhou-o nos olhos e lhe perguntou: "se eu errei, aponta meu erro, mas se não errei, por que me bates?" (8) Eis, aí, a verdadeira coragem. O Mestre sofreu a ingratidão daqueles os quais havia ajudado, enfrentou o cinismo dos agressores, foi ultrajado, caluniado, cuspiram-Lhe no rosto e O crucificaram, e Ele tomou uma única atitude: a do perdão.(9) Lembrou da importância de não se colocar limite ao ato de perdoar. "Se vosso irmão pecou contra vós, ide e falai-lhe sobre a falta em particular, entre vós e ele. Se vos ouvir, tereis ganhado um irmão." Então, aproximando-se dele, Pedro disse: "Senhor, quantas vezes perdoarei meu irmão quando ele houver pecado contra mim? Será até sete vezes?" Jesus lhe respondeu: "Eu não digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete."(10)

"No Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram".(11) Jesus não quis dizer para deixarmos de reprimir o mal, mas para não pagar o mal com outro mal. Perdão é o pagamento do mal com o Bem... O perdão nivela os homens pelo que neles há de melhor, libertando quem perdoou dos maus sentimentos que o

escravizavam a quem o feriu.

Mal por mal significa o eclipse absoluto da razão. "Por mais aflitiva seja a lembrança do adversário, recordemo-lo em nossas preces e nas meditações, por irmão necessitado de nossa assistência fraterna. Ainda não readquirimos nossa memória integral do passado e nem sabemos o que nos ocorrerá no futuro".(12) Que seria da Humanidade se não existisse a paciência e a tolerância do Criador para com as criaturas imperfeitas e rebeldes que somos? Perdoar é um ato inteligente, que nos liberta de outras ansiedades e perturbações que nem precisamos enfrentar. Então!...Para quê guardar mágoa?

Referências bibliográficas:

(1) Cf. Mateus, cap. V, vv. 38 a 42

(2) Jeffrie Murphy, autor do livro Acertando as Contas: o Perdão e Seus Limites, disponível acesso em 16-01-09.

(3) Idem

(4) site http://veja.abril.com.br/030908/p_086.shtml, acesso em 15-01-09

(5) Franco Divaldo Pereira. À Luz da Psicologia Profunda, ditado pelo Espírito Joanna de Angelis, Salvador: Editora: LEAL, 2001

(6) Luskin Frederic. O poder do perdão, São Paulo: editora: Novo Paradigma, 2002

(7) Termo cunhado pelo pacifista indiano Mahatma Gandhi em sua campanha pela independência da Índia. Significa o princípio da não-agressão, ou uma forma não-violenta de protesto, como um meio de revolução.

(8) Franco Divaldo Pereira. Palavras de Luz, Sob a inspiração de diversos espíritos, Salvador: Ed. FEEB, 1993

(9) Romanelli Rubens Costa. Primado do Espírito, BH: Ed. Síntese, 1966, Cap. 15

(10) Cf. Mateus, XVIII: V, vv. 15, 21 e 22.

(11) Kardec Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo, RJ: Ed FEB, 2003, cap. VI, item 5, 118.

(12) Xavier Francisco Cândido, Nos Domínios da

Mediunidade, ditado pelo Espírito André Luiz, RJ: Ed. FEB, 2001

Pensar

O dicionarista define o termo "pensamento" como o ato de refletir o processo mental que se concentra em ideias, formulações de conceitos e de juízos. O mecanismo pelo qual se opera o fenômeno do pensamento é enigma que os ilustres acadêmicos não conseguiram, ainda, desvendar. Diz-se que o Universo é a projeção da Mente Divina e a Terra, qual a arquitetamos em seu aspecto político, econômico e social, é reflexo da Mente Humana ainda delirante sob o tacão do egoísmo e da ambição. A mente, em que pese a indefinição do limitado ajuizamento científico, é locus de toda manifestação vital no planeta. Qual um espelho de luz, segundo os Benfeitores espirituais, emitindo raios e assimilando-os, a mente é a matriz de treva ou de luz, alegria ou infelicidade, paz ou guerra, onde quer que se manifeste.

Para fins elucidativos, assinalemos a estrutura mental estratificada em três níveis, a saber: "consciente" (personalidade) como um sistema de acesso, gravação e reprodução; "subconsciente", material adquirido na atual experiência física arquivado temporariamente nos arcanos do ser; e, finalmente, o "inconsciente" (individualidade), conteúdo imêmore, de vidas transatas e que pode ser reconstruído por determinados artifícios psicológicos, a exemplo do sonho e da "regressão" hipnótica.

Categoricamente, muito de nossos atos só advém porque pensamos alguma coisa, cobiçamos algo, cremos ou descremos em algo, receamos algo, ou seja, há uma condição individual que gera um tipo de circulação no mundo palpável. Deste modo, é difícil, na prática, vacilar sobre esse fato, logo, a

influência do que pensamos sobre o que vivemos é bem maior do que comumente concebemos.

"O pensamento é o gerador dos infracorpúsculos ou das linhas de força do mundo subatômico, criador de: correntes de bem ou de mal, grandeza ou decadência, vida ou morte, segundo a vontade que o exterioriza e dirige."(1) Energia viva, o pensamento desloca, em torno de nós, forças sutis, construindo paisagens ou formas e criando centros magnéticos ou ondas, com os quais emitimos a nossa atuação ou recebemos a atuação dos outros.

A gravidade no campo mental é tão contundente quanto no domínio da experiência física. Estaremos sempre sob o influxo de nossas próprias criações, seja onde for. Pensamos, e produzimos vida ao componente imaginado. Temos, então, pensamentos que geram ações, que geram pensamentos, que geram ações. Ações que geram o mundo, que gera ações. O pensamento do outro que constitui o meu pensamento, que constitui o pensamento do outro.

Nessa dinâmica aprendemos que existem pessoas desregradas infestando todos os pontos da Terra, em vista do caráter evolutivo inferior que ainda ostentam os agrupamentos humanos e, muitas vezes, multidões de espíritos devassos exercitam vampirismo junto dos encarnados incautos, puramente no intento de continuar fixados às sensações do campo físico das quais não se desvencilharam (subjugação). Quem mentalize tramóias com o cofre público, violências de toda ordem, erotismos, infidelidade conjugal, crimes, desventura e excitação, só poderá agir e reagir sob o impacto da desarmonia e do desgosto pessoal.

Cada mente é um verdadeiro mundo de emissão e recepção de ondas magnéticas, e cada qual atrai os seres que se lhe assemelham. Os adúlteros se procuram, os tristes agradam aos tristes, os violentos se reúnem, os bons estabelecem laços recíprocos de trabalho e realização. Sob o ponto de vista espírita, "nosso espírito residirá onde projetarmos nossos pensamentos, alicerces vivos do bem e do mal".(2) Atraímos pessoas e recursos de conformidade com a natureza de nossas ideias, aspirações, invocações e apelos. Quem se

atira ao subterrâneo da desonra, da improbidade, do adultério, será influenciado por espíritos perversos e depravados que os buscarão, seduzidos pelo tipo de suas tendências recrimináveis e absorverão os conteúdos mentais lançados, arremessando sobre os desonestos e infiéis as exalações deteriorantes. É do alicerce palpável da ideia que despontam as asas dos anjos e as grilhetas dos condenados. Vigiemos os pensamentos, depurando-os no trabalho incessante do bem, a fim de arremetermos de nós a algema capaz de agrilhoar-nos a indigestos artifícios de vida promíscua. Pelo pensamento malsão, escravizamo-nos a genealogias de agonia cruel, sentenciando-nos, muitas vezes, a séculos de perambulação nos carreiros da dor e do autoextermínio. Nossos pensamentos compõem, no fundo, cargas de força eletromagnética, com as quais golpeamos ou acalentamos, protegemos ou danificamos, vitalizamos ou aniquilamos, e que regressam firmemente a nós mesmos, saturadas dos recursos ditosos ou deprimentes com que lhe assinalamos a rota.

É absolutamente inútil proclamarmos o título de "cristãos" sem nenhum empenho de sublimação do pensamento; aliás, é tão arriscado para alguém quanto deter uma qualificação honorífica entre os homens com menosprezo pela responsabilidade que ela inflige. Segundo os Benévolos seres do além, os títulos de fé não se fundam em meras palavras, acobertando-nos deficiências e desvios morais. Anunciam obrigações de melhoria a que não nos será lícito esquivar, sem agravo de constrangimentos.

O pensamento é um núcleo de forças inteligentes, produzindo plasma sutil que, a exteriorizar-se ininterruptamente de nós, harmoniza recursos de concretude às figuras de nossa imaginação, sob o governo de nossos próprios desígnios. Escalemos o plano superior, instilando pensamento de sublimação naqueles que nos cercam. Procuremos a consciência de Jesus para que a nossa consciência lhe retrate a perfeição e a beleza!...

Para Emmanuel, "a mente é o espelho da vida em toda parte. Ergue-se na Terra para Deus, sob a égide do Cristo, à feição do diamante bruto, que, arrancado ao ventre obscuro do

solo, avança, com a orientação do lapidário, para a magnificência da luz. Nos seres primitivos, aparece sob a ganga do instinto, nas almas humanas surge entre as ilusões que salteiam a inteligência, e revela-se nos Espíritos Aperfeiçoados por brilhante precioso a retratar a Glória Divina.”(3)

Referências bibliográficas:

(1) Xavier, Francisco Cândido. Roteiro, Ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed FEB 1972

(2) Xavier, Francisco Cândido. Pão Nosso, Ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed FEB 2000,

(3) Xavier, Francisco Cândido. Pensamento e Vida, Ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed FEB 1990.